



Fé Diluída

A Secularização na Igreja Evangélica
Contemporânea

Gilberto Cipriano do Nascimento
Aluísio Moreira da Silva Junior
Antônio Soares de Oliveira Filho
(Organizadores)



AYA EDITORA

2025



Fé Diluída

A Secularização na Igreja Evangélica
Contemporânea



Fé Diluída

A Secularização na Igreja Evangélica
Contemporânea

Gilberto Cipriano do Nascimento
Aluísio Moreira da Silva Junior
Antônio Soares de Oliveira Filho
(Organizadores)



AYA EDITORA
2025

Direção Editorial

Prof.º Dr. Adriano Mesquita Soares

Organização

Gilberto Cipriano do Nascimento

Aluísio Moreira da Silva Junior

Antônio Soares de Oliveira Filho

Capa

AYA Editora©

Revisão

Dâmmarys de Araújo Lima Nascimento

Executiva de Negócios

Ana Lucia Ribeiro Soares

Produção Editorial

AYA Editora©

Imagens de Capa

Gerada por Gemini Pro

Área do Conhecimento

Ciências Humanas

Conselho Editorial

Prof.º Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva (UNIDAVI)

Prof.ª Dr.ª Adriana Almeida Lima (UEA)

Prof.º Dr. Aknaton Toczec Souza (UCPEL)

Prof.º Dr. Alaerte Antonio Martelli Contini (UFGD)

Prof.º Dr. Argemiro Midonês Bastos (IFAP)

Prof.º Dr. Carlos Eduardo Ferreira Costa (UNITINS)

Prof.º Dr. Carlos López Noriega (USP)

Prof.ª Dr.ª Claudia Flores Rodrigues (PUCRS)

Prof.ª Dr.ª Daiane Maria de Genaro Chirolí (UTFPR)

Prof.ª Dr.ª Danyelle Andrade Mota (IFPI)

Prof.ª Dr.ª Déa Nunes Fernandes (IFMA)

Prof.ª Dr.ª Déborah Aparecida Souza dos Reis (UEMG)

Prof.º Dr. Denison Melo de Aguiar (UEA)

Prof.º Dr. Emerson Monteiro dos Santos (UNIFAP)

Prof.º Dr. Gilberto Zammar (UTFPR)

Prof.º Dr. Gustavo de Souza Preussler (UFGD)

Prof.ª Dr.ª Helenadja Santos Mota (IF Baiano)

Prof.ª Dr.ª Heloísa Thaís Rodrigues de Souza (UFS)

Prof.ª Dr.ª Ingridi Vargas Bortolaso (UNISC)

Prof.ª Dr.ª Jéssyka Maria Nunes Galvão (UFPE)

Prof.º Dr. João Luiz Kowaleski (UTFPR)

Prof.º Dr. João Paulo Roberti Junior (UFRR)

Prof.º Dr. José Enildo Elias Bezerra (IFCE)

Prof.º Dr. Luiz Flávio Arreguy Maia-Filho (UFRPE)

Prof.ª Dr.ª Maralice Cunha Verciano (CEDEUAM-Unisalento - Lecce - Itália)

Prof.^a Dr.^a Marcia Cristina Nery da Fonseca Rocha Medina (UEA)
Prof.^a Dr.^a Maria Gardênia Sousa Batista (UESPI)
Prof.^o Dr. Myller Augusto Santos Gomes (UTFPR)
Prof.^o Dr. Pedro Fauth Manhães Miranda (UEPG)
Prof.^o Dr. Rafael da Silva Fernandes (UFRA)
Prof.^o Dr. Raimundo Santos de Castro (IFMA)
Prof.^a Dr.^a Regina Negri Pagani (UTFPR)
Prof.^o Dr. Ricardo dos Santos Pereira (IFAC)
Prof.^o Dr. Rômulo Damasclín Chaves dos Santos (ITA)
Prof.^a Dr.^a Silvia Gaia (UTFPR)
Prof.^a Dr.^a Tânia do Carmo (UFPR)
Prof.^o Dr. Ygor Felipe Távora da Silva (UEA)

Conselho Científico

Prof.^o Me. Abraão Lucas Ferreira Guimarães (CIESA)
Prof.^a Dr.^a Andreia Antunes da Luz (UniCesumar)
Prof.^o Dr. Clécio Danilo Dias da Silva (UFRGS)
Prof.^a Ma. Denise Pereira (FASU)
Prof.^o Dr. Diogo Luiz Cordeiro Rodrigues (UFPR)
Prof.^o Me. Ednan Galvão Santos (IF Baiano)
Prof.^a Dr.^a Eliana Leal Ferreira Hellvig (UFPR)
Prof.^o Dr. Fabio José Antonio da Silva (HONPAR)
Prof.^o Dr. Gilberto Sousa Silva (FAESF)
Prof.^a Ma. Jaqueline Fonseca Rodrigues (FASF)
Prof.^a Dr.^a Karen Fernanda Bortoloti (UFPR)
Prof.^a Dr.^a Leozenir Mendes Betim (FASF)
Prof.^a Dr.^a Lucimara Glap (FCSA)
Prof.^a Dr.^a Maria Auxiliadora de Souza Ruiz (UNIDA)
Prof.^o Dr. Milson dos Santos Barbosa (UniOPET)
Prof.^a Dr.^a Pauline Balabuch (FASF)
Prof.^a Dr.^a Rosângela de França Bail (CESCAGE)
Prof.^o Dr. Rudy de Barros Ahrens (FASF)
Prof.^o Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares (UFPI)
Prof.^a Dr.^a Silvia Aparecida Medeiros Rodrigues (FASF)
Prof.^a Dr.^a Sueli de Fátima de Oliveira Miranda Santos (UTFPR)
Prof.^a Dr.^a Tássia Patricia Silva do Nascimento (UEA)
Prof.^a Dr.^a Thaisa Rodrigues (IFSC)

© 2025 - **AYA Editora** - O conteúdo deste livro foi enviado pelo autor para publicação em acesso aberto, sob os termos da Licença Creative Commons 4.0 Internacional (**CC BY 4.0**). Esta obra, incluindo textos, imagens, análises e opiniões nela contidas, é resultado da criação intelectual exclusiva do autor, que assume total responsabilidade pelo conteúdo apresentado. As interpretações e posicionamentos expressos neste livro representam exclusivamente as opiniões do autor, não refletindo, necessariamente, a visão da editora, de seus conselhos editoriais ou de instituições citadas. A AYA Editora atuou de forma estritamente técnica, prestando serviços de diagramação, produção e registro, sem interferência editorial sobre o conteúdo. Esta publicação é fruto de pesquisa e reflexão acadêmica, elaborada com base em fontes históricas, dados públicos e liberdade de expressão intelectual garantida pela Constituição Federal (art. 5º, incisos IV, IX e XIV). Personagens históricos, autoridades, entidades e figuras públicas eventualmente mencionadas são citados com base em registros oficiais e noticiosos, sem intenção de ofensa, injúria ou difamação. Reforça-se que quaisquer dúvidas, críticas ou questionamentos decorrentes do conteúdo devem ser encaminhados exclusivamente ao autor da obra.

F288 Fé diluída: a secularização na igreja evangélica contemporânea [recurso eletrônico]. / Gilberto Cipriano do Nascimento, Aluísio Moreira da Silva Junior, Antônio Soares de Oliveira Filho (organizadores) -- Ponta Grossa: Aya, 2025. 113 p.

Inclui biografia

Inclui índice

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-65-5379-911-0

DOI: 10.47573/aya.5379.2.504

1. Secularização (Teologia). 2. Religião e sociologia. 3. Igreja e Estado
I. Nascimento, Gilberto Cipriano do. II. Silva Júnior, Aluísio Moreira da. III.
Oliveira Filho, Antônio Soares de. IV. Título

CDD: 280

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Bruna Cristina Bonini - CRB 9/1347

International Scientific Journals Publicações de Periódicos e Editora LTDA AYA Editora©

CNPJ: 36.140.631/0001-53

Fone: +55 42 3086-3131

WhatsApp: +55 42 99906-0630

E-mail: contato@ayaeditora.com.br

Site: <https://ayaeditora.com.br>

Endereço: Rua João Rabello Coutinho, 557
Ponta Grossa - Paraná - Brasil
84.071-150

SUMÁRIO

Prefácio	X
Apresentação	XI
Carta aos Coautores - Gratidão e Convite	XIII

01

O Conceito de Secularização	1
--	----------

Gilberto Cipriano do Nascimento

DOI: 10.47573/aya.5379.2.504.1

02

O Crescimento da Igreja Evangélica e os Desafios Modernos	14
--	-----------

Anthony Oliveira de Pontes

DOI: 10.47573/aya.5379.2.504.2

03

O Evangelho do Consumismo: Uma Análise Crítica da Teologia da Prosperidade	25
---	-----------

Dâmarys de Araújo Lima Nascimento

DOI: 10.47573/aya.5379.2.504.3

04

Entre a Cruz e o Entretenimento31

Messias de Araújo Nascimento

DOI: 10.47573/aya.5379.2.504.4

05

Relativização da Doutrina e Moral Cristã41

Katiane Silva de Oliveira

DOI: 10.47573/aya.5379.2.504.5

06

A Política e a Igreja: O Flerte Perigoso45

Antônio Soares de Oliveira Filho

DOI: 10.47573/aya.5379.2.504.6

07

A Igreja como Agência Social54

Francisco Jessivan de Souza Alves

DOI: 10.47573/aya.5379.2.504.7

08

Caminhos para uma fé autêntica64

Aluísio Moreira da Silva Junior

DOI: 10.47573/aya.5379.2.504.8

09

O Futuro da Igreja Evangélica73

Dailton Moura Tofano

DOI: 10.47573/aya.5379.2.504.9

10

A Perda da Autoridade Pastoral e a Autonomia do Indivíduo.....84

Josivan Guimarães de Sousa

DOI: 10.47573/aya.5379.2.504.10

Organizadores96

PREFÁCIO

Em meio ao crescimento da Igreja Evangélica Contemporânea, emerge também um fenômeno que precisa ser seriamente considerado: a secularização. O dicionário define secularizar como tornar secular, isto é, dispensar votos religiosos. Já de início, isso desperta em mim — e acredito que também nos coautores desta obra — uma legítima inquietação: a necessidade de trazer à luz uma discussão sobre essa dispensa indevida e suas implicações para a fé cristã.

O título *Fé Diluída* aponta diretamente para a exposição de equívocos presentes em práticas religiosas contemporâneas e, ao mesmo tempo, propõe caminhos de correção fundamentados em princípios e valores oriundos da mais genuína teologia cristã. Não por acaso, os colaboradores desta obra, criteriosamente selecionados e capitaneados pelo organizador e mentor, professor Cipriano, são reconhecidos por sua fidelidade à verdade sagrada, aliando sólida formação teológica a uma prática ministerial consistente.

Ao longo desta leitura, o leitor será conduzido por análises lúcidas de questões conceituais e desafios impostos pela modernidade, sem que se perca a ancestralidade doutrinária que sustenta a fé cristã histórica. Serão apresentados alertas sobre o consumismo religioso, o paradoxo entre a cruz e o entretenimento, a preocupante relativização da moral cristã e os riscos da instrumentalização política no interior da igreja. Além disso, o livro se propõe a refletir sobre o verdadeiro sentido de uma igreja socialmente relevante, a autoridade pastoral, os caminhos para uma fé autêntica e as perspectivas para o futuro da igreja evangélica contemporânea.

Convido você, leitor, a se predispor não apenas a um deleite intelectual, mas também a um genuíno deguste teológico-doutrinário, que certamente resultará no fortalecimento de preceitos espirituais sólidos. Ao compreendermos com maior clareza o cenário interno atual da igreja, aumentam também as possibilidades de sermos externamente relevantes. Afinal, o que realmente importa é vivermos como praticantes autênticos de uma fé bíblica consistente, robusta e, sobretudo, indiluível.

Boa leitura!

Pr. Aluisio Moreira da Silva Junior

*Instagram e Twitter @PastorAluisioOficial
e-mail praluisio@hotmail.com*

21-99915.0264

Escritor

Pastor da Igreja Batista Belém - RJ

*Mestrado em Teologia com especialização em Ministério Pastoral pelo Luther Rice Seminary
(Atlanta/USA)*

Pós-Graduando em Psicologia Pastoral pela FATIN (Faculdade de Teologia Integrada)

Professor do Seminário Teológico Evangélico Batista Nacional do RJ (CBN)

Professor do Seminário Bíblico Batista do RJ (CBB)

Ex-Presidente da CBN-RJ (Convenção Batista Nacional RJ)

APRESENTAÇÃO

Vivemos um tempo em que a fé cristã continua presente no discurso, nas estatísticas e nas expressões culturais, mas, paradoxalmente, parece cada vez mais enfraquecida em sua substância. Igrejas cheias nem sempre significam corações rendidos; linguagem religiosa abundante nem sempre revela compromisso com o Evangelho; práticas espirituais visíveis nem sempre expressam fidelidade à cruz de Cristo. É nesse cenário ambíguo, marcado por contrastes e tensões, que nasce a obra *Fé Diluída: A Secularização na Igreja Evangélica Contemporânea*.

Este livro parte de uma inquietação pastoral, teológica e espiritual: até que ponto a Igreja Evangélica, ao tentar dialogar com o mundo moderno, não tem assimilado valores, métodos e lógicas que esvaziam a essência do Evangelho? A secularização, aqui, não é compreendida apenas como um fenômeno externo — fruto da modernidade, do Estado laico ou do avanço científico —, mas também como um processo interno, silencioso e, muitas vezes, legitimado dentro das próprias comunidades de fé.

A secularização institucional, cultural e subjetiva tem provocado deslocamentos profundos na maneira como a igreja compreende sua missão, sua mensagem e sua identidade. Em muitos contextos, a fé tem sido ajustada para caber nas exigências do mercado, da cultura do espetáculo, do pragmatismo religioso e da busca incessante por relevância social. O resultado é uma espiritualidade frequentemente fragmentada, utilitarista e antropocêntrica, na qual Cristo deixa de ser o centro e passa a ser um meio para outros fins.

Os capítulos que compõem esta obra não pretendem oferecer respostas simplistas nem fomentar julgamentos apressados. Pelo contrário, propõem uma análise crítica, bíblica e teologicamente fundamentada, dialogando com a sociologia da religião, a história do cristianismo e a experiência pastoral concreta. Trata-se de um convite à reflexão honesta: o que ganhamos e o que perdemos quando a igreja se molda excessivamente aos valores do seu tempo?

Ao longo do livro, o leitor será conduzido a perceber como a secularização se manifesta em áreas como o culto, a liderança, a ação social, a política, a ética cristã, a autoridade das Escrituras e a própria vivência comunitária. Em cada abordagem, permanece um fio condutor: a necessidade urgente de retornar à essência do Evangelho, sem ceder à tentação de diluí-lo para torná-lo mais aceitável.

Este não é um livro contra o diálogo com a cultura, nem uma defesa do isolamento religioso. A história da Igreja demonstra que o cristianismo sempre dialogou com seu tempo. O problema surge quando esse diálogo se transforma em assimilação acrítica, quando a fé deixa de confrontar o mundo e passa apenas a refletir seus valores. Como advertiu o apóstolo Paulo, o chamado cristão não é

para conformar-se com este século, mas para ser transformado pela renovação da mente (Rm 12.2).

Assim, Fé Diluída é, antes de tudo, um chamado. Um chamado à vigilância espiritual, ao discernimento teológico e à coragem pastoral. Um convite para que líderes, estudiosos, membros de igrejas e todos aqueles que amam o Evangelho reflitam sobre os rumos da fé evangélica no contexto contemporâneo. Que estas páginas não apenas informem, mas provoquem; não apenas analisem, mas conduzam ao arrependimento, à renovação e ao reencontro com a centralidade de Cristo.

Se, ao final da leitura, o leitor sentir-se incomodado, questionado ou desafiado, então este livro terá cumprido seu propósito. Afinal, uma fé verdadeiramente viva nunca se acomoda — ela confronta, transforma e permanece fiel, mesmo em tempos de diluição.

Pr. Gilberto Cipriano do Nascimento

Organizador e Mentor do Projeto

CARTA AOS COAUTORES

- GRATIDÃO E CONVITE

Queridos coautores,

Escrevo esta carta com o coração cheio de gratidão. Cada um de vocês aceitou fazer parte deste projeto em um contexto que, humanamente falando, exigia confiança. Muitos não me conheciam pessoalmente, outros apenas de forma pontual, e ainda assim decidiram caminhar juntos, acreditando na proposta, na seriedade do trabalho e, sobretudo, no propósito maior que nos uniu.

Isso não é algo pequeno. Em um tempo marcado por desconfiança, superficialidade e projetos vazios de essência, o simples ato de dizer “sim” já foi, por si só, um gesto de coragem e maturidade espiritual. Vocês confiaram não apenas em uma ideia, mas em um chamado.

Cada capítulo entregue carrega mais do que palavras: carrega experiências, dores, inquietações, convicções e esperança. Este livro não nasceu de vaidade acadêmica nem de ambições pessoais. Ele nasceu do chão da igreja, do ministério vivo, das conversas pastorais, das lutas silenciosas e do amor pelo Evangelho. Por isso, ele é verdadeiro. Por isso, ele tem peso.

Quero agradecer profundamente pela generosidade de cada um. Generosidade de tempo, de reflexão, de entrega e de coração. Vocês não escreveram para aparecer, mas para servir. Não escreveram para agradar, mas para confrontar, exortar e, acima de tudo, chamar à restauração da fé e ao retorno à essência.

Como organizador e mentor deste projeto, aprendi muito ao caminhar com vocês. Este livro me confirmou algo que carrego como convicção: Deus continua levantando pessoas sérias, comprometidas com a Palavra, que não negociam a verdade nem diluem o Evangelho para se adaptar ao espírito do tempo.

Finalizo esta carta deixando não apenas um agradecimento, mas um convite sincero. Este projeto não precisa — e não deve — ser o último. Há muito ainda a ser dito, escrito e compartilhado. Se em algum momento vocês sentirem novamente o desejo de caminhar juntos em novos projetos editoriais, saibam que as portas estarão abertas e o coração também.

Que este livro seja apenas o começo de outras parcerias frutíferas, sempre com o mesmo propósito: glorificar a Deus, edificar a Igreja e permanecer fiéis à essência do Evangelho.

Com respeito, admiração e gratidão!

Pr. Gilberto Cipriano do Nascimento

*Organizador e Mentor do Projeto
Heróis da Fé*

O Conceito de Secularização

Gilberto Cipriano do Nascimento

A Secularização é um processo sociocultural que envolve a redução da influência da religião sobre a sociedade, a política e a cultura. Esse fenômeno ocorre quando valores, instituições e práticas sociais deixam de ser regulados por normas religiosas, tornando-se mais laicos e independentes da fé. O conceito de secularização é amplamente discutido na sociologia da religião e pode ser analisado sob três perspectivas principais:

1. Secularização Social: A perda da influência religiosa nas instituições públicas, como o Estado, a educação e o direito.
2. Secularização Individual: A diminuição da religiosidade nas crenças e práticas dos indivíduos.
3. Secularização Institucional: A transformação interna das religiões, que se adaptam aos valores seculares para manter relevância social.

Neste caso, vamos nos debruçar na Secularização Institucional que se refere ao processo pelo qual as religiões modificam suas estruturas, discursos e práticas para se manterem relevantes em uma sociedade cada vez mais secularizada. Em vez de perder completamente sua influência, muitas tradições religiosas ajustam suas doutrinas, flexibilizam seus dogmas e incorporam elementos modernos para dialogar com o mundo contemporâneo.

Max Weber argumentou que a modernidade trouxe um “desencantamento do mundo”, fazendo com que as instituições religiosas se adaptassem às novas exigências sociais:

“A racionalização crescente da vida leva a uma diferenciação entre esferas sociais, onde a religião perde seu monopólio sobre explicações e normas morais, sendo forçada a se reconfigurar para continuar exercendo influência.” (Weber, 1920, p. 102).

Weber reconhece o aumento do raciocínio lógico, da aplicabilidade da razão em todos os espaços da vida social moldando a visão de mundo das pessoas, por mais tradicional que ela seja embasada em costumes, crenças e autoridades definidas, para um olhar mais instrumental e orientado por propósitos. As diferentes áreas da vida em sociedade como a política, a economia, a ciência, o direito, a arte

e a religião se tornaram cada vez mais diversas e especializadas. Cada espaço desenvolve suas próprias lógicas, instituições, normas e especialidades, com muita autonomia umas em relação às outras. Historicamente, em muitas sociedades, a religião desempenhou um papel central, todas as explicações do mundo giravam em torno de sua órbita como origem, propósito, fenômeno naturais e na definição do que é certo e errado, justo e injusto, isto é, moralidade e ética. Seguindo a linha de raciocínio de Max Weber, com o florescimento da reflexão e a distinção dos espaços, outras instituições como a ciência para as explicações e a filosofia se utilizando da ética secular para a moralidade ganham força e disponibiliza alternativas. A religião deixa de ser a única fonte legítima de conhecimento e de orientação moral, perdendo seu “monopólio”.

Diante da perda de seu monopólio e da crescente autonomia de outros espaços, a religião é obrigada se adaptar para continuar relevante e influente na sociedade moderna. Desta forma, podemos afirmar metaforicamente que a religião contemporânea é um camaleão. Um camaleão? Como assim? Raciocinem comigo. Os camaleões são répteis pertencentes à família Chamaeleonidae, conhecidos por sua habilidade de mudar de cor, olhos independentes e língua projetável para capturar presas, pois, assim como esse réptil, ela se adapta constantemente ao ambiente sociocultural para sobreviver e permanecer relevante.

Podemos notar o grande esforço que as igrejas evangélicas (não generalizando) vem fazendo para se adaptar ao mundo hodierno, em seu ambiente social e cultural onde está inserida. Assim como o camaleão muda de cor conforme seu contexto, as igrejas evangélicas se ajustam para dialogar com novas tendências sociais. Vejamos alguns exemplos:

- As igrejas evangélicas adotam tecnologias como redes sociais e cultos online.
- Líderes religiosos incorporam discursos sobre diversidade, ciência e direitos humanos para alcançar novos públicos.
- O cristianismo contemporâneo se fragmenta em diversas vertentes como tradicionais, neopentecostais, progressistas, entre outras, moldando-se às diferentes realidades culturais.

Peter Berger (1967) argumenta que a modernidade força as instituições religiosas a se reformularem, tornando-se mais flexíveis para competir em um ambiente pluralista.

Peter Berger afirma que, na modernidade, as religiões não desaparecem, mas precisam competir em um mercado de crenças:

“As instituições religiosas, para sobreviver em um ambiente secular, tornam-se cada vez mais voluntárias e adaptáveis, enfatizando experiências subjetivas em vez de doutrinas rígidas.” (Berger, 1967, p. 131).

Dando continuidade a metáfora do camaleão, você já viu um camaleão mudando de cor? Seja pessoalmente ou através de vídeo? Pois é, podemos usar

a mudança de cor desse réptil para a comunicação da religião no mundo moderno. Assim como este animal ajusta sua coloração para se destacar ou se defender, as igrejas modificam sua linguagem para se conectar com diferentes públicos, entendeu? Isso lhe soa familiar? Vejamos:

- Uso de músicas pop e cultura gospel, o show gospel para atrair jovens (veja o capítulo 4).
- Enfoque em mensagens motivacionais e coaching religioso.
- Reformulação de doutrinas para aceitar novas normas culturais.

Segundo Charles Taylor (2007), afirma: “A secularização não significa o desaparecimento da religião, mas sua transformação, moldando-se às condições culturais do presente” (TAYLOR, 2007, p. 189). Taylor também afirma que: “As igrejas perceberam que sua sobrevivência depende da capacidade de dialogar com a cultura contemporânea, reformulando sua linguagem sem abandonar completamente suas raízes”, essa frase resume uma observação crucial sobre o desafio enfrentado pelas instituições religiosas no mundo moderno e secular. Para entender plenamente o que Taylor quis afirmar, é preciso considerar alguns pontos em sua obra magna, “A Secular Age” (Uma era Secular).

Desmembrando a Afirmação de Taylor:

- “As igrejas perceberam que sua sobrevivência depende da capacidade de dialogar com a cultura contemporânea...”: Taylor argumenta que vivemos em uma “era secular” de uma maneira muito específica. Não se trata apenas do declínio da crença religiosa ou da retirada da religião da esfera pública (embora isso possa ocorrer). Para Taylor, a secularização significa uma mudança nas “condições de crença”. Em sociedade pré-modernas, a crença em Deus era quase inevitável, o “default”¹. Na era secular, a fé se tornou uma opção entre muitas outras visões de mundo (incluindo várias formas de descrença e espiritualidade secular). Nesse contexto de pluralismo de crenças e ausência de uma “crença padrão”, as igrejas podem mais simplesmente pressupor a adesão de seus membros ou da sociedade em geral. Para se manterem relevantes e atraírem ou manterem fiéis, elas precisam se engajar ativamente com as ideias, valores e preocupações da cultura contemporânea. Ignorar essa cultura ou se colocar em oposição frontal a ela pode levar ao isolamento e à perda de influência.
- “...reformulando sua linguagem...”: O vocabulário, as formas de expressão e os métodos de comunicação utilizados pelas igrejas tradicionalmente podem não ressoar com as pessoas que foram moldadas pela cultura contemporânea. Essa cultura é influenciada pela ciência, pela tecnologia, pelo individualismo, pelo pluralismo de valores e por novas formas de

1 A religião era o padrão social, cultural e político predominante. Tudo girava em torno da religião: costumes, leis, moral, educação, ciência e política. Não era algo “escolhido”, mas sim algo presente por natureza na vida das pessoas, desde o nascimento. Esse conceito é discutido logo no início do livro, especificamente na página 25 da edição em espanhol (Una era secular) de Charles Taylor.

entender a identidade e a moralidade. Para que sua mensagem seja compreendida e considerada relevante, as igrejas precisam encontrar novas maneiras de articular suas crenças e seus ensinamentos, utilizando uma linguagem que faça sentido para o público atual. Isso não significa necessariamente mudar a essência da mensagem, mas sim a forma como ela é comunicada.

- “...sem abandonar completamente suas raízes.”: Este é um ponto crucial de equilíbrio. A reformulação da linguagem e o diálogo com a cultura não devem implicar em uma renúncia total aos princípios fundamentais, às doutrinas e à história da fé. Abandonar completamente suas raízes significaria perder sua identidade distintiva e sua razão de ser. A sobrevivência a longo prazo não se trata apenas de ser popular ou relevante no momento, mas de manter a integridade de sua mensagem central ao longo do tempo. A reformulação da linguagem deve ser um processo de tradução e adaptação, não de substituição da essência.

Em resumo, o que Charles Taylor quis afirmar é que, na atual “era secular” caracterizada pelo pluralismo de crenças e pela influência da cultura contemporânea, as igrejas precisam ser proativas e adaptáveis para garantir sua continuidade e relevância. Isso envolve uma comunicação eficaz que leve em conta as sensibilidades e os modos de pensar do mundo atual, ao mesmo tempo em que se mantém fiel aos seus princípios e à sua herança teológica e histórica.

A frase de Taylor reflete uma tensão dinâmica entre a necessidade de adaptação para sobreviver e a importância de preservar a identidade essencial. As igrejas que conseguiram navegar com sucesso essa tensão terão mais chances de continuar a influenciar e atrair pessoas na cultura contemporânea.

Neste sentido, podemos inquirir: As igrejas atualmente estão usando estratégias de sobrevivência, oportunismo ou evolução? No mundo animal, o camaleão usa sua capacidade de camuflagem para se proteger de predadores, e a religião também se reinventa para evitar a irrelevância. Algumas adaptações são vistas como legítimas, enquanto outras podem ser criticadas como oportunismo. Por exemplo:

- A Teologia da Prosperidade explora o desejo de ascensão financeira.
- Igrejas mudam posturas sobre temas polêmicos para não perder fiéis.
- Algumas denominações enfatizam experiências emocionais intensas em vez de doutrinas teológicas profundas.

Max Weber (1920) argumenta que, na modernidade, a religião adota uma racionalização estratégica, ajustando-se às demandas do capitalismo e da cultura de consumo. No seu livro “Deus na Era Secular”, Keller questiona: “A religião não está desaparecendo?” E o autor narra uma experiência que diz o seguinte:

“Uma senhora da minha igreja trouxe um colega do mundo dos negócios para visitar um culto dominical. O homem de quase sessenta anos ficou perplexo ao ver milhares de profissionais presentes, a maioria jovem e moradores de Manhattan.

Considerou proveitoso o culto, estimulante para o pensamento, emocionante até. Depois ele reconheceu para a amiga que a experiência fora inquietante. Ela quis saber o porquê. Ele respondeu: “Sempre tive a convicção de que a religião está definhando, ao menos entre pessoas instruídas e com toda certeza entre os jovens adultos atraídos por coisas como concertos de rock cristão. Mas minha experiência aqui na igreja abre uma espécie de buraco nessa conjectura”. (Keller, 2018, p. 23).

O relato apresentado por Timothy Keller (2018, p. 23) expõe um elemento central para o debate sobre a persistência e a reformulação da religiosidade em sociedades contemporâneas: a surpresa de um indivíduo altamente escolarizado diante da vitalidade da fé cristã entre jovens urbanos. A expectativa do visitante, marcada por uma convicção secularista de que a religião estaria em processo de declínio — sobretudo entre as novas gerações —, é confrontada por uma realidade que escapa aos paradigmas modernistas de progresso e racionalização.

A reação inquieta do empresário revela o confronto entre uma visão sociológica linear do desaparecimento da religião e sua efetiva reinvenção em ambientes tidos como secularizados. Ao encontrar uma igreja lotada de jovens profissionais em Manhattan, ele presencia uma prática religiosa que não apenas subsiste, mas que se mostra esteticamente atraente, intelectualmente provocadora e emocionalmente envolvente — contrariando os pressupostos que vinculam a religiosidade a tradições ultrapassadas ou a contextos de menor instrução formal.

Esse episódio, embora pontual, ecoa os dados de pesquisas recentes, como as projeções do Pew Research Center, que indicam um crescimento global das religiões, inclusive entre populações urbanas e escolarizadas. O caso narrado por Keller sugere que a secularização, ao contrário de eliminar o fenômeno religioso, o desloca e o reformula, fazendo emergir novas expressões de fé que dialogam com o tempo presente.

Refletir sobre esse tipo de experiência exige reconhecer que, ao lado da expansão do secularismo, desenvolve-se uma religiosidade adaptativa, capaz de penetrar ambientes cosmopolitas e de estabelecer pontes entre fé e cultura contemporânea. A religião, longe de desaparecer, passa a operar em novas linguagens e formatos, desafiando tanto os que nela creem quanto os que, por muito tempo, a consideraram um resquício do passado.

Bauman (1998), por sua vez, ao refletir sobre a modernidade líquida, mostra como as instituições tradicionais perderam sua rigidez, sendo substituídas por formas mais flexíveis e individualizadas de organização. Nesse cenário, a religião não desaparece, mas se transforma: ela se adapta às dinâmicas da vida contemporânea, às exigências do consumo simbólico e à busca de sentido em meio à fragmentação. Podemos dar mais uma ênfase sobre o culto cristão frequentado pelo empresário, ao ser descrito como emocionalmente envolvente e intelectualmente estimulante, se apresenta como uma dessas novas formas religiosas que dialogam com as demandas da subjetividade moderna.

Igualmente, Casanova refuta a ideia de que a modernização leva ao desaparecimento da religião, argumentando que muitas instituições religiosas adotam novas estratégias para permanecerem relevantes: “Em vez de desaparecer, a religião se transforma, ocupando novos espaços na esfera pública e reformulando sua identidade para atender às expectativas seculares” (Casanova, 1994, p. 45). Já Peter Berger, um dos principais teóricos da secularização, reviu suas posições anteriores e, em obras como *A Rumor of Angels* (Um Rumor de Anjos 1969) e em textos posteriores, reconhece que a teoria da secularização como desaparecimento da religião não se sustentou empiricamente. Segundo Berger (1999), o mundo moderno está longe de ser um mundo sem Deus; ao contrário, observa-se o que ele chama de “dessacralização incompleta” e o florescimento de mercados religiosos, nos quais diferentes crenças competem por legitimidade e adesão.

Jack Goldstone, professor de políticas públicas na George Mason University, é citado: “Os sociólogos queimaram a largada quando afirmaram que o avanço da modernização traria um aumento da secularização e da descrença. Não é o que estamos vendo”, afirma ele. “As pessoas precisam de religião²”. Em 1966, John Lennon³ foi um representante do que achava que a religião iria desvanecer como uma névoa. Ele chegou afirmar que: “O cristianismo acabará. Desaparecerá, minguará para sempre. Não preciso argumentar acerca disso; estou certo e o tempo provará que tenho razão⁴”.

Entretanto, a previsão não se concretizou e o Lennon não está, mas entre nós para ver como ele estava errado. Ao longo da última geração filósofos como Alasdair MacIntyre, Charles Taylor e Alvin Plantinga têm produzido um importante conjunto de obras acadêmicas em apoio à crença em Deus e criticando o secularismo moderno de maneiras que não são nada fáceis de responder⁵. Contrariando as visões de um

2 Sarah Pulliam Bailey, “The world is expected to become more religious – not less”, *Washington Post*, April 24, 2015.

3 John Lennon (1940-1980) foi um músico inglês, líder e guitarrista da maior banda de rock de todos os tempos “Os Beatles”. Sua canção “Imagine” se tornou uma espécie de hino à paz mundial. https://www.ebiografia.com/john_lennon/ - Biografia de John Lennon - eBiografia

4 Maureen Cleave, “The John Lennon I Knew”, *Telegraph*, October 5, 2005, disponível em: www.telegraph.co.uk/culture/music/rockandjazzmusic/3646983/The-john-Lennon-I-knew.html ou Entrevista com John Lennon: *London Evening Standard* 04/03/1966 - Como vive um Beatle? Maureen Cleave - “Somos mais populares que Jesus agora” - Banco de dados de entrevistas dos Beatles Acessos em 12 de Abril de 2025.

5 Veja Alasdair MacIntyre, *Whose justice? Whose rationality?* (Notre Dame, Estados Unidos: University of Notre Dame Press, 1988) [edição em português: *Justiça de quem? Qual racionalidade?*, tradução de Marcelo Pimenta Marques (São Paulo: Loyola, 1991)] e *After virtue*, 3. Ed. (Notre Dame Press, 2007) [edição em português: *Depois da virtude*, tradução de Jussara Simões (São Paulo: Educ, 2001)] Charles Taylor, *A secular age* (Cambridge: Harvard University Press, 2007) [edição em português: *Uma era secular*, tradução de Nélcio Schneider; Luiza Araújo (São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2010)]; Alvin Plantinga, *Warranted Christian belief* (Oxford: Oxford University Press, 2000) [edição em português: *Crença cristã avalizada* (São Paulo: Vida Nova, 2018)] e *Where the conflict really lies: Science, religion, and naturalism* (Oxford: Oxford University Press 2011) [edição em português: *Ciência, religião e naturalismo: onde está o conflito?* (São Paulo: Vida Nova, 2018)]. Não só os crentes em Deus estão produzindo conhecimento de alto nível, como um número surpreendente de pensadores seculares de ponta, em anos mais recentes, têm defendido que a ciência e a razão sozinhas

mundo secularizado, podemos afirmar que a religião não está em declínio, ou que em algum dia irremediavelmente venha a declinar no mundo contemporâneo.

Assim como o camaleão não deixa de ser camaleão ao mudar de cor, a religião não deixa de ser religião ao se adaptar. O desafio é encontrar um equilíbrio entre inovação e autenticidade, garantindo que a fé continue significativa sem perder sua identidade.

AS ORIGENS HISTÓRICAS DA SECULARIZAÇÃO

A secularização constitui um dos processos socioculturais mais significativos da modernidade ocidental. Sua compreensão demanda uma abordagem histórica que considere as transformações nas relações entre religião, Estado e sociedade. Longe de ser um fenômeno homogêneo, a secularização se construiu gradualmente a partir da crise da hegemonia religiosa no Ocidente, atravessando momentos decisivos que culminaram na separação institucional entre Igreja e Estado e na redefinição da fé como esfera privada. Este capítulo propõe uma análise das principais origens históricas da secularização, compreendendo-a como um deslocamento da autoridade religiosa para uma racionalidade laica, científica e plural.

Durante a Idade Média, especialmente entre os séculos V e XV, a Igreja Católica exerceu uma hegemonia quase absoluta sobre a vida europeia. O poder eclesiástico não se limitava à esfera espiritual, mas estendia-se à política, à economia, à educação e à cultura. Como observa Le Goff (1990), a sociedade medieval era profundamente cristã em sua organização simbólica, sendo a Igreja o eixo central da vida comunitária. A autoridade papal rivalizava com o poder dos monarcas, e a legitimação do trono era, em muitos casos, atribuída ao reconhecimento da autoridade divina.

A partir do século XIV, no entanto, uma série de mudanças culturais e intelectuais começou a minar a centralidade da religião. O Humanismo renascentista, influenciado pela redescoberta dos textos clássicos greco-romanos, promoveu uma visão antropocêntrica e racional do mundo. O Renascimento introduziu uma nova maneira de pensar o ser humano, a natureza e a história, fomentando uma

não podem responder todas as grandes questões humanas. Entre eles se incluem Jürgen Habermas, Thomas Nagel, Ronald Dworkin, Terry Eagleton e Simon Critchley. Eles defendem de diversas maneiras a ideia de que uma visão puramente naturalista do mundo – um mundo em que tudo tem uma causa científica, material – não consegue explicar a realidade dos valores morais ou dar sustentação aos direitos humanos como um programa de justiça. Veja Jürgen Habermas et al., Na awareness of what is missing: faith and reason in a post secular age (Cambridge: Polity Press, 2010); Thomas Nagel, Mind and cosmos: why the materialist neo-Darwinian conception of nature is almost certainly false (Oxford: Oxford University Press, 2012); Ronald Dworkin, Religion without God (Cambridge: Harvard University Press, 2013); Simon Critchley, The faith of the faithless: experiments in political theology (London: Verso, 2012); Terry Eagleton, Reason, faith, and Revolution: reflections on the God debate (New Haven: Yale University Press, 2009 [edição em português: O debate sobre Deus: razão, fé e revolução (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011)]) e Culture and the death of God (New Haven: Yale University Press, 2015) [edição em português: A morte de Deus na cultura, tradução de Clóvis Marques (Rio de Janeiro: Record, 2016)].

valorização da experiência empírica e da dignidade humana. Essa nova orientação do pensamento ocidental não anulou a religião, mas deslocou seu lugar na hierarquia dos saberes. Como destaca Vernant (1999), a famosa máxima atribuída a Protágoras — “o homem é a medida de todas as coisas” — sintetiza bem esse espírito de época.

Um dos marcos mais relevantes na trajetória da secularização foi a Reforma Protestante do século XVI. A partir da ação de Martinho Lutero e outros reformadores, como Calvino e Zwinglio, rompeu-se o monopólio religioso da Igreja Católica. A Reforma defendeu a leitura direta da Bíblia, sem intermediação clerical, e introduziu o princípio do sacerdócio universal dos crentes. Para Berger (1967), esse movimento inaugurou uma pluralidade religiosa sem precedentes na cristandade, plantando as sementes da distinção entre fé e política, entre convicção religiosa e autoridade civil.

Com o advento do Iluminismo, no século XVIII, a secularização ganhou contornos mais nítidos. Os pensadores iluministas, como Voltaire, Diderot, Kant e Rousseau, promoveram a razão como instrumento por excelência para a compreensão da realidade. A crítica ao dogmatismo religioso, à superstição e ao absolutismo encontrou eco em diversos setores da sociedade europeia. Kant (2003) afirma que o Iluminismo representa a saída do homem de sua “menoridade”, isto é, da incapacidade de pensar por si mesmo, provocada por uma dependência histórica das autoridades religiosas.

A Revolução Francesa de 1789 consolidou institucionalmente a separação entre Igreja e Estado, estabelecendo o princípio da laicidade e da liberdade religiosa. O novo modelo político foi baseado em valores racionais, universais e seculares, como a igualdade, a fraternidade e a liberdade. Conforme Foucault (1996), o Iluminismo desemboca na Revolução como sua realização política. O Estado passou a se estruturar com base em direitos humanos e cidadania, e a religião foi deslocada para a esfera privada, sem interferência direta nas decisões políticas. Os séculos XIX e XX testemunharam a consolidação desse processo, com a ascensão da ciência, da Revolução Industrial e da urbanização. O progresso técnico-científico promoveu uma nova forma de compreender e controlar o mundo, sem necessidade de recorrer à explicação sobrenatural. A ciência se tornou o paradigma dominante de conhecimento, e o espaço urbano, cada vez mais laico, enfraqueceu os vínculos tradicionais com as instituições religiosas. Segundo Bauman (2000), a modernidade tornou o mundo “dessacralizado”, e o indivíduo passou a ser o responsável por construir seu próprio sentido existencial.

Contudo, é importante destacar que a secularização não implica necessariamente o desaparecimento da religião. Na contemporaneidade, fala-se em um cenário pós-secular, no qual a religião continua a exercer influência, mas dentro de um ambiente de pluralismo cultural e liberdade de crença. Taylor (2007) argumenta que o mundo moderno não é simplesmente secular, mas multifacetado, permitindo múltiplas formas de convivência entre crenças, descrenças e espiritualidades alternativas.

Por fim, como observa Casanova (1994), a secularização deve ser compreendida não como a extinção da religião, mas como sua reorganização dentro de novos marcos sociais, políticos e simbólicos. Ela resulta de uma longa trajetória de transformações históricas, que ainda se atualizam no presente. Reconhecer essas origens é fundamental para entender os debates atuais sobre laicidade, religiosidade pública e liberdade.

SECULARISMO E SECULARIZAÇÃO

A distinção entre secularismo e secularização é fundamental para a compreensão dos processos de transformação da relação entre religião e sociedade na modernidade. Embora estejam interligados, esses dois conceitos referem-se a fenômenos distintos.

Secularização é um processo histórico e sociológico que implica a perda de influência da religião sobre diferentes esferas da vida social, como a política, a educação, o direito e a cultura. Trata-se de um fenômeno progressivo e muitas vezes involuntário, que pode ser observado em diferentes graus e contextos culturais. A secularização se manifesta, por exemplo, quando o Estado se torna laico, a educação deixa de ser confessional ou quando os indivíduos passam a adotar uma visão de mundo não religiosa (BERGER, 1985).

Já o secularismo é uma ideologia ou postura política e filosófica que defende a separação entre religião e esfera pública, especialmente entre Igreja e Estado. O secularismo visa garantir a neutralidade do Estado diante das crenças religiosas, promovendo a liberdade de consciência e a igualdade entre os cidadãos, independentemente de sua fé (CASANOVA, 1994). Ele pode ser mais ou menos rígido, a depender do contexto: em alguns países, o secularismo assume uma forma militante, enquanto em outros convive com expressões religiosas públicas.

Peter Berger (1985) foi um dos principais estudiosos da secularização e, embora tenha mais tarde revisto algumas de suas conclusões, destacou que a modernidade força as instituições religiosas a se adaptarem a um ambiente pluralista. Charles Taylor (2007), por sua vez, enfatiza que vivemos em uma “era secular”, onde a crença em Deus tornou-se apenas uma entre muitas possibilidades, exigindo das religiões uma reformulação de suas linguagens e práticas.

José Casanova (1994) argumenta que a secularização não significa necessariamente a privatização da religião, mas sim sua reconfiguração diante das novas condições sociais e culturais. Ele mostra que, em muitos casos, as religiões não desaparecem, mas transformam-se e reaparecem em novos espaços, inclusive no debate público, lembram do camaleão?

Em resumo, a secularização descreve um processo sociológico de mudança, enquanto o secularismo é uma doutrina que propõe como o Estado e a sociedade devem lidar com a religião. Compreender essa diferença é essencial para analisar os desafios contemporâneos das religiões em contextos democráticos e pluralistas. A liberdade religiosa, políticas públicas e a liberdade de expressão, ou onde o

discurso religioso pretende mudar ou influenciar decisões estatais no mundo contemporâneo.

A MANIFESTAÇÃO DA SECULARIZAÇÃO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

A secularização, como já discutido, não implica necessariamente no desaparecimento da religião, mas na sua transformação frente às exigências e dinâmicas do mundo contemporâneo. Na sociedade atual, esse processo se manifesta de forma complexa, plural e multifacetada, afetando tanto o espaço público quanto a vivência privada da fé. O fenômeno deixa marcas evidentes nas instituições, nos comportamentos sociais, na linguagem religiosa e até na estrutura litúrgica das igrejas. Tal como o camaleão — metáfora anteriormente empregada —, a religião se adapta para sobreviver em um ecossistema cada vez mais regido por valores seculares, pragmáticos e individualistas.

Uma das principais manifestações da secularização contemporânea é a autonomização das esferas sociais. A religião já não detém mais o monopólio sobre o saber, a ética e a moralidade. A ciência, a filosofia, os direitos humanos e os discursos sobre diversidade ocupam, cada vez mais, um papel normativo na sociedade. Como afirma Charles Taylor (2007), a sociedade secular é marcada não por ausência de fé, mas por uma nova “condição de crença”, em que ser religioso é apenas uma entre várias opções de vida plausíveis e legítimas.

Nesse contexto, a religião passa a ser escolhida, e não mais herdada. Isso leva à sua reconfiguração como uma esfera de consumo simbólico. As igrejas — sobretudo as evangélicas — se veem desafiadas a produzir sentido num mercado competitivo de espiritualidades. Adotam, para isso, estratégias comunicacionais que apelam à estética, ao emocional e à experiência pessoal. É o caso da crescente popularização de cultos-show, uso de linguagem motivacional, investimentos em redes sociais, e da liturgia adaptada aos moldes midiáticos, como apontam autores como Bauman (1998) e Casanova (1994).

Ao mesmo tempo, observa-se a busca por espiritualidade fora das instituições religiosas tradicionais. Esse fenômeno, frequentemente chamado de “espiritualidade líquida”, corresponde a uma religiosidade autônoma, fluida e personalizada, em que os indivíduos selecionam elementos de diferentes tradições religiosas ou espirituais para compor sua prática pessoal (Bauman, 1998). Essa tendência reflete uma mudança significativa: a fé torna-se uma construção subjetiva, moldada pelos desejos, afetos e valores individuais.

A secularização também se manifesta nas mudanças de discurso das próprias instituições religiosas. Ocorre uma tentativa de conciliação com valores modernos como a igualdade de gênero, os direitos LGBTQIA+, a justiça social e a sustentabilidade ambiental. Isso implica necessariamente em ruptura com as doutrinas tradicionais, revelando um esforço para tornar a mensagem religiosa compreensível e aceitável no cenário atual. Segundo Childers (2022) em seu livro *Outro Evangelho? Diz:*

“O movimento emergente tornou-se influente na igreja evangélica no início dos anos 2000. O movimento Emergent Village foi fundado em 1999, sob a liderança de membros de um conselho que incluía: Brian McLaren, Tony Jones, Diana Butler Bass, Doug Pagitt e outros pensadores “fora da caixa” (eventualmente identificados como progressistas) ... Nascido a partir da crença de que a igreja era demasiadamente influenciada pelo modernismo (a ideia de que a verdade podia ser encontrada através do senso comum, da lógica, da razão humana e da ciência), o movimento emergente procurou adaptar o cristianismo ao pensamento pós-moderno, que então dominava a cultura. Em resumo, o pós-modernismo rejeita a ideia de que a verdade absoluta pode ser conhecida. Com ênfase no ativismo social e alcançando aqueles que foram marginalizados, oprimidos e esquecidos pelas estruturas hierárquicas da igreja moderna, o cristianismo emergente era a novidade do momento, sobre a qual todos queriam saber mais” (Childers, 2022, p. 82).

Berger (1999) já havia apontado que, em vez de desaparecer, a religião passou a competir num mercado plural de significados.

No entanto, é importante destacar que nem todas as instituições religiosas caminham na direção de um discurso mais pluralista. Algumas denominações tradicionais e conservadoras, como as igrejas Batista, Presbiteriana e Assembleia de Deus, mantêm posições firmes em relação a temas como a igualdade de gênero e os direitos das pessoas LGBTQIA+, baseando-se em interpretações doutrinárias específicas de suas escrituras. Por exemplo, há declarações públicas dessas igrejas que reafirmam o casamento heterossexual como o único modelo aceito e rejeitam a ordenação de pessoas LGBTQIA+ ao ministério religioso. Tais posicionamentos refletem uma compreensão teológica bíblica e Cristocêntrica, que afirma que o Evangelho de Cristo não é, nunca foi e não será aceitação. E, sim, transformação. Enquanto algumas instituições religiosas buscam atualizar seus discursos para dialogar com os valores contemporâneos, outras reafirmam suas tradições como forma de preservar sua identidade. Vale destacar que esta diversidade de posturas não elimina a existência de debates internos e tensões dentro das próprias comunidades religiosas, demonstrando que o campo religioso também é atravessado por disputas e transformações sociais.

Como explica José Casanova (1994), a secularização não impede o reencantamento religioso ou a emergência do que se chama de “pós-secularismo”, em que a religião volta a ocupar o espaço público com nova roupagem.

Em síntese, na sociedade contemporânea, a secularização se manifesta tanto na fragmentação e pluralização das crenças quanto na reinvenção das formas religiosas. É um processo dinâmico e ambíguo, que desafia as instituições religiosas a permanecerem relevantes sem perderem sua identidade. Assim como o camaleão muda de cor para sobreviver, as religiões também se moldam para continuar a exercer influência, ainda que sob novas formas e com novos significados.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BERGER, Peter L. **The Sacred Canopy: Elements of a Sociological Theory of Religion**. Garden City: Doubleday, 1967.
- BERGER, Peter L. **Um rumor de anjos**: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural. São Paulo: Vozes, 1999.
- BERGER, Peter. **O Dossel Sagrado**: Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião. São Paulo: Paulinas, 1985.
- CASANOVA, José. **Public Religions in the Modern World**. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- CASANOVA, José. **Public Religions in the Modern World**. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- CHILDERS, Alisa. **Outro Evangelho?** (Livro eletrônico / Aline Childers. – São José dos Campos, SP : Editora Fiel, 2022).
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta**: O que é o Iluminismo? Trad. de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2003.
- KELLER, Timothy. **Deus na era secular**: como os céticos podem encontrar sentido no cristianismo / Timothy Keller ; tradução de Jurandy Bravo. – São Paulo : Vida Nova, 2018. 320 p.
- KELLER, Timothy. **Igreja centrada**: fazendo o evangelho brilhar no coração da cidade. São Paulo: Vida Nova, 2018.
- LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente medieval**. São Paulo: Loyola, 1990.
- STUART-FOX, D.; MOUSSALLI, A. **Camouflage, communication and thermo regulation: lessons from color changing organisms**. Philosophical Transactions of the Royal Society B, v. 364, n. 1516, p. 991-998, 2009.
- TAYLOR, Charles. **A Secular Age**. Cambridge: Harvard University Press, 2007.
- TAYLOR, Charles. **Uma era secular**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2007.
- THE WASHINGTON POST – o artigo intitulado **“The world is expected to become more religious – not less”** (O mundo deve se tornar mais religioso – não menos), publicado em 24 de abril de 2015, apresenta projeções do Pew Research Centre sobre o crescimento das religiões no mundo até 2050. <https://www.washingtonpost.com/news/acts-of-faith/wp/2015/04/24/the-world-is-expected-to-become-more-religious-not-less/> Acesso em: 12 de Abril de 2025.

VERNANT, Jean-Pierre. **As origens do pensamento grego**. Rio de Janeiro: Difel, 1999.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

O Crescimento da Igreja Evangélica e os Desafios Modernos

Anthony Oliveira de Pontes

Devido ao avanço tecnológico, ficou mais fácil hoje de mensurar a dimensão que a igreja cristã, em especial, a protestante ou evangélica como muitos a conhecem, tenha um crescimento exponencial. Por meio da tecnologia, vemos muitas igrejas rompendo a bolha e tendo suas reuniões expostas ao vivo em redes online, além de divulgação de vídeos e imagens. Existem até estudos prospectivos que investigam esse fenômeno, e que estimam o impacto dessas novas ferramentas de transmissão e divulgação do evangelho, apontando como resultado, um crescimento no número total de evangélicos no Brasil, chegando até a ultrapassar a população de católicos em poucos anos.

O censo demográfico do IBGE 2022 projetou como resultado que se continuar com os mesmos índices de crescimento, em 2032 o número de evangélicos será equiparável ao de católicos no Brasil¹.

De modo geral, isso pode até reverberar como algo bom, pois adentramos em vários cenários, como na cultura, onde vemos vários artistas declarando publicamente sua fé em Jesus, exibindo aos seus seguidores os cultos realizados em seus lares e tudo mais. Na política, esta “presença evangélica” é perceptível em todas as esferas: municipal, estadual e federal, chegando-se até o ponto de se ter uma famigerada bancada evangélica, a qual dizem defender os direitos dos cristãos. Já na área da saúde, muitos profissionais estão se rendendo ao Criador por causa de experiências sobrenaturais, as quais a medicina e a ciência não conseguem explicar. Mesmo na esfera jurídica percebe-se forte influência, bastando como justificativa que se cite o eminente ministro do Supremo Tribunal Federal que recentemente se tornou também um pastor evangélico, fato amplamente publicizado nas mídias sociais².

Aos olhos carnaís tudo isso poderia soar como algo bom, porém na origem da Igreja do Senhor Jesus, o cenário era totalmente diferente, homens e mulheres que declaravam sua fé em Jesus publicamente, automaticamente se tornavam alvo de perseguição. Quando lemos o livro “Heróis da Fé”, do autor Orlando Boyer, vemos o quão distantes estamos do Real Evangelho. Pois ele narra fatos que aconteceram

logo após as mortes dos apóstolos, quando veio a perseguição e muitos tinham a vida ceifada por não negarem a Cristo. Com isso percebemos também que era justamente diante da perseguição e da adversidade que de fato o povo de Deus prosperava espiritualmente, pois não tinham sua vida por preciosa e focavam unicamente na pregação do Evangelho e na expansão da obra missionária.

Hoje a terminologia “evangélica” tornou-se algo atrativo, porém infelizmente essa atração não ocorre por causa exposição das Sagradas Escrituras, mas sim porque muitos buscam nas igrejas outras vantagens sociais, como uma rede de contatos ou, no bom neologismo, um “networking” melhor para sua vida, buscam relacionamentos ou até barganham sua fé com as famosas “vendas de indulgências” atualizadas. A prevalência das mensagens e conteúdo das reflexões, sempre envolve temas como: pare de sofrer, você é o centro da mensagem de Jesus, fique do jeito que está, Deus não te fez para a miséria, se você não é prospero é porque tem demônios, entre tantos outros, tem desvirtuado o real foco da igreja que é levar o pecador ao arrependimento dos seus pecados, a confissão de que Jesus é o Senhor e Salvador da sua vida e que sem Ele nada podemos fazer.

Para prejuízo de muitos que não conhecem a genuína Palavra, esse sistema no qual a igreja entrou é, de fato, um caminho sem volta, porque se analisarmos de uma forma mais profunda o evangelho não tem crescido, tem inchado, pois aquilo que era para ser repassado de forma fidedigna, a saber, as Sagradas Escrituras, hoje é deturpado pelo universalismo e o evangelho antropocêntrico, ou seja, tudo leva a Deus e o homem está no centro de todas as coisas, ficando assim, distante do legado deixado pelo nosso Senhor Jesus Cristo.

Ele próprio nos alertou no sermão profético encontrado no livro de Mateus 24.12 que por se multiplicar a iniquidade o amor de muitos esfriará, então há uma diferença crucial de quem diz crer em algo, daquele que vive aquilo que crê. Os métodos criados para crescimento estão mais ligados a situações administrativas e de marketing do que ao poder do Espírito Santo.

A Ascensão do Evangelicalismo no Mundo e no Brasil

Historicamente, após a reforma protestante vemos uma série de fatos que serviram para expansão do Santo Evangelho: homens que romperam com a tradição e com o sistema religioso preponderante da época, com isso surgiram vários servos de Deus que foram basilares no contexto acadêmico, fazendo assim com que os irmãos se voltassem aos estudos das Sagradas Escrituras. Neste contexto, as cinco solas da reforma serviram de espinha dorsal para a expansão saudável do santo evangelho, as quais são: *Sola Scriptura* (Somente a Escritura), *Solus Christus* (somente Cristo), *Sola Gratia* (somente a Graça), *Sola Fide* (somente a fé) e *Soli Deo Gloria* (glória somente a Deus).

Depois da lacuna espiritual e teológica que tivemos entre os pais da igreja até a reforma protestante, vemos uma expansão que fora ocasionada pelo temor e terror. A igreja romana exercendo um papel de estado, subjugava nações, tendo como pano de fundo a infundada ideologia de que suas atitudes e feitos eram

realizados em nome de Deus, ou seja, uma causa maior e transcendente³.

A igreja romana observando a ignorância do povo, viu uma possibilidade de controlar a grande massa que não pensava e tampouco conhecia as escrituras. Porém, a verdade não é algo que pode ser negociado, pois a verdade não está atrelada a relacionamentos ou filosofias vazias, a verdade se chama uma Pessoa, e não é qualquer pessoa é no nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo!

Em João 8.32 ele diz “e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”. Hodiernamente, esse texto bíblico foi muito usado em questões políticas e de cunho pessoal, como relacionamentos, estilos ou visões de mundo, porém é mais profundo do que isso, pois geralmente quem vive na mentira não consegue ser confrontado pela verdade, que é Jesus. Assim como o apóstolo Paulo bem falou em 2 Timóteo 4.3-4: “Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos, e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se a fábulas”.

A sede pela revelação da palavra de Deus deu início a um grande avivamento mundial nos séculos XVIII à XX com grandes avivalistas como Charles Spurgeon, John Wesley, Jonathan Edwards, Frank Bartleman, Evan Roberts, Tommy Tenney, Leonard Ravenhil, Reinhard Bonnke, entre tantos outros, numa magnitude tal, que só tinha sido observada na época da descida do Espírito Santo, em Pentecostes. O povo que era subjugado pela sua ignorância entendia antes que, para ter acesso a Deus era necessário ter pontos de contato, como sacerdotes, a figura poderosa dos altos cleros, as “águas benzidas”, madeira da cruz de Cristo, pano que cobriu Jesus, entre outras situações que eram resultantes do misticismo religioso preponderante da época.

Contudo, quando o evangelho puro e simples é pregado, acontece o mesmo fenômeno experimentado pelo apóstolo Paulo em sua conversão registrada em atos dos apóstolos no capítulo nove, ou seja, as escamas da ignorância são tiradas e um grande avivamento fez com que várias partes da Europa, África e Ásia fossem alcançadas pelo Senhor Jesus.

Quando, no terceiro século, a igreja entrou no cenário político, compondo parte do Estado, quando Constantino declarou o cristianismo como religião principal do estado, cerca de mil anos depois, as igrejas protestantes tradicionais foram fundadas. Note que, como consequência desse avivamento, foram lançadas as bases para um salto tecnológico que nunca tinha ocorrido, universidades foram fundadas, uma elite pensante foi levantada e o nome do Senhor Jesus se expande a outros continentes, como os Estados Unidos e a América Latina. Então, em tese creio, a América do Sul e alguns outros continentes, foram os últimos a serem alcançados pelo Santo Evangelho⁴.

No final do século XIX, início do século XX uma onda de avivamento chegou no país de Gales, incendiando a Europa, servindo de exemplo para outros avivamentos como o da Rua Azuza, que ocorreu nos Estados Unidos, onde trocavam cartas e tudo mais, pessoas sedentas por Deus, tinham experiências extraordinárias com o

Espírito Santo, quando elas chegavam aos locais das reuniões, confessavam seus pecados e mudavam drasticamente o seu antigo estilo de vida. Como sugestão, recomendo fortemente a leitura dos livros *Avivamento de Gales*, autoria de James Alexander Stewart e *A História do Avivamento Azuza* de Frank Bartleman.

Esse movimento fez com que surgissem os homens de Deus que seriam a ponta de lança para a chegada do movimento pentecostal no Brasil: os irmãos Daniel Berg e Gunnar Vingre. Em sua chegada à nossa terra, eles foram até recebidos pela igreja Batista de Belém, porém após problemas doutrinários devido discordâncias quanto à contemporaneidade dos dons, eles fundaram as Assembleias de Deus do Brasil.

Citei esse fato, pois esse movimento pentecostal influenciou poderosamente para a expansão do Santo Evangelho, utilizando-se de estratégias agressivas, como os impactos evangelísticos, cruzadas, evangelismo porta a porta, volta dos milagres outrora cessados, que tinham como base a frase que diziam “Jesus Salva, Liberta e Batiza com seu Santo Espírito”. Essa evangelização se espalhou de tal modo dando acesso e entrando com mais facilidade na camada mais humilde da sociedade, os quais recebiam com muita alegria as boas novas de Jesus⁵.

Com o passar do tempo, aquilo que era para ser um evangelho relacional acabou se tornando um fardo. Deixamos o jugo leve de Cristo para adotar tradições e práticas que falavam mais alto que a própria Palavra de Deus, conquistada com tanto sangue pelos nossos mártires e pais da fé. Assim, a igreja, que havia experimentado crescimento espiritual, começou a impor sobre o povo cargas pesadas, aproveitando-se da ignorância bíblica. Esse processo resultou em divisões internas e, mais tarde, no surgimento do movimento neopentecostal, que retomou práticas semelhantes às tradições romanas outrora rejeitadas pelo protestantismo.

Tais práticas das igrejas pentecostais que endossaram esse fato, foram: a sacralização do templo, como se para buscar a Deus só se faz de fato dentro de um edifício físico ignorando, por certo, que somos templo e morada do Espírito Santo; venda de indulgências, como terrenos no céu; rosas ungidas ou energizadas para tirar mau olhados ou espíritos ruins; canetas da vitória, derrubem seus gigantes; sal grosso, ou seja, mistificando a igreja e ainda de quebra trazendo umas práticas sectárias.

Além disso, inclui-se o entendimento de que a pessoa para ser salva não basta apenas Jesus, o que o tornaria insuficiente para eles, uma vez que acrescentam uma condição *sine qua non* e antibíblica para a salvação: a de estar vinculado à denominação falada. Esse é um exemplo crasso de uma ideologia de seita e não de uma denominação cristã que seja minimamente saudável. Isso, sem mencionar a famigerada teologia da prosperidade, na qual defende-se que você não pode sofrer, passar por lutas, pois caso você passe, isso indica que você está atrelado a forças demoníacas, esquecendo que somos chamados para perseverar em todo tempo na sã doutrina e sermos irretocáveis como Jó foi.

Estamos agora na terceira leva no Brasil que tem corroborado com o crescimento mais fácil do evangelicalismo, que é a teologia coach, na qual

abominam a questão da submissão aos pastores e endossam cada vez mais o fenômeno dos desigrejados. Tal forma de pensar e fazer igreja, tem entrado muito devido a modernidade, à falta de senso crítico e à limitada dedicação ao estudo da Palavra de Deus.

Métodos fáceis vendem rápido, pessoas geram riquezas pela interação global advinda da internet que dá um norte de que se a pessoa é financeiramente abundante é porque Deus está com ela e todos devem seguir a mesma regra, e se caso a pessoa não seguiu é porque ainda não evoluiu a mente para isso, segregando a pessoa em si mesma a querer mudar de qualquer jeito senão irá viver uma vida abaixo de um jugo satânico e opressão mental da sociedade.

Tensões Entre Tradição e Modernidade

Particularmente eu não sou contra as transformações culturais, pois utilizar dos recursos que temos é algo extraordinário. Já presenciei várias curas instantâneas que Deus operou através do nome do nosso Senhor e Salvador Jesus. Critico, porém não posso me escusar de reconhecer que os avanços nos tratamentos médicos servem a sociedade em geral e cumprem um papel maravilhoso em nosso meio, até porque o próprio Deus que proporciona conhecimento para a humanidade para evoluir cada vez mais a tecnologia, porém Ele nos alerta que o maior dos conhecimentos é o de temer a Ele como está expresso em Provérbios 9.10. As tradições são maravilhosas para conhecimento, aprendizado e aplicação.

É natural que tenhamos um futuro exponencialmente próspero em Deus, temos, no entanto, que aprender com os nossos antepassados, principalmente no tocante ao cristianismo, organização eclesiástica, perseguição, vitórias, entre outros aspectos. A ortodoxia bíblica é uma bênção para não nos desvirtuar do real propósito e legado deixado pelo nosso Senhor Jesus.

Creio que a minha geração foi a última a ter vivido uma infância sem tecnologia, isso gera uma série de malefícios, as crianças quando são expostas a tecnologia muito cedo gera vários malefícios cognitivos, pois a fase lúdica da criança é essencial para um crescimento saudável, tanto físico como emocional, entre outras aberrações, pessoas que conseguiram se concentrar várias horas ouvindo uma palestra, hoje em dia não conseguem mais nem ficar 30 minutos em uma pregação.

Existem os pastores que já estão atualizados com a tecnologia, porém tem aqueles que tem muita dificuldade e ao invés de quererem evoluir e se amoldar para pregar o Santo Evangelho, começam a demonizar a tecnologia. E tem uma terceira leva de pastores que nem evoluíram por completo, e nem estão desatualizados, ficando assim no meio, que de fato pode provocar muitos choques e problemas.

O que não podemos em hipótese alguma é, mesmo vivenciando as evoluções, acrescentar ou retirar algo das Sagradas Escrituras, pois isso é heresia e deve ser considerado anátema como está alertado em Gálatas 1:8. Por outro lado, deixar o ambiente de culto mais aprazível e aconchegante não deveria ser problema para a igreja, pois o mundo sempre oferece tudo do bom e do melhor com alta tecnologia

implantada, e por que para Deus deveríamos fazer de qualquer jeito?

A igreja precisa ser um lugar acolhedor, com recepção para acolher os novos convertidos, estrutura para receber pessoas com necessidades especiais e atípicos, ter uma função social no local onde ela estiver implantada, contar com pessoas envolvidas em prol da expansão do Reino de Deus, utilizar da tecnologia para gerenciamento de membros, agendas, avisos e outros pormenores cotidianos.

Nossa ressalva com a modernidade é a tentativa de modernização das Escrituras Sagradas, isso é uma heterodoxia, ou seja, miscigena tudo dentro da igreja, entrando na relativização do pecado. Para se ter ideia, a maioria das igrejas modernas (heréticas) não fala mais sobre a doutrina da salvação. Seus dirigentes endossam o céu, mas esquecem do inferno. Falam que Jesus é amor e esquecem que Ele é justiça e fogo consumidor. Enfatizam que Jesus te recebe do jeito que estiver, mas esquecem de ensinar que aqueles que se convertem genuinamente, abandonam as práticas pecaminosas.

Recentemente, pela busca de aparecer na mídia teve uma igreja que proporcionou uma campanha evangelística entre os irmãos para tatuar algo de Deus no corpo. Não entrando no mérito, porém deixo clara a minha posição contrária a qualquer tipo de marcação no corpo. Perceba o tipo de atrativo, de viés e origem mundana, diga-se, para chamar o pessoal aos caminhos do Senhor.

As Sagradas Escrituras são claras em registrar que não existem atalhos. Só existe apenas um caminho e esse caminho está atrelado a uma pessoa que é Jesus Cristo. Artimanhas mundanas para atrair o crente não funcionam, o ímpio necessita ardentemente de ouvir a Palavra de Deus, a fé vem por meio desta prática como está claro em Romanos 10.17. Usar de subterfúgios para atrair alguém para Jesus resulta em uma pessoa que se torna um pseudocristão (para este, o evangelho a ele se amolda, não ele ao evangelho), achando que irá para um “pseudocéu”. O final disso é tristeza, revolta com líderes ou se tornar presa fácil para os desigrejados.

Em 1 Coríntios 12.1 e seguintes, o apóstolo Paulo fala acerca dos dons espirituais que são vários e que agem de diversas formas. Porém o Espírito Santo que opera em todos é um só. Nesta passagem bíblica, é registrada com profundidade a finalidade da concessão dos talentos do Espírito Santo a cada um, que é em serventia para igreja do Senhor. Além disso, também neste trecho da Palavra, se enfatizam a importância da unidade do corpo de Cristo, ou seja, um braço fora do corpo não tem serventia, pois logo apodrecerá e, por fim, fala também que o menor dos membros tem um papel crucial para a saúde do corpo, de modo que, se estamos em Cristo, todos temos Nele função indispensável.

Neste contexto, todas as coisas, inclusive a modernidade quanto à sua filosofia ou quanto aos avanços tecnológicos, têm que estar submissos e atrelados à vontade de Deus, porque da mesma forma que a tecnologia é uma benção, nos possibilitando conversar com o mundo todo em frações de segundos, ela pode ser tornar uma plataforma de maldição, trazendo vícios, isolamento, entre outras coisas. Quando nos tornamos cristãos devemos ter em vista que, em qualquer tipo de relacionamento que cultivamos, adquirimos direitos e deveres, porém, apesar da

supremacia dos ensinamentos de Jesus a modernidade enfatiza as coisas de uma forma diferente, para não dizer, invertida: só usufruir dos direitos, mas excluir os deveres.

Em João 15.14, Jesus nos alerta que seremos amigos dEle se fizermos o que ele manda. Não tem como ser amigo do mundo e amigo de Deus, pois a conversão genuína é uma ruptura com o velho homem, com as velhas práticas e uma consecutiva mudança notória de vida. Ele nos concede um privilégio de sermos amigos de Cristo, apenas obedecendo e praticando seus ensinamentos, porém com a modernização das coisas, os relacionamentos são relativizados, restando assim uma vulnerabilidade de propósitos trazendo uma separação do real evangelho com o falso evangelho.

Entendemos então que podemos ser modernos nas questões tecnológicas, estruturais, financeiras, entre outras. Mas devemos ser extremamente tradicionais com os princípios basilares da fé cristã, não se amoldando em hipótese alguma com o mundo, e vivenciando uma ação sobrenatural e poderosa do Deus a quem servimos, que por sua infinita misericórdia e graças nos alcançou de uma condenação eterna para uma salvação em Cristo Jesus nosso Senhor.

A teologia da prosperidade dialoga com a lógica capitalista moderna, transformando Deus em um meio para alcançar bens materiais. O evangelho, no entanto, nos convida à renúncia, à humildade e ao serviço. Jesus nos alertou: ‘Não ajunteis tesouros na terra...’ (Mateus 6:19-20). Quando a mensagem central da cruz é substituída pela busca incessante de conquistas pessoais, temos um evangelho diluído.

Influências Culturais e Midiáticas na Pregação e na Teologia

Vivemos na era da informação. Redes sociais, vídeos curtos, transmissões ao vivo e conteúdos virais redefiniram a forma como as pessoas consomem tudo — inclusive o Evangelho. O púlpito deixou de estar apenas no templo; agora ele está no celular, no feed e no algoritmo. Isso trouxe oportunidades, mas também perigos. Muitos líderes e igrejas passaram a moldar suas mensagens para agradar ao público.

A lógica dos likes, seguidores e engajamento muitas vezes substitui a centralidade da Escritura. Sermões são planejados para viralizar, não para confrontar o pecado. Além disso, a cultura secular penetrou na teologia contemporânea. Termos como “autocuidado espiritual”, “empoderamento gospel” e “propósito pessoal” ganham mais espaço do que arrependimento, santidade e renúncia. O Evangelho foi transformado em um produto, e Jesus, em um garantidor de sonhos pessoais.

O resultado é uma geração de “cristãos” que conhece versículos soltos, mas não conhece o Deus das Escrituras. Uma fé construída sobre frases de efeito, mas sem raiz na Palavra.

O FENÔMENO DOS DESIGREJADOS E A FRAGMENTAÇÃO DA FÉ: Outro efeito da secularização e da superficialidade teológica é o crescimento alarmante dos chamados desigrejados: pessoas que afirmam crer em Deus, mas rejeitam a Igreja institucional. Pesquisas recentes mostram que milhões de brasileiros se

enquadram nessa categoria⁶.

Muitos foram feridos por lideranças abusivas, outros se decepcionaram com escândalos financeiros e morais. Porém, para uma grande parte, o problema está na mentalidade individualista da cultura atual. A geração digital quer consumir conteúdo, mas não quer viver comunhão. Quer ouvir sermões online, mas não quer servir. Quer receber bênçãos, mas rejeita responsabilidades espirituais. Porém, a Palavra é clara: “Não deixemos de congregar-nos, como é costume de alguns; antes, façamos admoestações” (Hebreus 10.25). Fora do Corpo, o membro apodrece. Uma fé isolada é uma fé frágil.

O papel da internet e das redes sociais: Com a popularização das redes sociais, o púlpito deixou de ser apenas físico. Pastores, líderes e influenciadores digitais disputam a atenção dos fiéis com vídeos curtos, frases de impacto e transmissões ao vivo. Isso transformou a maneira como a Palavra é anunciada, mas também trouxe o risco de reduzir o evangelho a slogans vazios, buscando curtidas e seguidores em vez de arrependimento e transformação.

O impacto da cultura do entretenimento: Em muitos casos, os cultos passaram a ser organizados como verdadeiros espetáculos, com luzes, fumaça, música alta e até apresentações teatrais. Embora recursos audiovisuais possam ser bênção quando usados com equilíbrio, há o risco de tornar o culto mais voltado para agradar ao público do que para glorificar a Deus.

A “instagramização” da fé: Perfis religiosos nas redes sociais vendem uma imagem de sucesso, viagens, carros de luxo e uma vida sem problemas, associando erroneamente prosperidade material com aprovação divina. Essa influência midiática molda expectativas irreais e gera frustrações espirituais.

Influenciadores cristãos e a superficialidade teológica: Hoje, muitas pessoas se alimentam espiritualmente apenas de cortes de podcasts ou vídeos curtos, sem mergulhar na Palavra. Isso cria uma geração que “ouve sobre Jesus”, mas não conhece seus ensinamentos em profundidade.

O Chamado ao Evangelho Puro: Diante desse cenário, somos desafiados a voltar ao Evangelho puro e simples. Não precisamos reinventar a mensagem; precisamos resgatá-la. A Igreja não foi chamada para agradar o mundo, mas para confrontá-lo com a verdade libertadora de Cristo. O Senhor Jesus declarou: “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.” (João 8.32)

O Evangelho não precisa de maquiagem. Ele continua sendo poder de Deus para a salvação (Romanos 1.16). Precisamos de igrejas que preguem santidade, arrependimento e graça. Precisamos de líderes que sejam profetas, e não influenciadores digitais. Precisamos de crentes que conheçam a Palavra, e não apenas slogans religiosos. O maior desafio da igreja contemporânea não é crescer em número, mas permanecer fiel. O mundo muda; a cultura muda; a tecnologia muda — mas a Palavra de Deus permanece para sempre (Isaías 40.8).

Diante de tudo isso, é evidente que o crescimento da igreja evangélica nos últimos anos não representa, necessariamente, um amadurecimento espiritual ou

uma fidelidade maior à Palavra de Deus. Estamos diante de um inchaço numérico, mas muitas vezes com base frágil, conduzido por interesses humanos, estratégias de marketing e uma espiritualidade utilitarista. O desafio moderno não é apenas crescer, mas permanecer fiel. Não é apenas falar em nome de Jesus, mas viver conforme os Seus ensinamentos.

A verdadeira Igreja é aquela que, mesmo diante dos avanços tecnológicos e das pressões culturais, mantém-se firme nas doutrinas apostólicas e vive sob o senhorio de Cristo. O chamado de Deus para esta geração é o mesmo: santidade, arrependimento e obediência. Que não sejamos seduzidos pela aparência de sucesso, mas sejamos encontrados fiéis no dia do Senhor. Porque, no fim, não importará o quanto crescemos aos olhos dos homens, mas se estivemos de fato ligados à Videira verdadeira.

Além disso, a cultura contemporânea, com seu individualismo radical e relativismo moral, penetrou no discurso teológico. Surgiu uma geração que não quer ser confrontada. Igrejas, então, suavizam suas mensagens para não “ofender” e perdem o poder profético que a Palavra exige. Paulo advertiu em 2 Timóteo 4.3-4: “Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos.”

Esse tempo chegou. O evangelho midiático prega prosperidade sem cruz, vitória sem renúncia, céu sem arrependimento. A fé tornou-se um produto; o púlpito, um palco; e a adoração, um show. A Igreja precisa resgatar o poder do Evangelho puro. Não podemos negociar a verdade para agradar a cultura. O mundo não precisa de igrejas populares; precisa de igrejas fiéis. Nossa missão não é entretê-los, mas confrontá-los com a verdade libertadora de Cristo (João 8.32).

REFERÊNCIAS

(Estudo: A transição religiosa no Brasil: 1872-2050” — Autor: Unicap, Para 2040, estima: cerca de 38,3% católicos vs. 38,4% evangélicos, com as outras religiões + pessoas sem religião somando ~18,9%. Para 2050, prevê 39,8% evangélicos vs. 35,7% católicos.)

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2024-05/ministro-do-stf-andre-mendonca-e-eleito-para-o-tse>

Cruzadas (1095-1291), cuja a fonte é a Gesta Francorum (crônica da 1ª Cruzada), tinha como justificativa libertar a Terra Santa, mas também subjugar muçulmanos e consolidar o poder cristão no Mediterrâneo. Inquisição (séculos XIII–XIX), · Criada para combater heresias e impor uniformidade religiosa. Fontes: bulas papais como Ad abolendam (1184, Papa Lúcio III). Documentos papais como a bula Deus vult.

Fontes históricas e evidências: 1. Escritos dos reformadores: Martinho Lutero – “Aos Conselhos de Todas as Cidades da Alemanha para que Criem e Mantenham Escolas Cristãs” (1524); Lutero defendia a criação de escolas públicas para

meninos e meninas, a leitura da Bíblia em língua vernácula e a formação de ministros instruídos; Isso incentivou autoridades locais a fundar novas instituições educacionais; João Calvino em Genebra: Fundou a Academia de Genebra (1559), que se tornou referência na formação de pastores, juristas e líderes. A Academia depois se tornou a Universidade de Genebra. 2. Registros de fundação de universidades protestantes Universidade de Marburgo (1527) – primeira universidade protestante, fundada pelo príncipe Filipe de Hesse. Universidade de Königsberg (1544) – no Ducado da Prússia, importante centro luterano. Academia de Genebra (1559) – ligada ao calvinismo. Universidade de Jena (1558) – fundada por príncipes luteranos da Saxônia. Mais tarde, universidades protestantes surgiram em regiões reformadas da Escócia (St Andrews, Edimburgo), Holanda (Leiden, 1575) e Estados Unidos (Harvard, 1636; Yale, 1701, ambas de matriz protestante puritana). 3. Estatísticas históricas; O historiador Steven Ozment (*The Age of Reform, 1250–1550*) e o sociólogo Max Weber (em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*) ressaltam como a ênfase protestante em leitura pessoal da Bíblia levou a políticas de alfabetização e à fundação de escolas e universidades. Estudos de Robert D. Woodberry mostram correlação entre presença protestante e maior número de instituições de ensino superior no longo prazo. Referências acadêmicas modernas: Carter Lindberg, *The European Reformations* – detalha o papel educacional da Reforma. Steven Ozment, *The Age of Reform*. Scott Hendrix, *Martin Luther: Visionary Reformer* – destaca o impacto de Lutero na criação de escolas. Robert D. Woodberry, artigos sobre “mission Protestant effect” em educação global.

Estudos acadêmicos e obras de referência: Paulo Ayres Mattos – “O Pentecostalismo no Brasil: um estudo de interpretação histórica” (1984). Analisa o papel pioneiro da Assembleia de Deus na formação do pentecostalismo brasileiro; Gedeon Alencar – “Assembleias de Deus: origem, implantação e militância (1911–1946)” (2010). Estudo detalhado das origens e primeiros impactos sociais, culturais e políticos. Leonildo Silveira Campos – “Assembleias de Deus: os novos rumos de um povo pentecostal” (2005). Avalia como a denominação moldou identidades e relações sociais no Brasil contemporâneo. Paul Freston – “Evangelicals and Politics in Asia, Africa and Latin America” (2001). Inclui o caso brasileiro, mostrando como a Assembleia de Deus foi decisiva para a entrada dos evangélicos na política nacional. Mariano, Ricardo – “Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil” (1999). Embora foque mais no neopentecostalismo, contextualiza a influência da Assembleia de Deus como “tronco histórico” do pentecostalismo clássico.

Estudos e pesquisas relevantes: Paul Freston – sociólogo da religião; Em seus trabalhos sobre evangélicos no Brasil, Freston já destacava desde os anos 1990 a tendência de “trânsito religioso” e pessoas que saíam das igrejas pentecostais sem aderir a outras denominações. Ricardo Mariano – “Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil” (1999). Embora o foco seja o neopentecostalismo, Mariano aponta que a insatisfação com lideranças, cobrança financeira e crises institucionais favorecem o aumento de evangélicos “sem

igreja”. Instituto de Pesquisas Pew Research Center (2014). Pesquisa sobre religião na América Latina mostrou o crescimento dos “sem filiação religiosa” e dos que se identificam como cristãos mas fora de igrejas, fenômeno visível no Brasil. Datafolha (2016, 2020). Pesquisas indicaram que 4% a 6% da população brasileira se identifica como “evangélica sem igreja”. Também mostram que muitos desses ainda mantêm práticas religiosas individuais (oração, leitura bíblica, culto doméstico). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE – Censo 2022). A categoria oficial é “sem religião”, mas vários analistas (como José Eustáquio Diniz Alves, demógrafo) ressaltam que parte significativa desses “sem religião” são ex-evangélicos que continuam crendo, mas sem frequentar templo. Livros específicos sobre desigrejados: Feridos em Nome de Deus (Marília de Camargo César) – relatos de pessoas que se afastaram da igreja institucional. Desigrejados: um fenômeno brasileiro (Ziel Machado e Ariovaldo Ramos, artigos e reflexões em coletâneas). Crer sem pertencer (Grace Davie, socióloga inglesa; não é sobre Brasil, mas ajuda a entender o conceito que também se aplica aqui).

O Evangelho do Consumismo: Uma Análise Crítica da Teologia da Prosperidade

Dâmárys de Araújo Lima Nascimento

A Teologia da Prosperidade ou Movimento de Fé é uma doutrina que surgiu nos Estados Unidos, no século XIX, e tem como base a defesa pelo acúmulo de riquezas materiais na terra. Nos dias de hoje, essa doutrina é mais presente do que imaginamos, especialmente no contexto brasileiro. Vemos líderes religiosos dizendo a quatro ventos que suas ovelhas serão recompensadas por Deus se seguirem o que ele está ensinando. Curiosamente, essas ações que devem ser realizadas pelo povo envolvem dinheiro. Ou seja, o ponto basilar dessa doutrina é a comercialização da fé cristã.

A ideia de que a riqueza, a saúde e a fama são o resultado de uma fé verdadeira e operante moldou parte do cristianismo que conhecemos hoje em dia. Se alguém está com dificuldades financeiras ou com alguma doença, é certo que está em pecado, com falta de fé em Deus ou, no “pior” dos casos, são demônios trabalhando para atrapalhar a vida perfeita que Deus reserva para todos os seus servos. Dessa forma, os fiéis são levados a terem medo caso não estejam seguindo a cartilha de fé próspera e a buscar desesperadamente os líderes que os ajudem a resolver a situação, seja por meio de um copo de água abençoada por Deus ou de uma Rosa Ungida. Essa doutrina se expandiu pelo Brasil na década de 1970, a partir da forte influência do conhecido bispo Edir Macedo, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus (principal denominação neopentecostal), em 1977.

Além disso, dentro do fundamento do Movimento de Fé, há o conceito de “Confissão Positiva”, que consiste em “tornar existente tudo que declaramos e confessamos com nossa boca”. (Augusti; Ticão, 2020), ideia que evoca o uso do poder da mente através da fé. Então, se as coisas não acontecem, não estamos

crendo o suficiente nem declarando que elas acontecerão.

Esse movimento, denominado de “Teologia Good Vibes” por Rodrigo Bibo, coloca o ser humano e suas necessidades como centro das pregações e Deus como um mero abençoador, um gênio da lâmpada, que está pronto para realizar os nossos desejos. “A Teologia Good Vibes nos leva a crer que nossas necessidades são mais importantes do que a missão de Deus e que, na verdade, ele não nos fez para sofrer, mas para que sejamos vitoriosos e prósperos.” (Bibo, 2021, p.27).

Dessa forma, esse dogma está, intrinsecamente e conceitualmente, contrariando um texto bíblico muito conhecido: “Não acumulem para vocês tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem destroem, e onde os ladrões arrombam e furtam. Mas acumulem para vocês tesouros no céu, onde a traça e a ferrugem não destroem, e onde os ladrões não arrombam nem furtam. Pois onde estiver o seu tesouro, aí também estará o seu coração” (Mt 6:19-21).

Para analisar a profundidade desse fenômeno, este capítulo se dedicará a dois eixos centrais: a transformação das igrejas em empresas; a análise da teologia da prosperidade e suas implicações na espiritualidade e na distorção do Evangelho.

A MERCANTILIZAÇÃO DA FÉ: IGREJAS COMO EMPRESAS

Kenneth Erwin Hagin (1917-2003) foi um dos pioneiros da Teologia da Prosperidade e da Confissão Positiva. Depois de ter sido curado milagrosamente de uma leucemia, após ter declarado diversas vezes que estava curado, passou a acreditar que as “palavras têm poder” — um poder milagroso por meio de sua posição em Jesus. Com isso, passou a pregar e a ensinar que as pessoas, através da fé, têm autoridade sobre os elementos desse mundo e do mundo espiritual.

Com o passar dos anos, sua doutrina foi se difundindo e se espalhando pelo mundo todo. No Brasil, diversos pregadores são fortemente influenciados pelos atos de fé de Hagin. Devido ao desenvolvimento tecnológico e cultural da sociedade, os pregadores viram a necessidade e a oportunidade de alcançar mais pessoas, e passaram a utilizar a televisão como meio de alcance de almas. As campanhas de oração e de arrecadação de fundos, antes limitadas às igrejas locais, agora passam a ser divulgadas na TV (mais tarde, por causa da internet, no YouTube e nas redes sociais), e a bênção que seria adquirida era financeira. Para dar o passo de fé, basta dizimar e ofertar. Assim, você irá conquistar seu carro e sua casa dos sonhos, dizem eles. As doenças? Não existirão mais na sua vida se você crer e contribuir. É realmente um bom negócio!

Outrossim, a vertente condena o uso de medicamentos e a “dependência” de médicos ao tratar de doenças. Essas são práticas que devem ser rejeitadas pelos cristãos que “são de natureza divina e não precisam dos serviços disponibilizados pela medicina” (Lemos, 2017, p.4). Por isso, a oração é o suficiente para alcançar a cura.

Ademais, a globalização da economia foi um fator imprescindível para a disseminação da Teologia da Prosperidade. Por causa das reformas do papel do

Estado e das desregulações dos mercados, as classes médias e as classes mais pobres foram fortemente prejudicadas. Com esse contexto, a divulgação da doação financeira em troca de prosperidade econômica ganhou maior destaque para as pessoas em situações vulneráveis e em estado de desespero por falta de recursos. Todos esses fatores contribuíram para o crescimento da mercantilização da fé. A falta de dinheiro, a falta de saúde e o medo de não ter fé direcionaram os fiéis a procurarem igrejas que, de alguma forma, garantem o conforto tão almejado.

Nesse sentido, técnicas semelhantes às usadas em empresas foram desenvolvidas, para que a mensagem de prosperidade fosse propagada diariamente. Ou seja, as atividades religiosas passaram a se comprometer diretamente com o desenvolvimento da sociedade de consumo (Lemos, 2017, p. 83). Nasce, então, uma nova faceta do cristianismo, um novo padrão de culto, que depende de luzes, músicas contagiantes, entretenimento e, claro, da fé. Cristo deixou de ser o centro e as pessoas passaram a buscar nas igrejas (e no que elas oferecem) um status social elevado. “No fundo, parece que todo mundo está pensando em si mesmo e querendo se dar bem aqui, nesta peregrinação. E, para isso, construímos um deus à nossa imagem e semelhança, um deus que tem os mesmos anseios e as mesmas motivações que nós” (Bibo, 2021, p.28).

Por isso, o uso da linguagem é, talvez, o ponto mais importante dessa teologia. Saber se comunicar, dialogar com os fiéis, se aproximar e falar de suas dores é a principal tarefa a ser realizada. É possível fazer a seguinte analogia: o pastor é o CEO da empresa, o fiel é o cliente/investidor. Há também a equipe de marketing e de copywrite, que são fundamentais para o alcance de mais pessoas. “Venha receber sua bênção”, “Dizime e evite a maldição de Deus”, “Sua casa está esperando por você”, “Tire um mês de seu aluguel e dê para a igreja, no fim do ano você terá sua casa”, “Nós temos a solução” e outras falas, são exemplos do “copy” utilizado pelos líderes dessas denominações. A forma de comunicação que remete a uma situação de compra e venda de um produto (a bênção de Deus) é a mais presente.

Por isso, essas instituições estão, infelizmente, recheadas de pessoas em situação de vulnerabilidade econômica, que acabam sendo picadas pelo mosquito da prosperidade prometida.

Nesse sentido, a fé vira negócio e, em vez de transformar vidas através da pregação do Evangelho da Cruz, promovendo arrependimento e mudança de vida, transforma a situação bancária da igreja (enquanto instituição), e a do líder. Segundo o artigo da Carta Capital

Estima-se que, globalmente, igrejas adeptas dessa teologia movimentam bilhões de dólares por ano. No Brasil, essa corrente tem transformado profundamente a paisagem religiosa e política, influenciando eleições e moldando o debate público em torno de temas morais e econômicos.

Esse dado nos faz levantar algumas questões: se há movimentação de tanto dinheiro, por que ainda existem tantos irmãos em situação de vulnerabilidade? Por

que ainda há tantas crianças sem ter onde morar? Por que a principal preocupação dessas igrejas é a estrutura do templo, a iluminação, os eventos, e não o cuidado com a sociedade? A resposta é simples: resolver esses problemas não é o objetivo, mas sim a autopromoção e o aumento do império neopentecostal (quanto mais dizimistas fiéis, mais dinheiro e influência). Além disso, um dos principais papéis da Igreja, que é servir, foi deixado de lado por questões políticas. Não é raro vermos pastores se envolvendo com a política nacional, não para promover uma real mudança por meio da imitação e obediência à Jesus Cristo, mas sim para melhorar o status pessoal perante uma sociedade caída e que carece de Deus. Como disse o Rei Salomão, vaidade das vaidades, tudo é vaidade (Ec 1:2).

Mas não se engane, não quero dizer que buscar um bom prédio, uma boa estrutura e até mesmo a prosperidade é de todo mal. A prosperidade é bênção de Deus, pois é Ele quem a concede. Augustus Nicodemus diz:

Na aliança, Deus prometia, entre outras coisas, abençoar a nação e seus indivíduos com colheitas abundantes, ausência de pragas, chuvas no tempo certo, saúde e vitória contra os inimigos. Essas coisas eram vistas como alguns dos sinais e evidências do favor de Deus e como testes da dependência dele. Todavia, elas eram condicionadas à obediência e só viriam caso Israel andasse nos seus mandamentos, preceitos, leis e estatutos. [...] A falha em cumprir com os termos da aliança acarretava a suspensão dessas bênçãos. Contudo, a inclusão na aliança, o favor de Deus e a concessão das bênçãos não eram vistos como meritórios, mas como favor gracioso de Deus que soberanamente havia escolhido Israel como seu povo especial.

Ou seja, ser próspero não é, automaticamente, sinônimo de distanciamento do verdadeiro Evangelho. Porém, no caso do enriquecimento das igrejas por meio da Teologia da Prosperidade, considerando os meios e o fim, é, na verdade, uma afronta à Vontade de Deus para o seu povo. O problema não é a riqueza, mas o apego a ela. Essa doutrina transforma a prosperidade em um deus que obedece ao simples comando do fiel — ou melhor, de seu bispo.

A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE E SEU IMPACTO NA ESPIRITUALIDADE

É certo que essa sede por bênçãos materiais e a promessa de que ao dizimar o fiel receberá a recompensa de Deus gera ansiedade naqueles que esperam por essa resposta. “Se eu não for abençoado, significa que estou em pecado?”, com certeza é a pergunta de muitos. O ponto crucial é que, nessas igrejas, as pessoas não têm apenas fome do pão material, mas do Pão da Vida, que é Cristo. “O meu povo foi destruído, porque lhe faltou o conhecimento...” (Os 4:6). Infelizmente, esse texto ainda se aplica aos dias de hoje.

Antes, é importante voltarmos um pouco, resumidamente, na história da humanidade. No princípio, o homem tinha um relacionamento próximo e perfeito

com Deus. Não havia nada que os separasse, nada que impedisse o homem de desfrutar da presença do Criador. Porém, o homem caiu, desobedeceu à única ordem que o Senhor tinha dado: mas Deus disse: “Não comam do fruto da árvore que está no meio do jardim nem toquem nele; do contrário, vocês morrerão” (Gn 3:3). E então, comeu o fruto proibido. Nesse momento, a comunhão foi quebrada. As vontades, os atos e a alma humana foram contaminados pelo pecado, inclusive os sonhos. O que antes era totalmente para a glória de Deus, tornou-se direcionado ao homem e ao seu corrupto coração. Agora, passa-se a superestimar o ego — todo mundo pensa em si mesmo e busca a sua própria glória. E, para isso, o Deus Criador, amigo e Pai, se tornou um realizador de sonhos ou aquele que existe para resolver problemas. O homem que antes fora criado para ser imagem e semelhança de Deus, busca, agora, um deus à sua imagem e semelhança, um deus que tem os mesmos anseios que nós (Bibo, 2021).

Com isso, os anos foram passando e os sermões foram sendo modificados e redirecionados. Cristo deixou de ser o centro, sua obra redentora foi deixada de lado para que o coração ferido e necessitado de bênçãos materiais fosse preenchido pela suposta prosperidade divina. A pregação passou a ser motivacional e com uma mensagem de esperança. Infelizmente, não a esperança de que Jesus voltará e fará tudo novo, não a que nos lembra que Cristo morreu por nós para livrar-nos da Ira Santa de Deus e do nosso pecado, mas a expectativa de que seremos abençoados com dinheiro e status. Onde fica o sacrifício de Jesus e o árduo caminho de santificação?

Jesus Cristo não promete uma vida sem problemas, sem doenças ou com um status social em evidência. Pelo contrário, Ele disse: “Eu lhes disse essas coisas para que em mim vocês tenham paz. Neste mundo vocês terão aflições; contudo, tenham ânimo! Eu venci o mundo” (Jo 16:33). Devemos descansar na verdade de que Ele venceu o mundo e, por isso, podemos ter a plena paz, mesmo em tempos difíceis e turbulentos. Afinal, fomos salvos e remidos pelo Sangue, há melhor notícia do que essa? Por isso que a Teologia da Prosperidade é perigosa. Ela tira o foco daquilo que realmente importa e salva almas do pecado. Em vez de trazer paz aos fiéis, traz medo, angústia e ansiedade por falta de alimento sólido em Cristo Jesus. As pessoas vulneráveis e sem o conhecimento verdadeiro do que Deus fez e quer fazer, lamentavelmente, são presas fáceis para esses falsos mestres e se tornam escravas da esperança por tempos melhores, porém, pautadas no deus errado. O nosso ego não deve ser massageado e elogiado, o nosso maior anseio não deve ser enriquecer ou ser reconhecido pelos homens, é Deus quem deve ser louvado e engrandecido nos templos e fora deles.

Ademais, o ego que ainda não foi transformado e remido pelo Espírito Santo não tem prazer em servir ao próximo. “Não recebemos o poder de Deus para benefício próprio. Recebemos para testemunhar, e cristão testemunha com a palavra e com a vida.” (Bibo, 2021). A satisfação pessoal, para o cristão, deve ser a última das ambições. Carro, casa, conquistas na sociedade, são pura vaidade. Ao final de tudo, o que você poderá apresentar para Deus? O caminho da Cruz é regado de sofrimento e abnegação. Jesus tomou a cruz, sinal de maldição, e diz que aquele que quiser segui-lo também deve tomar a sua cruz (Mt 16:24).

CONCLUSÃO

Vimos a história do Movimento de Fé e como ele chegou ao Brasil influenciando milhares de pessoas e como os templos se tornaram como empresas, voltadas ao consumo de eventos, complexas estruturas e a sede por bênçãos terrenas. Também refletimos como essa doutrina nos afasta do verdadeiro Evangelho e do próprio Cristo. Ressalto que não é errado buscar melhorar de vida ou alçar voos mais altos, porém, devemos ter cuidado com a motivação do nosso coração — que ele seja cativo à vontade de Deus e submisso ao senhorio de Cristo. 2 Coríntios 5:15 é um dos textos que devem ser constantemente lembrados: “E ele morreu por todos para que aqueles que vivem já não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou.” Nesse sentido, Timothy Keller, em seu livro *Ego Transformado*, diz: “a humildade do Evangelho mata a necessidade que tenho de pensar em mim”. Se você for abençoado financeiramente, lembre-se de compartilhar com aqueles que não possuem nada, para a glória de Deus e não por vanglória (1Co 10:31 e Fp 2:3). Que a nossa confissão positiva seja o arrependimento diário dos nossos pecados e que a prosperidade que buscamos seja a santificação e a obediência à vontade do Deus Trino.

Que o nosso maior desejo seja que Ele cresça e que o nosso eu diminua. Amém.

REFERÊNCIAS

BIBO, Rodrigo. **O Deus que destrói sonhos**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.

CARTA CAPITAL. **Teologia da prosperidade**: entenda o conceito que influencia milhões. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/cursos/teologia-da-prosperidade-entenda-o-conceito-que-influencia-milhoes/>>. Acesso em: 20 set. 2025.

DIÁLOGOS DA FÉ. **Teologia da prosperidade**: O mercado da fé e a fé mercadológica. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/teologia-da-prosperidade-o-mercado-da-fe-e-a-fe-mercadologica/>>. Acesso em: 25 set. 2025.

KELLER, Timothy. **Ego Transformado**: A humildade que brota do evangelho e traz a verdadeira alegria. São Paulo: Vida Nova, 2014.

NICODEMUS, Augustus. **Deus, Prosperidade e Trabalho**. Disponível em: <<https://guiame.com.br/gospel/mundo-cristao/deus-prosperidade-e-trabalho-por-augustus-nicodemos.html>>. Acesso em: 15 ago. 2025.

XAVIER, Ériko Tadeu. **Teologia da Prosperidade**: história, análise e implicações. Disponível em: <<https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/202/203>>. Acesso em: 20 ago. 2025.

Entre a Cruz e o Entretenimento

Messias de Araújo Nascimento

Segundo o Dicio, “entretenimento” tem as seguintes definições:

1. Aquilo que é feito como diversão ou para se entreter: canal de entretenimento; local de entretenimento;
2. O que entretém, diverte e distrai; divertimento;
3. Ação ou efeito de entreter; ato de se divertir, de se distrair.

Em nosso tempo, o entretenimento tem sido bastante comum em todas as esferas. O mundo tem se moldado ao entretenimento. Os atos de distrair acontecem desde o Circo até a praça dos Três Poderes, em Brasília. Em termos históricos, o “pão e circo” existe desde a Roma Antiga. As redes sociais atuais têm formatos feitos exclusivamente para entreter e segurar os usuários pelo máximo de tempo possível. Os marqueteiros pensam milimetricamente quais são os vieses cognitivos que utilizarão, se farão um anúncio no Facebook ou Tik Tok, e qual será a melhor estrutura de vendas para que as pessoas parem e assistam a propaganda dos seus produtos. Os anúncios não podem parecer anúncios. Claro que isso não é, necessariamente, danoso. Existem os entretenimentos sadios, assim como existem os anúncios que vendem produtos reais e transformações tangíveis. Felizmente, a nossa realidade não é definida nem pelo preto e nem pelo branco. Não vivemos em um “8 ou 80”. Mas, onde está o limite do entretenimento?

Meu objetivo com esse capítulo é refletir a partir de vários acontecimentos em nosso cenário brasileiro se as pessoas que se consideram cristãs, ou suas Igrejas, como instituições, têm tratado os seus assuntos religiosos e artigos de fé de uma forma que, no lugar de educar ou transformar, entretém. Assim, pergunto: a cruz de Cristo foi ou é, em algum nível, entretenimento? Essa pergunta pode parecer óbvia, mas o óbvio também deve ser dito. Eis a defesa deste capítulo: a cruz que Jesus, o Cristo, carregou nunca foi para entreter absolutamente ninguém, em nenhum sentido.

O apóstolo Paulo, em sua primeira carta à Igreja em Corinto 2:1-5,0 diz:

Eu mesmo, irmãos, quando estive entre vocês, não fui com discurso eloquente nem com muita sabedoria para lhes proclamar o mistério de Deus. Pois decidi nada saber entre vocês, a não ser Jesus Cristo, e este, crucificado. E foi com fraqueza, temor

e com muito tremor que estive entre vocês. Minha mensagem e minha pregação não consistiram de palavras persuasivas de sabedoria, mas consistiram de demonstração do poder do Espírito, para que a fé que vocês têm não se baseasse na sabedoria humana, mas no poder de Deus.

Em outro lugar, na sua carta aos romanos, o apóstolo de Tarso diz que não se envergonha do evangelho porque é poder de Deus. O foco da mensagem de Paulo é claro: Jesus Cristo, e este, crucificado. A Cruz é central na História da Humanidade e na História da Redenção. Sem a Cruz, não há salvação. Sem a Cruz, não teríamos acesso a Yahweh. Sem a Cruz, estaríamos fadados, definitivamente, à condenação eterna. Então, isso não é entretenimento. Inclusive, nós não podemos nos distrair diante dessa mensagem. Sequer podemos ser como as ondas do mar, que sempre vêm e vão. Contudo, a humanidade sempre esteve recheada de distração. Em Gênesis 6, os homens estavam muito distraídos antes de serem engolidos pelo dilúvio. Dessa forma, precisa ficar estabelecido aqui que o evangelho de Cristo não pode ser diluído pelo entretenimento.

Em uma visão mais recente, após o advento da internet, as redes sociais são o principal meio de entretenimento. O Brasil, segundo matéria d'O Sul, é o segundo país com maior dependência tecnológica no mundo. Os brasileiros passam, em média, 9h por dia nos seus celulares. Assim, temos uma geração distraída. Distraída acerca da própria vida e, principalmente, acerca do Reino de Deus. Isso se demonstra facilmente através dos conteúdos produzidos e consumidos pelos brasileiros que se auto-denominam cristãos. Afinal, o Mercado é definido pela demanda. Diante de uma pesquisa rápida, você logo verá quais são os conteúdos e “influencers cristãos” que viralizam. Isso é apenas um sintoma de algo profundo: o prazer está substituindo a Cruz. A dopamina, o hormônio responsável pelo prazer humano, pode ser ativada de várias maneiras. Em nosso tempo, as pessoas não procuram apenas prazeres, per si. O desejo delas têm sido obter esses prazeres das maneiras mais rápidas possível. Agora, pense: quantas pessoas estão disponíveis ou animadas para passarem duas horas em suas reuniões eclesiais com o fim de orar? Quantas ficam esperando a próxima pregação de 60 minutos do ministro no próximo culto solene? Infelizmente, a nossa época quer respostas rápidas para perguntas curtas. E isso tem afetado toda uma cultura. O discipulado diário e intencional entre os membros da Igreja e seus líderes não têm sido mais uma opção. Tem culto duas ou três vezes na semana e ainda tem que se encontrar com o discipulador semanalmente? Muitos não sabem nem que existe essa possibilidade, e dos que sabem, poucos desejam abrir tanto espaço na agenda para ter uma vida de discípulo e discipulador. Assim, em curso natural, a forma de ver e viver a Cruz tem se moldado à cultura e não a Cristo.

Para entender a contradição, vale voltar à origem do termo. “Gospel” vem do inglês, que deriva do grego εὐαγγέλιον (euangelion) — literalmente, “boas-novas”. Em português, a tradução direta é “evangelho”. Ou seja, a música gospel, em tese, deveria ser aquela alinhada aos princípios do Evangelho. E sobre o que é o evangelho? Lucas, autor de um dos evangelhos canônicos, relata no capítulo 1:1-4:

Muitos já se dedicaram a elaborar um relato dos fatos que se cumpriram entre nós, conforme nos foram transmitidos por aqueles que desde o início foram testemunhas oculares e servos da palavra. Eu mesmo investiguei tudo cuidadosamente, desde o começo, e decidi escrever-te um relato ordenado, ó excelentíssimo Teófilo, para que tenhas a certeza das coisas que te foram ensinadas.

Que relatos são esses? Fatos sobre o nascimento, a vida, a morte, a ressurreição e ascensão de Cristo Jesus. Em poucas palavras, o evangelho é uma mensagem que anuncia a chegada de Jesus, o Ungido, e o que Ele veio fazer pela humanidade. Em essência, o Evangelho é a proclamação de que o Rei prometido chegou - o Cristo que assumiria para sempre o trono de Davi. A boa-notícia é que o Rei chegou e, com ele, o Reino dos Céus. Esta boa-notícia, porém, traz um chamado radical. Aquele que se submete a Cristo recebe as bênçãos espirituais do Reino: redenção, justificação, santificação, glorificação, adoção etc. E tudo isso é resposta de Deus às promessas dadas ao povo da Aliança. Por meio de Abraão, Isaque e Jacó, Israel se tornou a nação que abençoaria todas as nações. Porém, como você pode notar, essa notícia só é boa para quem se submete ao Cristo. Quem permanecer em rebeldia sentirá o peso do seu cetro e pagará por suas iniquidades. É isso que o evangelho nos fala. Portanto, o “gospel” deveria ser sobre isso: O Rei Jesus e o seu Reino Eterno. A realidade, porém, é outra: o que vemos hoje é um verdadeiro Mercado Gospel, onde interesses comerciais frequentemente se sobrepõem à mensagem original. Músicas que têm sabor de mel, e que enfatizam, de maneira errônea, que os ouvintes são mais raros que o ouro puro de ofir. Pregadores dizendo que nós somos o ponto fraco de Deus, ou que a Bíblia precisa ser atualizada. Igrejas que mais parecem casas de show. E isso para citar apenas alguns exemplos.

Jesus, o Cristo, não veio apenas salvar, mas para estabelecer o Reino dos Céus. Este Reino fora prometido pelos profetas e ansiosamente aguardado pelo povo de Deus. Esse Reino é regido pelo Deus crucificado. Em contraposição a isso, muitos gritam aos quatro cantos que o Servo Sofredor veio para tirar a nossa cruz. Me parece impreciso, visto que o próprio Cristo afirma que quem quiser segui-lo, deve negar a si mesmo e tomar a própria cruz, diariamente. A música “Ainda Existe uma Cruz” do Diante do Trono, em seu refrão, diz:

Ainda existe uma cruz pra você carregar
Não se deixe enganar, a porta é estreita
O caminho é árduo pra você trilhar
Não se deixe enganar, ainda existe uma cruz
Ainda existe um preço a pagar.

Essa realidade não pode ser negada. Cristo veio para nos resgatar do reino das trevas. Nas palavras do apóstolo Paulo em Gálatas 1:3,4 (ACF), vemos o seguinte:

Graça a vós e paz da parte de Deus Pai e do nosso Senhor Jesus Cristo, O qual se deu a si mesmo por nossos pecados, para nos livrar do presente século mau, segundo a vontade de Deus nosso Pai.

Quando perdemos essas verdades eternas de vista, o resultado é extremamente danoso. Lembre-se do conceito de “entretenimento” que foi dado desde o início deste capítulo. Muitos de nós estamos distraídos. Milhares de “crentes do IBGE” não percebem que o censo não segue os critérios do censo do Livro da Vida de Deus. E isso tem acontecido porque o evangelicalismo tem se formado mais pelos “influencers gospel” do que pela própria revelação do Filho de Deus. N. T. Wright (2019, p. 157) identificou esse problema, como ele relata:

Todos os quatro evangelhos contam a história de como Deus se tornou rei na história de Jesus de Nazaré. Esse tema central é declarado de forma meticulosamente integrada, mais uma vez nos quatro evangelhos (mas não nos supostos evangelhos produzidos posteriormente entre gnósticos e movimentos semelhantes). Esse tema integrado, tendo reino e cruz como coordenadas principais, flanqueado, de um lado, pela questão da identidade divina de Jesus e, do outro, pela ressurreição e ascensão, é um assunto que a maior parte dos cristãos na tradição ocidental falhou até mesmo em perceber, quanto mais pregar. A história que Mateus, Marcos, Lucas e João contam é a história de como Deus se tornou rei — em Jesus e por meio dele, tanto em sua carreira pública quanto em sua morte.

A música gospel, em boa parte, tem sido responsável por essa “fuga da realidade” em relação ao Reino de Deus. Durante a pandemia, segundo a revista Extra, o consumo de música gospel cresceu mais de 200% em buscas no Google, e em 2024, o Spotify registrou um aumento de 46%. Em 2018, o mercado no Brasil movimentava cerca de R\$ 21,5 bilhões, de acordo com a Associação Brasileira de Empresas e Profissionais Evangélicos (ABREPE).

Quando ainda era adolescente, entre 2012 e 2017, assisti a uma paródia sobre o mundo gospel feita pelo humorista Franklin Medrado no YouTube. Apesar de bastante engraçada, a música trazia uma crítica séria: o cenário gospel estava em crise. A letra destaca artistas que transitavam entre o evangelho e o business, entre o Reino e a fama. Ela vai citando vários e vários exemplos sobre casos desse Mercado. O mundo da música “cristã” tem sido um meio de distração. Preste bastante atenção na letra:

O mundo gospel não anda bem, anda bem
Não anda, não anda bem, anda bem (2x)
A bonitinha tem a espada de Miguel, meu Deus será que vai ser
grátis rivotril no céu?
Ela se acha o sol e anda de roupão só não é mais louca que a
outra do piscinão!
Unção do cuspe eu vi, crente ventilador, pastor na lama se
lavando em nome do senhor

Eu vi até pastor dizer do palco que tem muito crente lixo e a igreja adorou
Tem a tia que não quer ser entretenimento mais
Posta vídeo mostrando a maquiagem como ela faz!
Tem a outra que canta de quatro igual o leão, faz discurso na net dizendo que é unção
O mundo gospel não anda bem, anda bem
Não anda, não anda bem, anda bem (2x)
Acima da média, quem fala mal de mim é fariseu
Me comparar com os outros
É bater em velho “bebo”, todo mundo sabe o talento que Deus me deu
Tem a baixinha que volta correndo pra MK
Esquece do processo e diz que o reino é que vai ganhar
Tem a tia que diz que a vitória vem lá do céu
Mais a vitória parece vingança e tem gosto de mel
O mundo gospel não anda bem, anda bem
Não anda, não anda bem, anda bem (2x)

Se você pode notar, a música está cheia de referências a acontecimentos dentro do Mundo Gospel. Se você não percebeu, provavelmente, é muito novo na fé ou não estava tão ligado nas mídias sociais na época que essa paródia foi produzida e postada no Youtube - inclusive, o canal que postou a versão original não existe mais. Talvez, o caso mais famoso citado na composição seja o do Thalles Roberto. Na época, ele estava no auge de sua carreira e tinha sido recebido de braços abertos pelo povo evangélico brasileiro. Contudo, ele elevou o seu ego e disse: “eu sou acima da média. Quem fala de mim é fariseu”. Posteriormente, entrou em crise, saiu do Gospel, tocou “no mundo” e, por fim, retornou ao evangelicalismo pedindo perdão.

Meu objetivo não é fazer juízo de valor sobre ele, porém, quero chamar atenção ao problema verdadeiro: estando entre a Cruz e o Entretenimento, muitos estão se perdendo no caminho e levando consigo uma multidão à distração.

No ano de 2022, saiu uma matéria no portal Metrôpoles acerca dos cachês dos artistas gospel, como podemos ver a seguir:

1. Aline Barros – R\$ 80 mil reais por show;
2. Renascer Praise – R\$ 75 mil reais por show;
3. Fernanda Brum – R\$ 60 mil reais.

Isso para citar apenas alguns. Agora, a grande questão é: são shows ou cultos? Vendem como show, mas fingem que são cultos, só porque é o nome de Deus que está sendo citado. Nessas agendas, me questiono se o grande público que se desloca para participar desses “cultos” teriam a mesma disposição se os responsáveis pelo louvor fossem grupos de louvor da cidade local.

Esses comportamentos, infelizmente, ecoaram pelo país e ajudaram a moldar boa parte do imaginário brasileiro sobre o evangelicalismo. Contudo, o entretenimento gospel está longe de se limitar às músicas. Inclusive, temos vários

segmentos, como demonstra a matéria do Blog Music Pro: música, moda, literatura, tecnologia etc. Nessa geração, há templos que parecem boates. Indo mais além, estão criando boates gospel. Sim, você não leu errado. Veja essa matéria de Vital JR (2025): “No Cactos Show Bar, em Campo Grande (RS), o empresário Leandro Fernandes dos Reis criou uma balada gospel com DJ, música cristã e open bar de refrigerante e água de coco. ‘Aqui é balada, não é culto’, disse Leandro. A proposta visa atingir o público jovem evangélico, mas com regras: sem álcool, sem cigarro e sem músicas seculares.”. Mais recente que isso, são as Igrejas com “espaços vip”, como demonstra a matéria sobre a Fé na área vip, onde é demonstrado como espaços “exclusivos”, em uma fé inclusiva, tem se proliferado causando tensões até mesmo entre os membros.

Então, vá somando todas essas variáveis que estão acontecendo no tempo presente. Não são coisas que aconteceram de maneira aleatória ou pontual. É a realidade de boa parte das pessoas evangélicas deste país. Lembre-se: essas pessoas estão contabilizadas no censo do IBGE como sendo parte da “religião protestante” ou “religião evangélica”. Tudo isso está na mídia, nos jornais, nos canais de “fofoca gospel” (não à toa, existe um site cujo nome é “Fuxico Gospel”) e demais meios de comunicação. Pense, também, nas Igrejas que gastam altas quantias em dinheiro para construir Templos modernos, cheios de led, máquinas de fumaça e show de luzes. Além disso, temos milhões sendo gastos em Congressos e Eventos evangélicos, enquanto os Cultos de Oração e a Escola Bíblica estão vazios.

Então, perceba que os “evangélicos”, que deveriam estar atentos ao Evangelho, que é uma mensagem sobre o Rei Jesus e seu Reino, conforme a promessa de Deus, estão suspensos diante de tanta distração. O pior disso tudo é que essa distração tem ocorrido a partir do nosso próprio meio. Já não basta o diabo, já não basta o pecado. Os próprios habitantes do Reino, se é que são, estão distraindo os seus irmãos do Reino. Isso me lembra bastante o que o apóstolo Paulo falou aos irmãos de Éfeso, quando ele estava se despedindo deles. As palavras do apóstolo dos gentios são tão precisas que perpassam os séculos e continuam sendo tão reais e tão verdadeiras quanto foram naquele período da história. É isso que Paulo diz em Atos 20:28-31, grifo meu:

Cuidem de vocês mesmos e de todo o rebanho no qual o Espírito Santo os colocou como bispos, para pastorearem a igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue. Eu sei que, depois da minha partida, **aparecerão no meio de vocês lobos vorazes, que não pouparão o rebanho. E que até mesmo entre vocês se levantarão homens falando coisas perversas para arrastar os discípulos atrás de si.** Portanto, vigiem, lembrando que, durante três anos, noite e dia, não cessei de admoestar, com lágrimas, cada um de vocês.

Infelizmente, a presente geração foi envenenada com o relativismo e o pluralismo. Não se pode mais condenar heresias e nem hereges. Hoje tudo é opinião. Não há espaço para fatos. A verdade? Ironicamente, tem sido tratada como relativa. Contudo, é uma contradição, não é? Como é que uma verdade é relativa?

Se é relativa, não é verdade. Porém, a desculpa é essa: “o importante é pregar e falar de Jesus. Não importa como”. Inclusive, já ouvi a seguinte frase: “pregue o evangelho, se necessário, use palavras”. Isso demonstra como a mensagem tem perdido o seu espaço. O discipulado tem se tornado coaching. A mensagem da transformação em Cristo tem se tornado um sistema de superação pessoal. Não se fala mais, como o apóstolo, não sou eu quem vivo, mas Cristo vive em mim (cf. Gl 2.20). O objetivo de muitos é ser a “melhor versão de si mesmo”. Mas o Eterno não encarnou, na pessoa de Jesus, para te fazer a melhor versão de si mesmo. Como muito bem demonstra Grant Macaskill (2021, p. 61):

O que Jesus leva à cruz é quem somos, nosso eu com toda a sua culpa, e o que desfrutamos em união com ele é precisamente quem ele é, sua plenitude com toda a sua glória. A atividade do Espírito na santificação, então, não tem a intenção de produzir uma versão melhor de nós mesmos, mas de realizar em nós a identidade moral pessoal de Jesus Cristo. Qualquer relato da vida moral cristã, qualquer programa de discipulado, que não comece e termine com as palavras de Paulo: “já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim”, é deficiente e acabará transformando-se em uma forma de idolatria.

Por isso, enquanto perdemos de vista o que realmente importa e o que, de fato, nos define como discípulos de Jesus, estaremos sempre em um limbo, vivendo o evangelho de forma superficial, se é que isso é possível, ignorando o Reino, sendo legalistas ou libertinos. A cruz não combina com o entretenimento.

UMA PROPOSTA PARA UMA REEDUCAÇÃO ESPIRITUAL

Depois desse pequeno panorama sobre as minhas impressões acerca deste assunto, gostaria de fazer uma proposta para nos limparmos dessa contaminação global. Claro, não é uma proposta definitiva. Também não é uma proposta que abrangerá todos os tópicos. Para isso, gostaria de trazer outra verdade bíblica: Cristo nos redimiu e livrou do pecado para nos trazer a liberdade. E essa liberdade nos torna escravos dele.

Sim, a verdadeira liberdade cristã é ser servo. O próprio Jesus disse para os seus discípulos que não veio para ser servido, mas para servir (Mt 20:19). E Jesus servia conforme a vontade do Pai. O Reino dos Céus não é legalista. Ou seja, não rege os seus integrantes com o peso da Lei. O evangelho não é uma lista de regras do que fazer — ou do que não fazer. Portanto, devemos nos alimentar desse evangelho, antes de tudo, para que toda a toxina que recebemos nas últimas décadas comece a ser purificada e eliminada do nosso ser. O que era verdade no primeiro século, continua sendo verdade em 2025 e continuará sendo verdade por toda a eternidade: precisamos ir para Jesus.

Gostaria de afirmar, contudo, que o objetivo deste capítulo era demonstrar como o entretenimento se tornou um problema dentro do evangelicalismo brasileiro. O problema não é o entretenimento, em si mesmo. Não está sendo dito que assistir

uma série, um filme, um anime, ler um livro ou, até mesmo, ouvir música secular é um problema. Na verdade, pode ser um problema se você consome conteúdos que são anti-cristãos. Porém, entenda, algo não ser sagrado não significa que é profano. Cuidado com o profano. Evite-o. Fuja dele. Porém, não torne todas as coisas não-sagradas em coisas-profanas só porque não são sagradas. Dito isso, como já foi amplamente argumentado, o que não podemos fazer é tornar o Evangelho em entretenimento. Não podemos nos distrair dos fundamentos da fé. Não podemos ignorar o Reino de Deus e seu Rei. Não podemos distorcer a mensagem de Deus. Não podemos pregar apenas que Jesus é salvador, enquanto ignoramos que Ele é Senhor e Rei sobre tudo e sobre todos.

Portanto, a minha proposta aqui é que voltemos ao Evangelho. E quando eu falo “evangelho”, falo de tudo. Lembre-se de que Jesus não nasceu adulto e já foi posto na Cruz. O anjo anunciou à virgem Maria que ela conceberia o Filho de Deus. Ela teve uma gestação. O bebê nasceu. O Filho de Deus encarnou. Ele cresceu, com graça e sabedoria. Aos 12 anos estava no Templo. Porém, somente com trinta anos ele começou seu ministério. E, depois disso, ainda passou três anos vivendo no Reino até ser crucificado naquela sexta-feira. Então, se você puder notar, os quatro evangelhos passam mais tempo observando a vida de Jesus do que a sua morte. É claro que a morte de Jesus é crucial. Mas não apenas a morte, mas a vida. Cristo nos mostrou, com riqueza de detalhes, através dos seus ensinamentos, como devemos viver. No famoso Sermão da Montanha, a partir de Mateus 5, vemos quais são as características daqueles que vivem no Reino de Deus.

Como podemos fazer isso? Por meio de atitudes simples e milenares. Eis a lista de uma boa “dieta cristã” que nos livrará do pecado, do diabo e do entretenimento gospel:

1. Oração;
2. Leitura da palavra;
3. Comunhão com a Igreja;
4. Disciplinas espirituais.

Quero comentar brevemente sobre cada parte dessa lista. A oração é quando nos elevamos a Deus, em voz ou alma. Existem vários tipos de oração. Mas todas têm o mesmo fim: se relacionar, pessoalmente, com Deus. Provavelmente, se passarmos mais tempo orando do que vendo memes nos reels do Instagram, ou no Tik Tok, seremos pessoas menos distraídas quanto ao mundo, tanto físico quanto espiritual. Jesus orou e nos ensina a orar. Quanto à leitura da Palavra, ela pode ser feita em vários momentos, de maneiras diferentes. Ler em casa, ou ler na Igreja, ou ler em um pequeno grupo. Ler sistemática ou cronologicamente. É possível, inclusive, fazer uma leitura orante, que é quando tornamos a nossa leitura bíblica em oração, com as palavras da Bíblia. Jesus fala que a palavra do Senhor é a verdade e que seremos santificados por ela (Jo 17). É por meio da leitura da Palavra que aprendemos todo o Conselho de Deus e podemos evitar, fugir e refutar desvios. A comunhão com a Igreja, por outro lado, costuma ser bem negligenciada. O autor de Hebreus cita isso quando informa que não devemos deixar de congregar, como

é costume de alguns (Hb 10). A comunhão tem várias facetas. Tem as partes mais tranquilas, como cultuar, e tem partes mais complexas como corrigir ou disciplinar.

Contudo, na base da comunhão está a comunhão com Cristo, visto que Jesus é a cabeça desse Corpo. Quando temos comunhão com o Corpo, que é a Igreja, temos comunhão com Cristo. E o momento mais sublime da comunhão do Corpo se dá na Ceia do Senhor. Infelizmente, a Ceia não tem sido valorizada como merece em diversos círculos cristãos. Porém, na comunhão somos edificados. Por fim, no meio de tudo isso, têm as disciplinas espirituais. A oração é uma disciplina. A leitura da Palavra é uma disciplina. A comunhão é uma disciplina. Porém, mais do que essas coisas, podemos listar o jejum, a solitude e a gratidão. Creio que precisamos fazer, constantemente, jejum de muitas coisas, além de comida. Jejum de redes sociais, jejum de entretenimento, jejum de falar etc. Mas tudo isso com objetivos espirituais.

Parece simples, não é? Porque realmente é. Mas isso não significa que é fácil. Tudo isso é espiritual, e, ainda, estamos em guerra. Não conseguiremos nada aleatoriamente. Mas precisamos lutar, mas não com as nossas forças, mas com a força que o Senhor Deus provê. Temos acesso a Ele, em Cristo. Portanto, a minha oração é que não deixemos que a distração nos faça sair do alvo que é Cristo.

REFERÊNCIAS

CADU SAFNER. Da igreja aos palcos: saiba quanto artistas gospel faturam por show. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/colunas/leo-dias/da-igreja-aos-palcos-saiba-quanto-artistas-gospel-faturam-por-show>>. Acesso em: 9 nov. 2025.

CARONLINE, Ana. Fé na área vip: espaços exclusivos em cultos geram críticas até entre fiéis evangélicos. Disponível em: <<https://osegredo.com.br/noticias/fe-area-vip-fieis-evangelicos/>>. Acesso em: 9 nov. 2025.

CATININ, L. O sucesso do Gospel no mercado da música - MusicPRO. Disponível em: <<https://blog.musicpro.live/o-sucesso-do-gospel-no-mercado-da-musica/>>. Acesso em: 9 nov. 2025.

DICIO. Entretenimento. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/entretenimento/>>. Acesso em: 9 nov. 2025.

EXTRA. Mercado de entretenimento gospel cresce no Brasil e movimentada indústria. Disponível em: <<https://extra.globo.com/entretenimento/noticia/2024/03/musica-gospel-tem-aumento-de-46percent-no-numero-de-ouvintes-e-movimentada-industria.ghtml>>. Acesso em: 9 nov. 2025.

MACASKILL, Grant. Vivendo em União com Cristo: o Evangelho de Paulo e a identidade moral cristã. São José dos Campos: Editora Fiel, 2021.

VITAL, Jr. Balada evangélica viraliza: Igrejas e Boates Gospel causam polêmica | Diário Carioca. Disponível em: <<https://diariocarioca.com/brasil/balada-evangelica-viraliza-igrejas-e-boates-gospel-causam-polemica/>>. Acesso em: 9 nov. 2025.

WIL. Mercado gospel movimenta R\$ 21,5 bilhões e gera 2 milhões de empregos | Notícias Gospel. Disponível em: <<https://noticias.gospelmais.com/mercado-gospel-movimenta-r-215-bilhoes-95101.html>>. Acesso em: 9 nov. 2025.

WRIGHT, N. T. Como Deus se tornou Rei. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019

Dependência tecnológica: Brasil é o 2º país que fica mais tempo no celular ou em outros eletrônicos. Disponível em: <<https://www.osul.com.br/dependencia-tecnologica-brasil-e-o-2o-pais-que-fica-mais-tempo-no-celular-ou-em-outros-eletronicos/>>.

Relativização da Doutrina e Moral Cristã

Katiane Silva de Oliveira

A FLEXIBILIZAÇÃO DOS PRINCÍPIOS BÍBLICOS PARA SE ADAPTAR À CULTURA CONTEMPORÂNEA

A Escritura Sagrada é a revelação do Deus que não muda (Mt 3.6; Tg 1.17). Por isso, seus princípios são imutáveis e aplicáveis a todas as épocas. João Calvino, ao comentar sobre a autoridade das Escrituras, afirmou: “A Palavra de Deus é o cetro com que o Rei governa a sua Igreja.” (Institutas, I, VI, 1).

Se a Igreja abandona essa verdade para se ajustar ao espírito da época, já não está debaixo do governo de Cristo, mas da tirania da cultura.

Nesse sentido, a advertência bíblica contra a conformidade cultural é constante. Paulo diz: “Não vos conformeis com este século” (Rm 12.2). A Confissão de Fé de Westminster, ecoando esse princípio, declara: “Deus deu à humanidade a Sua Palavra, como regra de fé e obediência” (CFW I.2).

Portanto, não é a cultura que determina a vida cristã, mas a Palavra de Deus, que ordena santidade e separação do pecado (1Pe 1.15-16).

Desse modo, um dos lemas centrais da Reforma foi o Sola Scriptura. Martinho Lutero, em sua defesa diante da dieta de Worms (1521), declarou:

“A menos que eu seja convencido pelas Escrituras e pela clara razão... minha consciência é cativa da Palavra de Deus. Não posso e não vou retratar-me, pois agir contra a consciência não é seguro nem correto.”

Essa consciência cativa da Palavra é o oposto da flexibilização contemporânea, que busca libertar-se da autoridade bíblica para abraçar os modismos do tempo.

Na ética sexual, a título de exemplo, a Bíblia ensina que o casamento é uma instituição divina entre homem e mulher (Gn 2.24; Mt 19.4-6). A Confissão de Fé de Westminster afirma:

“O casamento foi ordenado para a ajuda mútua do homem e da mulher, para a multiplicação da humanidade... e para impedir a impureza” (CFW XXIV.2).

Entretanto, muitas igrejas têm reinterpretado o ensino bíblico para se conformar ao espírito da época, relativizando princípios claros de pureza e santidade.

Por sua vez, no culto a Deus, o segundo mandamento estabelece que Deus deve ser adorado somente como Ele ordenou (Ex 20.4-6). Esse princípio é conhecido na tradição reformada como o Princípio Regulador do Culto. A CFW o expressa claramente:

“O modo aceitável de adorar o verdadeiro Deus é instituído por Ele mesmo, e é tão limitado pela Sua vontade revelada que não deve ser adorado segundo as imaginações e invenções dos homens” (CFW XXI.1)

Quando o culto é moldado pelo entretenimento ou pela estética da cultura, esse princípio é flexibilizado e a glória de Deus é ofuscada. O evangelho chama à santidade em toda a conduta (1Pe 1.15-16). Contudo, muitos hoje suavizam a mensagem sobre pecado e arrependimento. O Catecismo de Heidelberg (1563), em sua primeira pergunta, recorda ao crente que sua única consolação é pertencer a Cristo:

QUAL É O TEU ÚNICO CONFORTO, TANTO NA VIDA COMO NA MORTE?

Que de corpo e alma, tanto na vida como na morte, não pertenço a mim mesmo, mas a Jesus Cristo...”

Flexibilizar os princípios morais é esquecer essa verdade fundamental: pertencemos a Cristo e não a nós mesmos. Pedro afirma: “Em nenhum outro há salvação” (At 4.12). No entanto, em uma cultura relativista, muitos tentam reduzir Cristo a apenas um exemplo ético. Contra isso, a Confissão Belga (1561) declara: “Cremos que Jesus Cristo é o único Salvador, e não necessitamos de outro.” (Artigo 26).

Negar essa exclusividade é ceder à pressão cultural e comprometer o coração do Evangelho. Flexibilizar princípios pode atrair popularidade momentânea, mas esvazia o Evangelho. O apóstolo Paulo já havia advertido: “Se eu ainda estivesse procurando agradar a homens, não seria servo de Cristo” (Gl 1.10). A tradição reformada sempre sustentou que a verdade deve ser proclamada mesmo que isso traga oposição.

Cristo chamou a Igreja para ser luz e sal (Mt 5.13-16). O sal preserva justamente porque é diferente do ambiente; a luz brilha porque contrasta com as trevas. A Confissão de Fé de Westminster lembra que a Igreja é chamada a ser “coluna e baluarte da verdade” (CFW XXV.3). Se a Igreja perde essa função, deixa de ser fiel à sua vocação.

Discernimento e coragem são virtudes necessárias para a Igreja hoje. O Catecismo Maior de Westminster, ao tratar do primeiro mandamento, nos lembra do dever de reconhecer, adorar e obedecer somente a Deus (Q. 104). Portanto, ceder às pressões culturais não é mera fraqueza, mas idolatria — a substituição da autoridade de Deus pela autoridade da cultura.

O lema reformado permanece atual: *Ecclesia reformata semperreformanda secundum verbum Dei*. A Igreja deve se reformar continuamente, mas sempre segundo a Palavra de Deus — nunca segundo os padrões culturais. Assim, permanecerá fiel ao Senhor, guardando a verdade e testemunhando de Cristo em meio a um mundo em constante mutação.

A sociedade contemporânea é marcada por rápidas transformações sociais, culturais e tecnológicas. As pautas mudam em velocidade impressionante, e o que antes era visto como imoral ou impensável hoje é promovido como normalidade ou até virtude. Nesse cenário, muitos cristãos e comunidades de fé sentem a pressão de adequar sua mensagem à mentalidade vigente, para não parecerem antiquados, rígidos ou “intolerantes”. Surge, então, a questão: até que ponto é legítimo adaptar a fé às exigências da cultura?

A Escritura responde de forma clara: os princípios da Palavra de Deus são imutáveis. O Senhor declarou: “Seca-se a erva, e cai a sua flor, mas a palavra de nosso Deus subsiste eternamente” (Isaías 40:8). A verdade revelada não se molda ao espírito da época, pois é fruto do caráter imutável de Deus. Assim como Ele não muda, seus princípios também não mudam (Malaquias 3:6; Hebreus 13:8).

O apóstolo Paulo advertiu sobre o perigo de um evangelho diluído para se ajustar aos desejos humanos. Ele escreveu: “Porque virá tempo em que não suportarão a sã doutrina; mas, tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutores conforme as suas próprias concupiscências” (2 Timóteo 4:3). Essa profecia encontra eco em nossos dias: em nome da relevância, muitas igrejas substituem a pregação da cruz por discursos motivacionais, trocam a santidade por conveniência e suavizam a seriedade do pecado para não ofender.

Contudo, a Escritura não chama o cristão a agradar ao mundo, mas a permanecer fiel ao Senhor. Paulo afirmou: “Se ainda agradasse aos homens, não seria servo de Cristo” (Gálatas 1:10). O discípulo de Cristo é convocado não a conformar-se com o século presente, mas a ser transformado pela renovação da mente (Romanos 12:2).

Os reformadores do século XVI enfrentaram realidade semelhante. O mundo ao redor deles estava mergulhado em tradições humanas, superstições e corrupções na igreja institucional. A tentação de se calar ou se adaptar para manter a popularidade ou a segurança pessoal era grande. No entanto, homens como Martinho Lutero, João Calvino e Ulrico Zuínglio permaneceram firmes na centralidade da Palavra de Deus.

Lutero, como apontado no início do capítulo, diante da Dieta de Worms, em 1521, declarou: “Minha consciência está cativa à Palavra de Deus. Não posso e não vou me retratar de coisa alguma, pois não é seguro nem correto agir contra a

consciência. Que Deus me ajude. Amém.” Para ele, a verdade bíblica não poderia ser moldada ao sabor da maioria, mas deveria permanecer como norma suprema, ainda que isso significasse oposição cultural.

Calvino, em suas Institutas, também reafirmava que o coração humano é uma “fábrica de ídolos” e que a tendência do homem é distorcer a verdade divina para satisfazer suas paixões. Para o reformador, a fidelidade à Palavra deveria estar acima de qualquer acomodação cultural, pois somente a Escritura é a regra infalível de fé e prática.

Ser fiel à Palavra não significa rejeitar a cultura ou viver isolado do mundo. O próprio Cristo orou ao Pai: “Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal” (João 17:15). O cristão é chamado a ser sal e luz (Mateus 5:13-16), influenciando a sociedade com o evangelho.

Todavia, existe uma diferença entre dialogar com a cultura e submeter-se a ela. O apóstolo Pedro exortou: “Santificai ao Senhor Deus em vossos corações; e estai sempre preparados para responder com mansidão e temor a qualquer que vos pedir a razão da esperança que há em vós” (1 Pedro 3:15). Isso significa que o crente deve apresentar razões da fé com amor, mas nunca adulterar a mensagem para torná-la mais aceitável.

Falar a verdade não é arrogância, mas expressão de amor. A Escritura ordena: “falando a verdade em amor” (Efésios 4:15). O amor genuíno não esconde a verdade, mas a comunica com paciência e compaixão. Assim como Cristo, cheio de graça e de verdade (João 1:14), lidava com pecadores com ternura sem jamais relativizar a santidade de Deus, também o cristão deve refletir esse equilíbrio.

A igreja, portanto, não deve flexibilizar princípios, mas proclamar a Palavra com sabedoria e amor, mostrando que os mandamentos do Senhor são expressão do seu cuidado e não um fardo pesado (1 João 5:3).

A cultura contemporânea é instável, mas a Palavra de Deus permanece para sempre. Flexibilizar os princípios bíblicos para se adaptar às exigências do momento é perder de vista o chamado de Cristo: ser fiel até o fim. Lutero lembrava que “a Palavra de Deus permanece para sempre”. Calvino ressaltava que a vida do homem só encontra direção segura quando submissa às Escrituras.

O cristão é chamado a viver no mundo, mas não segundo o mundo. Não busca relevância à custa da verdade, mas deixa que a verdade de Deus transforme sua vida, para que, por meio dela, o mundo veja a luz do evangelho.

Assim, ele proclama com firmeza e amor: “A tua palavra é a verdade” (João 17:17).

A Política e a Igreja: O Flerte Perigoso

Antônio Soares de Oliveira Filho

Começo refletindo sobre uma máxima bem interessante de um dos mais importantes escritores do realismo português, sendo considerado o maior representante da prosa realista da língua portuguesa. Eça de Queiroz onde o mesmo nos inspira a pensar citando: “Políticos e fraldas devem ser trocados de tempos em tempos pelo mesmo motivo”. Dá para pensar? Acredito que sim! É verdade precisamos exercer nossa cidadania sim, somos cidadãos brasileiros e vivemos numa democracia, isso é fato.

A frase do escritor citado é bem interessante e com um tom brigarão, realmente, fraldas devem ser trocadas, por que o ficam nelas não é tão agradável, ou seja, não exalam uma fragrância agradável, vocês estão me entendendo, não quero descrever os detalhes concordam? Da mesma forma os políticos devem ser trocados pelos os mesmos motivos do que ficam nas fraldas concordam? Esta máxima do escritor leva-me algumas conclusões evidentes, a saber: As fraldas devem ser trocadas tempos em tempos e os políticos da mesma forma. Pois bem, dentro desta discussão quero inicialmente refletir sobre alguns termos que nos levará a refletir na essência da temática proposta.

Antes de adentrar a temática em tela, faz-se necessário destacar alguns termos relevantes para nossa reflexão e compreensão do tema em pauta, a saber: O termo política, igreja e flertar! Vou começar pelo termo política. Observa-se que muitas pessoas não têm nenhum interesse sobre a temática política, por entender ou não sobre o assunto, muitas delas torcem o nariz e segue sua vida, entendendo que compreender a política não proporcionará nenhum ganho ou entendimento para sua vida e não lhe cabe. Mas será que este procedimento é correto? Compreender é uma coisa! Participar da politicagem é outra questão. Tento entender que estamos inseridos dentro, de entes federativos, ou seja, ente federativo é uma unidade autônoma que, juntamente com outros entes, forma uma federação. No Brasil, os entes federativos são a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios.

Mondin (1981) citando Aristóteles diz:

A origem do Estado é natural e não convencional, como afirmavam os sofistas e, em parte, também Platão. Os seres humanos se unem para formar a sociedade não em virtude

de um pacto, mas instintivamente, porque de outro modo não deveriam satisfazer a todas as suas necessidades físicas e intelectuais.

Fica claro com isto, que Aristóteles aponta o ser humano, como um animal político e o estado por sua vez, constitui-se numa criação natural deste ser humano.

É notório evidenciar que foi no filósofo grego Aristóteles (384 – 322 a.C) afirmava que o homem é por natureza um ser social, pois, para viver e sobreviver, não tem sentido ficar isolado, dentro de um contexto de sociedade.

Precisa-se estabelecer conexões, relações em diversas dimensões da vida humana.

Nesta perspectiva, evidencia-se um impulso natural do homem viver em sociedade de forma organizada, conforme a natureza humana. E essa sociedade buscando um bem coletivo dentro desta organização.

Aristóteles vai chamar de a polis: “a cidade (pólis) e dentro desta pólis que se estabelece as relações de uma sociedade organizada.

Mas o que vem a ser política?

Para Contrin (2013) disserta que o termo política vem do grego polis “cidade – Estado” e designa, desde a antiguidade, o caminho da atividade humana que se refere à cidade, ao Estado, à administração pública ao conjunto dos cidadãos.

Para Comtesponville (2011) diz que: política é tudo o que diz respeito á vida na Cidade (polis), e especialmente à gestão dos conflitos, das relações de forças e de poder.

Já dizia Rui Barbosa Política e politicalha não se confundem, não se parecem, não se relacionam com a outra. Antes se negam, se repulsam mutuamente. A política é a higiene dos países moralmente sadios. A politicalha, é a malária dos povos de moralidade estragada.

Evidencia-se que os homens muitas vezes conduzidos pelos seus desejos egoístas, infames, carnes, hipócritas do que pela razão de um sentimento comum dentro da polis. É motivo de nota também o que diz Espinosa a saber: por isso eles são “por natureza inimigos uns dos outros” (Tratado político, II,5 E 14).

Aristóteles entende que o ser humano é um animal político e isto perfeitamente normal na polis grega, porque, o filósofo evidencia que a política se dirige ao bem comum, pelo menos em tese.

Essa visão da polis grega parece bem romântica na teoria e até um sonho para o vislumbre dos cidadãos de bem, um certo bem estar, de fato a teoria aponta-se como uma maravilha para o bem comum, mas, o que evidenciamos no transcurso da história está longe de ser evidenciado para o bem comum, ou seja, para sociedade como um todo, o que percebe-se é uma verdadeira jogada, onde o tabuleiro evidencia cartas marcadas no cenário político, é um verdadeiro jogo de interesses e de barganhas em busca poder e fortunas de determinados grupos de família ou ideologias específicas.

Refletindo também as concepções de Agostinho, o mesmo apontava o termo política, no sentido que envolvia o conflito entre Estado pagão e a Igreja remida. A igreja uma espécie de orientadora temporal e transcendental, a meu ver grande equívoco do pensador religioso. Não deu certo essa ideia agostiniana.

Ademais, Segundo Faraoni (2024) vem dizer que o termo política de certa forma perdeu, sofreu grandes transformações com o decorrer da História. Ele foi perdendo seu sentido original e adquirindo outros, atribuídos nos diversos períodos históricos ou nas sociedades em que foi utilizado. Assim, aos poucos, passou a designar as atividades de gestão, administração e condução da vida nas cidades.

Nesse sentido, o termo política aponta sua abrangência, porém, evidenciamos outros aspectos do termo política e de poder. Ou seja, nos tempos hodiernos o termo política, está associado ao poder e principalmente quando seus atores vislumbram situações vantajosas para si ou para grupos particulares.

A RELAÇÃO DA POLÍTICA E O PODER

Existe uma relação explícita da política com o poder? Sem sombra de dúvidas, é fato concreto.

Segundo dicionário Aurélio (2008) poder consiste, em “ter a faculdade, ou o direito de; é ter força; ter possibilidade; vigor; domínio”.

No dizer de comte (2011) o poder é definição perfeita em Hobbes: de um homem consiste em seus meus presentes de obter um bem aparente futuro.

Para Japiassú (2006) revela o poder da seguinte forma, a saber: (latim *vulgar potese*) capacidade, faculdade, possibilidade de realizar algo, derivada de um elemento físico ou natural.

No sentido político, examina-se de o poder como o exercício do domínio, força; poder ditatorial.

Dissertando Foucault (1987) no seu livro Vigiar e punir, traz a seguintes reflexões: evidencia-se a realizar uma genealogia do poder, um exame das relações entre saber e poder, ciência e dominação, controle no contexto da sociedade contemporânea. Esse poder pode ser exercícios e constatado na sociedade de diversas formas e multiplicidade de sentidos.

Faraoni (2024) vai dizer que o poder no âmbito político, esse poder vai ser percebido por quem não o exerce – como é o caso dos governados – como legítimo ou como arbitrário. Ele pode ser legítimo por vários fatores, por exemplo, quando decorre da escolha livre do governante, a quem o poder é conferido. Ou pela comunidade dos leitores. Quanto a sua arbitrariedade aponta-se o seguinte exemplo: Observemos a seguintes situações: quando alguém legitimamente escolhido para exercê-lo o faz em desacordo com as regras que regem seu exercício, como foi o caso do presidente Fernando Collor de Melo no Brasil, que acabou deposto pela sociedade. No contexto atual, mais um exemplo quase consumado pelo Bolsonaro inflamando uma multidão de simpatizantes com suas ideias e pasme evangélicos

envolvidos no contexto evidencio esta realidade com certa tristeza por ser cristão, o evento planejado, segue um pequeno registro do citado no jornal da USP:

“O dia 8 de janeiro de 2023 o Brasil foi surpreendido por um ataque, quando automeados patriotas invadiram e vandalizaram o Congresso Nacional, o Palácio do Planalto e o Supremo Tribunal Federal (STF). A surpresa não foi, entretanto, motivada pelo próprio ataque. O líder dos “patriotas”, Jair Messias Bolsonaro, mesmo quando eleito presidente, em 2018, colocou em dúvida os resultados eleitorais, defendendo que já havia obtido mais da metade absoluta dos votos no primeiro turno do pleito. De maneira mais direta, converteu as comemorações pela Independência, nos 7 de setembro de 2021 e de 2022, em verdadeiras celebrações golpistas, nas quais milhares de seus apoiadores clamavam por “intervenção militar já”.

Mais uma página de vandalismo na história do Brasil, mas é isso que acontece, quando se colocam políticos, inconsequentes, e sem limites do bom senso, para o bem comum, que querem apenas gerir os destinos de um país apenas para grupos específicos, os resultados são desastrosos, e o pior, apoiado por pessoas que se dizem cristãos evangélicos, proclamadores das boas novas de salvação. Até onde compreendo essa não é a missão dos cristãos evangélicos.

As páginas Neotestamentária revelam-nos a um evento impactante entre um personagem chamado Barrabás e o Mestre de Nazaré Jesus Cristo, conforme o texto bíblico a seguir, evangelho segundo escreveu Marcos 15.6-15.

JESUS É CONDENADO À MORTE

6 Em toda Festa da Páscoa, o Governador costumava soltar um dos presos, a pedido do povo. 7 Naquela ocasião um homem chamado Barrabás estava preso na cadeia junto com alguns homens que tinham matado algumas pessoas numa revolta. 8 A multidão veio e começou a pedir que, como era o costume, Pilatos soltasse um preso. 9 Então ele perguntou:

— Vocês querem que eu solte para vocês o rei dos judeus?

¹⁰ Ele sabia muito bem que os chefes dos sacerdotes tinham inveja de Jesus e que era por isso que o haviam entregado a ele. ¹¹ Mas os chefes dos sacerdotes ataçaram o povo para que pedisse a Pilatos que, em vez de soltar Jesus, ele soltasse Barrabás. ¹² Pilatos falou outra vez com o povo. Ele perguntou:

— O que vocês querem que eu faça com este homem que vocês chamam de rei dos judeus?

¹³ E eles gritaram:

— Crucifica-o!

¹⁴ — Que crime ele cometeu? — perguntou Pilatos.

Mas eles gritaram ainda mais alto:

— Crucifica-o! Crucifica-o!

¹⁵ Então Pilatos, querendo agradar o povo, soltou Barrabás, como eles haviam pedido. Depois mandou chicotear Jesus e o entregou para ser crucificado.

Será que apoiando gestores públicos no que tange aos políticos violentos, truculentos, não estamos vivenciando essa passagem bíblica de Jesus e Barrabás? Desenvolver sua introspecção, reflita, ouse pensar! Você é um ser livre!

A IMPORTÂNCIA DO ESTADO LAICO

“O Estado laico surgiu junto ao republicanismo a fim de garantir que houvesse igualdade entre todos os cidadãos. Após diversas guerras e conflitos por conta de religião, as pessoas começaram a enxergar a necessidade de separar as decisões estatais da Igreja, pois ela não poderia servir como base para justificar as ações do governo.

A junção entre Estado e Igreja foi abandonada com o modo de governar do Antigo Regime pela maioria dos países, pois os monarcas absolutos de antes necessitavam da suposta bênção divina para justificar as suas ações. O republicanismo e a dissolução do poder estatal no Parlamento retiraram o peso das ações governamentais da religião e colocaram-no inteiramente no povo, na competência dos agentes públicos e no âmbito do Estado. “Observe o que diz a carta magna de 1988 da república brasileira:

Art. 19. É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios: I – estabelecer cultos religiosos ou igrejas subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público; II – recusar fé aos documentos públicos; III – criar distinções entre brasileiros ou preferências entre si.

Essa desvinculação é necessária, porque, do ponto de vista eclesiástico nunca deu certo essa relação íntima, mas de forma respeitosa sim. A igreja é a coluna e firmeza da verdade, e é uma verdade na perspectiva bibliocêntrica e cristocêntrica e não através de barganha ou jogo político como assim observamos no curso da história política do Brasil e do mundo.

ABORDAGEM DE UMA COSMOVISÃO CRISTÃ PARA A POLÍTICA

Para Geisler (2002) diz que: Cosmovisão é o modo pelo qual a pessoa vê ou interpreta a realidade. É a estrutura por meio da qual a pessoa entende os dados da vida. Uma cosmovisão influencia muito a maneira em que a pessoa vê Deus, origens, mal, natureza humana, valores e destino.

Muitos atribuem os exemplos de José, Daniel, Ester, Mardoqueu dentre outros, como inspiração, razão para seguirmos na seara política. Como cristãos, é relevante termos uma visão do que está acontecendo no contexto atual em várias

dimensões das ações humanas, isso é fato. Mas isso não significa termos uma projeção no que tange aos aspectos da política partidária. Essa não é missão dos cristãos. O povo de Deus não precisa se envolver com a política partidária. A luz de Cristo deve ser proclamada, testemunhada sem se envolver com as manobras da política partidária. Temos uma cosmovisão bibliocêntrica, cristocêntrica e soteriológica, não podemos se embarçar com as bolotas da polis grega.

A SUPREMACIA E EXCELÊNCIA DA IGREJA NO MUNDO SEM PRECISAR DA POLÍTICA PARTIDÁRIA

Inicialmente para refletirmos sobre a igreja destacaremos a etimologia da palavra igreja.

Para Champlin vocábulo grego *ekklesia* significa, basicamente, “os chamados para fora”, dando a entender um grupo distinto, selecionado e tirado para fora de algo.

No dizer de Allison Gregg (2021) no seu livro 50 verdades centrais da fé cristã diz que a igreja é o povo de Deus, salvo por sua graça e reunido como comunidade da fé.

Nas páginas Neotestamentária evidenciando a carta de Paulo a Timóteo no capítulo 3.14,15 reverencia a igreja dizendo: “Escreve-te estas coisas, esperando ir ver-te em breve; para que, se eu tardar, fiques ciente de como se deve proceder na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, coluna e baluarte da verdade”.

Infer-se nesta passagem as instruções de Paulo para o servo Timóteo destacando o objetivo de Paulo ao escrever sua primeira carta a Timóteo era dar-lhe instruções sobre como uma congregação local e sua liderança deveriam funcionar.

Hendriksen (2011) diz: Timóteo deve saber supervisionar o culto e a eleição de presbíteros. Além do mais, deve lembrar-se de que não lhe é recomendado um negócio particular, mas a casa de Deus! “Casa”, Aqui, é a tradução correta (no sentido de habitação), e não “família” (ou “casa” no sentido de família) os crentes são a casa de Deus ou seu santuário. Em momento algum Paulo faz referência a grupos políticos.

Destaca mais dizendo que é a igreja do Deus vivo (não templo de ídolos mortos), constitui a coluna e fundamento da verdade.

Como coluna e fundamento da verdade essa igreja pura, santa não pode compactuar com o sistema político carnal, impróprio, corrupto como se configura a política partidária.

O sistema da política partidária não é lugar de cristão que proclama as verdades do reino de Deus, porque se entrar no sistema de corrupção não volta mais, temos vários exemplos do contexto antigo e no contexto atual. A política partidária está: Cheios de toda injustiça, malícia, avareza e maldade; possuídos de inveja, homicídio, contenda, dolo e malignidade; sendo difamadores, caluniadores, aborrecidos de Deus, insolentes, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes ao pai...(Rm 1.29,30).

MAS A IGREJA VEM FLERTANDO COM ESTE SISTEMA POLÍTICO NO CONTEXTO ATUAL?

A palavra flertar tem o significado segundo dicionário Aurélio (2008) de: “Namorar por um pouco tempo”. Mas na verdade o que se parece não é um namoro superficial, mas um casamento com fortes laços de união. Isso é de fato, um descaramento inconseqüente jamais visto na história dos evangélicos no Brasil. Muitos líderes estão vendendo se fosse possível até sua alma para fortificar este relacionamento. Evidencio este relacionamento incestuoso, imoral e de graves consequências a médio ou longo prazo. A igreja como instituição, CNPJ está sim! Não só flertando, mas buscando a todo momento evidenciar essa triste realidade. Embora tento compreender que o exercício da cidadania constitui um direito legítimo de qualquer brasileiro. No entanto, a missão da igreja não é esta.

A missão da Igreja

A igreja como coluna e fundamentado da verdade como diz Timóteo 3.15, nos leva a refletir sobre a sua missão, consideremos alguns pontos:

- Proclamar a glorificação a Deus.

O objetivo principal do homem é glorificar a Deus e gozá-lo para sempre.

O lugar da presença divina é no coração dos que creem, não em templos corrompidos por alianças políticas e interesses próprios.

Este é o dever ser o fundamental maior, glorificá-lo por meio do louvor, da oração. (Sl 50.23)(1Pe 2.9).

- Proclamar uma edificação a si própria.
- Proclamar purificação a si própria
- Proclamar instrução de seus membros
- Proclamar a evangelização do mundo – A grande comissão manda que a Igreja vá por todo o mundo e faça discípulos de todas as nações (Mt 28.19; Mc 16,15; Lc 24; At 1.8).
- A grande comissão é a sublime tarefa de levar as virtudes de Cristo ao mundo.
- Proclamar ação como força restritiva e iluminadora no mundo.
- Proclamar tudo o que é bom.

Enfim, a missão da igreja é ser sal da terra e luz do Mundo (Mt 5.13,14), definitivamente a igreja não precisa de representantes políticos nas câmaras municipais, estaduais ou federais e nem tão pouco um representante no executivo federal, refiro-me ao um presidente(a). Nosso líder maior é Cristo.

Termino lançando mão da carta de Paulo aos colossenses 1.1-23 está escrito: A excelência da pessoa e da obra de Cristo

¹³ Ele nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor,¹⁴ no qual temos a redenção, a remissão dos pecados.¹⁵ Este

é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação;¹⁶ pois, nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele. ¹⁷ Ele é antes de todas as coisas. Nele, tudo subsiste. ¹⁸ Ele é a cabeça do corpo, da igreja. Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos, para em todas as coisas ter a primazia, ¹⁹ porque aprouve a Deus que, nele, residisse toda a plenitude ²⁰ e que, havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele, reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a terra, quer nos céus. ²¹ E a vós outros também que, outrora, éreis estranhos e inimigos no entendimento pelas vossas obras malignas, ²² agora, porém, vos reconciliou no corpo da sua carne, mediante a sua morte, para apresentar-vos perante ele santos, inculpáveis e irrepreensíveis, ²³ se é que permaneceis na fé, alicerçados e firmes, não vos deixando afastar da esperança do evangelho que ouvistes e que foi pregado a toda criatura debaixo do céu, e do qual eu, Paulo, me tornei ministro.

REFERÊNCIAS

ALLISON, Gregg R. **50 verdades centrais da fé cristã**: um guia para compreender e ensinar teologia. São Paulo: Vida Nova, 2011.

BRASIL. **[Constituição (1988)]**. Constituição da República Federativa do Brasil. [recurso eletrônico] — Brasília: Supremo Tribunal Federal, Secretaria de Altos Estudos, Pesquisas e Gestão da Informação, 2023.

COMTE, Sponville André. **Dicionário filosófico**. 2 ed. São Paulo: Editora WHF Martins Fontes, 2011.

CONTRIM, Gilberto. **Fundamentos de filosofia**. São Paulo: Saraiva, 2013.

CONTRIM, Gilberto; FERNANDES, Mirna. **Fundamentos de filosofia**. 4ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

CHAMPLIN, R.N. **Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia**. Vol 3, São Paulo: Hagnos, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário de língua portuguesa**. 7ed-curitiba, ed positivo, 2008,

FARAONI, Alexandre. **Ser protagonista sociologia**: ensino médio, volume único. Edições SM. 2ed. São Paulo: Edições SM, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.

GEISLER, Norman L. **Enciclopédia de apologética**: respostas aos críticos da fé Cristã — São Paulo: Editora Vida, 2002.

JAPIASSÚ, Hilton; Danilo Marcondes. **Dicionário básico de filosofia**. 4ed. Atual -Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2006.

HENDRIKSEN, Willian. **Comentário do novo testamento** – 1Timoteo,2 Timoteo e Tito. São Paulo Cultura Cristã,2011.

MONDIN, Batista. **Curso de Filosofia**. São Paulo: Edições Paulinas,1981.

THIESSEN, Henry Clarence. **Palestras em Teologia Sistemática**. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1987

SHEDD, Russell Philip. **Bíblia Shedd**: Antigo e Novo Testamentos. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida, São Paulo: Vida Nova, 1997

SITES CONSULTADOS

<https://jornal.usp.br/artigos/o-que-foi-o-8-de-janeiro/>

<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/estado-laico.htm>

A Igreja como Agência Social

Francisco Jessivan de Souza Alves

Então, os justos desejarão saber: “Mas, Senhor! Quando foi que te encontramos com fome e te demos de comer? Ou com sede e te saciamos? E quando te recebemos como estrangeiro e te hospedamos? Ou necessitado de roupas e te vestimos? Ou ainda, quando estiveste doente ou encarcerado e fomos verte?”. Então o Rei, esclarecendo-lhes responderá: ‘Com toda a certeza vos asseguro que, sempre que o fizestes para algum destes meus irmãos, mesmo que ao menor deles, a mim o fizestes’. (Mateus 25:37 - 40).

Como cristãos, não tem como lermos essa passagem sem aquele sentimento de que algo precisa ser feito, ou, como é o meu caso, a constatação do quanto estou distante do ideal divino. Tal trecho provoca nossa altivez e humilha nossa religiosidade estéril. Entretanto, para um cristão genuíno, ele o desperta. Essa foi a intenção ao começar este capítulo com essa passagem bíblica, despertá-lo. O aspecto social é uma das áreas mais negligenciadas da igreja, e as poucas vezes em que fazemos é por motivações e modos equivocados.

Neste capítulo, nosso objetivo é pontuar o papel social e evangélico da igreja, visto que este é mais difundido e, portanto, melhor assimilado pela comunidade cristã, focaremos mais no papel social. Em um primeiro momento, vamos mostrar como algumas práticas sociais ou a falta dela são resultado da influência secularista no pensamento cristão. Para isso confrontaremos os posicionamentos tendo como base os principais textos bíblicos que abordam o assunto, visando reordenar nosso conceito por meio de uma cosmovisão bíblica. Em seguida faremos uma advertência para que a ação social não suplante a missão evangélica. Concluiremos apontando princípios bíblicos que visem equilibrar missão evangélica e ação social.

O IMPACTO DA SECULARIZAÇÃO NO SERVIÇO SOCIAL

Muito foi falado em relação à secularização, farei menção apenas aos aspectos em que seus impactos geraram distorções na visão da igreja enquanto agência social. A secularização enquanto ideia ou conceito pode ter muitos

sentidos, para o cristão podemos dizer que, inicialmente tal movimento buscou separar a igreja do estado, o mundo espiritual do mundo físico, a vida secular da vida religiosa. É verdade que em uma cosmovisão bíblica é admitido que as mais variadas instituições de uma sociedade precisem ter certa autonomia. Apesar disso, a bíblia mostra que Deus governa sobre toda autoridade ou instituição.

Quando olhamos para o antigo testamento, temos um modelo ou princípio de uma sociedade adequada administrativamente. Vemos, por exemplo, rei, sacerdote e profeta, cada um com sua atribuição. Contudo, Deus é soberano sobre todos, e esse é o nosso primeiro impasse com o fenômeno secularista. Reconhecer que a igreja deve seguir separada do estado não é um problema para nós. Nossa questão é tirar Deus de cena e de seu trono. Reconhecemos, entretanto, que não vivemos mais no tempo do antigo testamento, não se trata de querer viver de acordo com a lei de Moisés, especialmente em seu aspecto civil. Naquele período Moisés poderia fazer não só ação social, mas também justiça social, por exemplo. As prerrogativas daquela sociedade de modelo igreja/estado não são válidas para nós hoje. A visão secular nesse aspecto é positiva, nos demais aspectos não. Dessa forma o antigo testamento é parâmetro apenas pelo fato de que toda uma sociedade vivia em submissão a Deus. Se não é possível que toda uma sociedade viva em obediência, pelo menos sua igreja deve viver o reino de Deus, isto é, seus valores, e combater qualquer fenômeno que contrário a ele queira entrar na igreja. Os valores bíblicos e seus princípios devem ser postos acima de qualquer cultura ou lei de um país. Somos peregrinos a forasteiros, nossa pátria é outra, assim como nossos valores. Devemos nos submeter ao estado, ou absorver algum aspecto da cultura quando não ferir os valores eternos do nosso verdadeiro Rei de quem somos súditos.

O secularismo nada mais é do que uma tentativa do homem em viver emancipado de Deus. Essa não é apenas visão de um mundo dicotômico, mas um mundo onde a ênfase é materialista, Deus é um detalhe não reconhecido ou admitido fora do âmbito da fé, assim, para esse pensamento, atuação de Deus limita-se a igreja. Deste modo, uma vez que Deus está “expulso” dessa sociedade, todo conceito divino, toda verdade agora é relativa e, assim sendo, toda prática é permitida para que se alcance o objetivo, as implicações morais são agora deixadas também de lado. O secularismo não é apenas um movimento que trouxe autonomia às instituições, ele quer se libertar de Deus, ou melhor do seu “jugo”.

O leitor poderia deduzir que uma cosmovisão assim dificilmente atingiria a igreja, entretanto, infelizmente algumas de nossas práticas são resultados de um pensamento secularizado. A igreja é um recorte da sociedade, ou seja, todas as ideologias que estão sendo vistas, ditas ou praticadas atingem de algum modo em maior ou menor proporção a igreja. É preciso lembrar que nós não fomos retirados desse mundo, literalmente falando. Além disso, existem aqueles que se juntam a nós dia após dia quando se convertem, chegam com uma visão particular de mundo e precisam se amoldar a verdade bíblica (Rm 12.2). A igreja vive nesse conflito constante: viver no mundo não se amoldando a ele, isso justifica materiais como esse, caro leitor.

Dessa nossa definição acima do que é o fenômeno secularista, duas ações

vamos destacar como sendo praticadas pela igreja com esse viés. A primeira é quando entendemos que tudo é válido, desde que o objetivo seja alcançado. Você já deve ter visto, ouvido ou até mesmo participado de vários tipos de estratégias evangelísticas. Algumas como, por exemplo, “projeto sopão”, são frequentemente utilizado por algumas igrejas situadas em periferias da cidade. Pelo menos aqui na região Nordeste isso acontece. Para quem não conhece o projeto, vou resumir.

Geralmente, quando se quer abrir uma igreja em uma comunidade carente, uma das opções evangelísticas para “ganhar almas” para o Senhor Jesus é realizar um projeto que venha em primeiro lugar, ganhar a simpatia do povo, para que, finalmente, se alcance o objetivo, que é se instalar como instituição religiosa naquela comunidade. Desse modo, a doação de sopas funciona como uma estratégia e não como um fim em si mesmo ou como parte integrada da missão. Nada contra doar sopa para quem tem fome, o problema não está na sopa, também não é errado começar uma igreja por meio de ações sociais. O problema é a motivação pela qual se faz isso. Não é nada ético, não é bíblico, não é o que diz o texto acima (Mateus 25:37 - 40), é secular. Além disso, nesse caso específico, esse não é o único problema, o resultado de uma igreja que é atraída por este motivo acaba por não entender claramente a proposta do evangelho e fica refém deste ciclo vicioso de atrair pelo material que pode oferecer e não pelo espiritual que pode proporcionar com o conhecimento genuíno da palavra de Deus.

Atrair as pessoas pelo estomago é exatamente o que faz a maioria de nossos agentes políticos, fazer o bem deixa de ser o fim em si mesmo e passa a ser uma moeda de troca. A Bíblia diz que precisamos dar com a direita sem que a esquerda veja, (Mt 6.3). Esse é apenas um dos vários exemplos de como a igreja tem sido influenciada por práticas secularistas. A igreja não deve fazer da ação social uma “moeda de troca” para alcançar vidas para o reino de Deus, esta deve ser, portanto, uma prática sadia gerada a partir da empatia.

A segunda ação que a igreja absorveu do secularismo é um olhar dicotômico quanto ao seu relacionamento com o próximo. Quando falamos em olhar dicotômico, estamos nos referindo àquela postura muito comum que alguns líderes têm de se preocupar apenas com o aspecto espiritual do irmão. Tiago 2.15,16, em contexto de fé evidenciável, argumenta, “Se um irmão ou uma irmã estiverem necessitados de roupa e passando privação do alimento de cada dia, e qualquer dentre vós lhes disser: “Ide em paz, aquecei-vos e comei até satisfazer-vos”, porém sem lhe dar alguma ajuda concreta, de que adianta isso?”. No contexto da antropologia, costuma-se dividir o homem assim, alguns o veem como dicotômico, outros o descrevem como sendo tricotômico, todavia biblicamente falando, o homem é uno, precisamos vê-lo de forma integral. Isso significa que a necessidade espiritual e a social devem ser supridas de alguma forma.

Em outras palavras, que cristianismo é esse que não sente a dor do irmão, o deixa de lado, não se envolve ou se relaciona? De forma bem comum, ouvimos frases como: vida secular e vida espiritual, escola secular e escola cristã, música secular e música cristã. Essas frases são ditas fora de um contexto adequado e são absorvidas e praticadas com facilidade. Desse modo, alguns concluem que,

a igreja deve se preocupar com doutrina, discipular o irmão, salvar vidas. A vida “secular” por sua vez não deve ser preocupação da igreja. Nesse contexto, fazemos em nossa mente uma divisão de vida material e vida espiritual que a Bíblia não faz.

QUANDO A AÇÃO SOCIAL SUBSTITUI A MISSÃO EVANGELÍSTICA

Muito erros poderiam ser evitados se tivéssemos compreensão exata do que se requer de nós, em alguns casos a simples definição de uma palavra nos direcionaria ao alvo. O que é, por exemplo, evangelizar? A palavra “evangelho” em grego é *εὐαγγέλιον* (pronuncia-se *euangélion*), e significa “boa notícia” ou “boas novas”. O contexto em que essa palavra está inserida na Bíblia é de salvação. Poderíamos então definir que, evangelizar é levar a mensagem de salvação, com um detalhe a ser entendido, essa é uma boa notícia.

Para os primeiros ouvintes dos evangelistas do primeiro século, a mensagem cristã era realmente revolucionária, todavia para um mundo secularizado onde a moralidade é relativa e a vida espiritual é negada, a tarefa do evangelista é remontar o contexto original. Em primeiro lugar, o desafio será trazer a consciência do ouvinte, de sua condição pecadora, depois alertá-lo do juízo de Deus e, em seguida, descrever a obra de Cristo na cruz com todas as implicações necessárias. Para isso o evangelista deve estar preparado teologicamente. A mensagem não fará sentido para nosso ouvinte hoje se ele não for contrastado com sua realidade espiritual que o mundo secularista nega.

O ponto é: o homem não desejará a graça sem ter consciência que precisa dela. Evangelizar, então, é a arte de deixar claro para o ouvinte que Deus pode salvá-lo apesar de ele (o homem) ser culpado. Isto é uma boa notícia! E precisa ser entendida para não ser substituída ou confundida por autoajuda ou desejos materiais secularistas que a traça ou a ferrugem consomem.

Na maioria das vezes esse conceito da atividade evangelística não foi absorvido pela igreja, é muito comum nos desviarmos do foco, convidamos as pessoas a aderirem fé por razões temporais invertendo a ordem do que é mais urgente ou necessário. Propomos para elas uma mudança de vida social, motivamos virem para a igreja com o argumento de que Deus lhes abrirá uma porta de emprego ou a restauração do casamento, por exemplo. Sabemos que Deus soluciona todas essas questões, contudo, quando as pessoas vem para a igreja com essas motivações, estamos gerando cristãos materialistas, além disso, dificilmente permanecerão na fé. As questões sociais não podem deixar de ser observadas e realizadas, porém elas não são o nosso principal argumento para que as pessoas se tornem cristãs, um evangelho assim é miserável (I Cor. 15.19).

O próprio Jesus criticou essa atitude equivocada de segui-lo por essas razões, no evangelho de João 6.26, Ele diz, “vós me buscais não porque vistes os sinais, mas porque comestes os pães e vos fartastes”. Mais adiante, versículos 66 e 67, João registra que, “Daquele momento em diante, muitos dos seus discípulos

recuaram e não mais andaram com Ele. Então Jesus interpelou os doze: Vós também desejais ir embora?”.

Essa passagem é fundamental para a nossa discussão, Jesus no milagre dos pães está fazendo uma “ação social”, Ele não fechou os olhos para os dilemas sociais, ao contrário, mas fica claro que existe um objetivo primário, que é, crer que Ele é o Cristo para que as pessoas sejam salvas. Existe uma fome que não é de pão que Jesus quer saciar no homem, vemos que quando isso é explicado muitos o abandonam, outros entendem que a vida por vir é o que realmente nos importa e por essa razão permanecem. Portanto, as questões sociais não devem ser desprezadas, contudo, a evangelização deve estar em primeiro lugar.

Qual é nossa tensão? O dilema é apenas uma questão de ordem, elas existem só por uma falta de compreensão não só do que seja papel primário da igreja, mas de entendermos a origem do problema. Uma coisa é consequência da outra. O verdadeiro problema do homem é o pecado, ele é o responsável por todos problemas sociais, seja de que ordem for. O coração corrompido do homem é o que precisa ser tratado, “Pois é do interior, do coração dos homens, que procedem os maus pensamentos, as prostituições, os furtos, os homicídios, os adultérios” (Marcos 7.21). Talvez esse tenha sido um dos textos que levou Agostinho a concluir que o mal é, em uma análise mais profunda, a privação do bem,

“Quando me perguntaram ‘onde está o mal?’, ‘Deus está preso a uma forma corpórea, tem cabelos e unhas?’, ‘devem ser considerados virtuosos os que tiveram muitas esposas ao mesmo tempo, que cometeram assassinatos e sacrificaram criaturas vivas?’. Diante dessas perguntas eu, em minha ignorância, me sentia angustiado, e afastando-me da verdade, tinha a impressão de estar indo na direção dela, porque ainda não sabia que o mal nada mais era do que a privação do bem.”(PISETTA, Almiro. GUIMARÃES, Antivan. Tradução, *Classicos da literatura cristã: Pais apostólicos; Confissões; Imitação de Cristo*. 1. Ed.- São Paulo: Mundo Cristão, 2015 p. 247)

Esse não é nosso sentimento quando recebemos a notícia de algum crime hediondo? É muito comum diante de um fato muito ruim ouvirmos, “isso é falta de Deus”. Em nosso senso comum afirmamos uma realidade bíblica: o homem em sua natureza caída é tendencioso ao pecado, e o pecado é a raiz de todo mal, o pecado também é que nos separa de Deus fonte de todo bem.

A igreja tem duas atividades a serem realizadas, uma é a evangelização e a outra são as ações sociais, ambas têm em comum o pecado como adversário. Se a evangelização combate o pecado na origem, isto é, libertando o homem, daquilo que é a origem de todos os tipos de males, as ações sociais combatem os efeitos desses corações pecaminosos. Como disse Jesus no texto acima (Marcos 7.21). Então, a visão materialista/secularista que nega tudo que é transcendente não pode influenciar a igreja a ponto de deixarmos de perceber que problemas espirituais nem sempre podem ser desassociados de questões sociais, na maioria dos casos o caos social tem origem espiritual.

Sem exagero, poderíamos concluir que a evangelização é a solução mais eficaz para os problemas sociais e, portanto, não pode ser confundida. Sem mudança interior a sociedade não pode avançar. Somente o evangelho muda de fato o indivíduo. O secularismo, por exemplo, em seu divórcio com Deus costuma propor algumas soluções para os problemas sociais. É muito comum vê-los apostar todas as suas fichas na educação.

Quando falo em educação não me refiro a preceitos morais cultivados no seio familiar, mas a academia, a escola como um caminho viável para a mudança social. Não podemos ser antiacadêmicos, devemos ver a ciência, por exemplo, como uma forma de Deus agir positivamente, transformando e cuidando da humanidade, afinal, toda a sabedoria procede de Deus (Pv. 2. 6; Tg 1.5). Mas será ingênuo acreditar que somente a educação vá mudar o indivíduo, ela só nos nutre de informações e prepara-nos acima de tudo para o mercado de trabalho. Somente Deus pode, de fato, fazer uma transformação a partir de dentro, só o evangelho converte, só ele transforma. Uma pessoa diplomada não é essencialmente uma pessoa honesta. Nas mais altas posições da sociedade, como na política ou nos mais elevados cargos de empresas estão os indivíduos que mais tiveram oportunidade de frequentar boas escolas etc., contudo, lá há os mesmos índices, talvez até os mais elevados números de pessoas desonestas da sociedade, ou seja, educação não garante mudança de caráter.

O evangelho por sua vez tem o poder transformador de fazer com que quem mentia não minta mais, quem roubava deixe de fazer. Aquilo que uma boa escola não pode fazer, o evangelho faz por meio o Espírito Santo. O evangelho é a melhor solução para uma transformação social. Por esse motivo, não pode ser substituído ou confundido com ação social, um combate os efeitos, o outro a causa, porém ambos são necessários.

EQUILIBRANDO EVANGELISMO E AÇÃO SOCIAL

Uma vez que entendemos que a evangelização deve ser prioridade, mas ao mesmo tempo a ação social é uma necessidade, como a igreja deve equilibrar ambas as atividades?

John Stott faz duras críticas a duas posturas que muitos absorvem atualmente, a primeira é a de se relacionar com a sociedade, assumindo uma postura neutra ou silenciosa, sem exposição da palavra que confronta o pecador. A segunda é achar que nossa missão deve resumir-se a boas obras. Stott, assim, pergunta a esses grupos, em primeiro lugar, quando foi que o evangelho deixou de ser o ato de anunciar e quando foi que a igreja deixou de ser responsável por seu anúncio? Sobre boas obras ele afirma que, a comissão final e universal registrada nos evangelhos não era para fazer obra social nem reformas sociais. Sobre as duas atividades da igreja, ação social e evangelismo ele os coloca assim;

“Qual é, então, o lugar da ação social? E qual é a relação com o evangelismo? A ação social não deve ser igualada ao evangelismo, não é uma parte constituinte do evangelismo, nem é essencialmente um meio de evangelismo. (...) como o evangelismo, a ação social deve estar em seu próprio lugar e em seu próprio direito: ambos são serviços de amor, uma parte da diaconia de Cristo e dos cristãos. Visto que ele chama para seguirem seus passos. No entanto, apesar de eles não deverem ser identificados um com o outro, também não devem ser isolados um do outro. Os dois andam juntos de mãos dadas, nem um fingindo ser o outro, nem usando o outro como seu disfarce ou escora” (STOTT, John. Nosso silêncio culpado: A Igreja, o Evangelho e o Mundo. Editora esperança, 2022. p. 41,42.)

Quando olhamos para a história da igreja, vemos que nos primeiros dias surgiu um dilema em que os apóstolos precisaram sentar para resolver, havia entre os irmãos aqueles que precisavam de assistência social, isto é, de comida na mesa. Naquela ocasião o problema não era falta de recursos, havia donativos (Atos 2. 44 – 47; 4. 32 – 37), contudo, estavam sendo mal distribuídos (Atos 6. 1). A dificuldade dos apóstolos era a falta de tempo para distribuir os alimentos, então decidiram,

“Não é certo negligenciarmos o ministério da palavra de Deus, a fim de servir às mesas. Irmãos, escolham entre vocês sete homens de bom testemunho, cheios do Espírito Santo e de sabedoria. Passaremos a eles essa tarefa, e nos dedicaremos à oração e o ministério da palavra”. (Atos 6. 2b – 4).

Nascia naquele momento, portanto, a diaconia. Se tivermos de nos espelhar em exemplos bíblicos, esse texto é ideal para essa questão. A solução para que não houvesse prejuízo na pregação da palavra foi a instituição de homens que o fizesse no lugar dos apóstolos. As lições que temos desse texto são três: em primeiro lugar, nada poderia trazer prejuízo a proclamação da palavra, em segundo, os apóstolos viam a mensagem do evangelho como sua principal função, por fim, se percebe que a assistência aos necessitados era realizada simultaneamente por uma equipe de “apoio”.

Qualquer iniciativa da igreja para melhorar a comunidade em que está inserida é muito bem-vinda. Até porque se analisarmos como agiam os discípulos, veremos como havia uma preocupação com os necessitados. (At 11. 29 e 24. 17; Rm 12.13; e 12. 20; I Co 16. 1; II Co 8. 1 – 4; Gl 2.10; I Tm 5. 10; Hb 13. 16; Tg 2. 15; I Jo 3. 17). Essa preocupação vem na verdade desde o Antigo Testamento (Is 58. 7 – 10).

O fato é que a igreja está cometendo dois pecados: o primeiro, não estamos destinando os recursos para o que foi inicialmente estabelecido na Bíblia, o segundo é a distorção da função dos diáconos.

Faz-se necessário também falar sobre dízimo. Desde o início o dízimo funcionava como assistência social, é verdade que Abraão antes da lei, no contexto de adoração e gratidão, deu o dízimo a Melquisedeque (Gn 14.20). A lei também fala que o dízimo é do Senhor (Lv 27.30). Entretanto quando ele foi estabelecido incluía

a preocupação com a tribo de Levi, que não tinha recebido terra como herança e assim fosse assistida,

“Tu lhes ordenarás: Quando houverdes separado o melhor, todas essas dádivas serão para os levitas, como se fossem produto da eira e produto do lagar. Podereis comê-las em qualquer lugar, vós e a vossa família: é o vosso salário pelo vosso serviço da Tenda do Encontro”. (Nm 18. 30,31).

Mais tarde, ele também serviu para cuidar de órfãos viúvas, estrangeiros (Dt 14. 28 – 29: 18. 1 – 8; Dt 26. 12). Não vamos entrar na questão de continuidade e descontinuidade entre as alianças. No entanto, precisamos considerar uma coisa, a Bíblia que os apóstolos tinham em mãos era o Antigo Testamento, os livros do Novo Testamento ainda estavam sendo produzidos. Desse modo, muito do que foi dito e não encontramos nos evangelhos, parece razoável concluir que os apóstolos usaram a lei como princípio.

Compare, pois, I João 3. 17 com Deuteronômio 15.7 ou Isaias 58. 7. Ou Mateus 25. 35,36 com Salmo 41.1 e Êxodo 22.21.

<p>I João 3. 17 Se alguém possuir recursos materiais e, observando seu irmão passando necessidade, não se compadecer dele, como é possível permanecer nele o amor de Deus?</p>	<p>Deuteronômio 15.7 Quando houver um pobre em teu meio, ainda que seja um só dos teus irmãos numa de tuas cidades, na terra que o SENHOR teu Deus te está doando, não endurecerás teu coração, tampouco fecharás a mão para com este teu irmão pobre;</p>
<p>Mateus 25. 35,36 Pois tive fome, e me destes de comer, tive sede, e me destes de beber; fui estrangeiro, e vós me acolhestes. Quando necessitei de roupas, vós me vestistes; estive enfermo, e vós me cuidastes; estive preso, e fostes visitar-me’.</p>	<p>Salmo 41.1 Bem-aventurado aquele que dá atenção ao desvalido! No dia do seu infortúnio, o SENHOR o livrará. Êxodo 22.21 Não maltratareis nem oprimireis nenhum estrangeiro, pois vós mesmos fostes estrangeiros nas terras do Egito.</p>

Não há só uma similaridade entre o que é dito no Antigo e Novo Testamento com relação ao cuidado com os necessitados, a igreja agiu semelhante. I Coríntios 16. 1 – 4 que diz,

“Quanto à oferta para o povo de Deus, fazei vós também da mesma forma como orientei às igrejas da Galácia. No primeiro dia da semana, cada um de vós separe o que puder, de acordo com a sua renda, e a guarde para que não se façam coletas quando eu chegar. Então, quando estiver entre vós, enviarei com carta de recomendação os homens que aprovardes para levarem a vossa contribuição para Jerusalém. Se for conveniente que eu também vá, eles me acompanharão. Projetos e pedidos pessoais”.

Estamos diante de um problema sério na igreja no tocante a compreensão de como administrar os recursos financeiros. A maioria das instituições religiosas atualmente não veem os dízimos e ofertas como recursos que poderiam ser destinados, se não integralmente, pelo menos uma porcentagem à ação social. Na mente de algumas lideranças é como se o templo não existisse para nos servir, mas nós para o servi-lo. São campanhas e mais campanhas para construir, reformar, melhorar aqui, comprar máquinas mais modernas, comprar, invertemos, portanto, o propósito como o mandamento do sábado (Mc 2.27). Toda estrutura dessa instituição deve existir de maneira que sirva o homem, isso inclui as suas finanças. Paulo diz que, “Se alguém não cuida dos seus, especialmente dos de sua própria família, este tem negado a fé e se tornou pior que um descrente.” (ITm 5.8)

Não sou contra edificar belos templos para termos algum conforto, porém se para termos templos confortáveis precisarmos sacrificar a assistência aos necessitados, cometemos um erro. Do mesmo modo, não sou contra salário pastoral ou até mesmo de qualquer outra pessoa que esteja servindo na igreja, até porque é bíblico, em I Timóteo 5. 18, Paulo diz que o obreiro é digno de salário e tem inclusive como base o Antigo Testamento (Dt 25.4). Entretanto, não podemos usar Malaquias 3.10 sem todo esse contexto bíblico do uso devido dos recursos financeiros da igreja.

Os recursos humanos também deveriam ser melhor aproveitados, a diaconia resume-se na maioria das instituições a recepcionistas. Poderíamos até entender que a razão pela qual em Atos dos Apóstolos houve a escolha desses obreiros foi para que não houvesse prejuízos aos apóstolos na pregação da palavra e assim estabelecermos diáconos para manter a “ordem” no culto se encaixaria por causa desse princípio. Isso é admissível desde que não se negligencie o aspecto assistencialista da diaconia.

Os diáconos foram originalmente instituídos para assistir os necessitados. Infelizmente, na maioria das vezes, as igrejas estabelecem uma hierarquia modelo “progressão de carreira”, assim consagram seus obreiros sem avaliar a vocação deles, sem a devida instrução, sem esclarecer quais são as suas atribuições. Não é errado o diácono querer ser um pregador, em Atos 8.5 vimos que Felipe, um dos escolhidos para diácono, era também pregador. Da mesma forma, desejar o pastorado é saudável, contudo, sua consagração não pode ser vista apenas como uma escada para se alcançar esse desejo.

O equilíbrio entre priorizarmos o evangelismo sem negligenciar a ação social seria, portanto, destinarmos parte das receitas da igreja para essa finalidade. Além de consagrarmos e instruímos nossos diáconos tendo em vista que sua função primária é a assistência aos necessitados. Algumas igrejas fazem campanhas entre os irmãos para arrecadar ofertas, eu acredito que desde que seja feito com ética e coerência é um caminho saudável. O desconforto surge quando a instituição ou o líder acha que os recursos da instituição, isto é, os dízimos e as ofertas não podem ser destinados para aquilo que inicialmente foi estabelecido biblicamente.

CONCLUSÃO

A igreja é coluna e baluarte da verdade, está espiritualmente em Cristo e Cristo em nós, Ele é o caminho, a verdade e a vida. Portanto, nós temos a verdade que é a sua palavra e estamos com a verdade que é a pessoa de Cristo Jesus. Dessa forma, todo movimento, toda ideologia contrária a palavra de Deus como o secularismo deve ser rejeitado, a igreja segue aquilo que é eterno, o Senhor e sua palavra. A palavra de Deus, portanto, revela uma igreja que, como instituição tem como prioridade a evangelização, e que individualmente, como discípulos de Jesus a empatia e compaixão pelo próximo. Priorizamos a evangelização, porque entendemos que a libertação do pecado é a principal necessidade do indivíduo, mas não negligenciamos o social, pois são necessários e evidenciam a vida daquele que já foi salvo.

Como indivíduo, minha vida deve refletir boas obras, Mt 5. 16; Jo 15. 8; Ef. 2. 10, não há dúvidas que boas obras incluem não só uma vida moral, ética e empenho nas atividades da igreja, mas também nosso posicionamento em relação ao próximo, é o que o apóstolo Tiago nos fala, Tg. 2. 14 – 20. Como indivíduo não dá para esquecermos do nosso mestre, o maior exemplo de diácono, Jesus. No capítulo 13 do evangelho de João é registrado o episódio do lava pés, naquele contexto, no versículo 34 Jesus fala assim, “um novo mandamento vos dou, que vos ameis uns aos outros, assim como eu também vos amei”. Desde o antigo testamento é cobrado que amemos o próximo, Levítico 19.18, mas o aspecto novo aqui não é mais amar como a ti mesmo, mas ter Jesus como modelo, “assim como eu vos amei”, lavando nossos pés, servindo, morrendo na cruz, se sacrificando. É esse mesmo autor que registra que ninguém pode amar a Deus sem que ame seu irmão, I Jo 4. 20,21, o amor bíblico não é abstrato, é ação.

Além do que, Jesus disse que haverá juízo sobre nossa negligência, o texto que iniciamos Mt 25. 31 – 46 é um contexto de Juízo. Esse não é um texto que afirma que salvação é pelas obras, é um texto que mostra que os justos têm boas obras, nosso assunto não é soteriologia, todavia precisamos pontuar isso. O que nos chama a atenção para nossa discussão é que os da esquerda, se talvez soubessem que ao fazer boas obras estavam fazendo para Jesus, teriam feito. Por puro interesse. Já os justos fizeram sem se darem conta, foi natural, não forçado. E como prêmio escutaram, “Vinde benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que está preparado desde a fundação do mundo”. Aleluia.

Caminhos para uma fé autêntica

Aluísio Moreira da Silva Junior

INTRODUÇÃO

A palavra “caminho” diz respeito a direção, via, destino, rumo, meio, vereda, espaço que se percorre, estrada. Todos estes sinônimos são pertinentes em nossa reflexão neste capítulo, uma vez que para se chegar a um determinado ponto, fica subentendida pelo menos duas ideias, que é a de um esforço a se empenhar durante a jornada e uma indubitável clareza para se chegar exatamente no ponto desejado, evitando assim, muitas frustrações, desgastes e prejuízos desnecessários, e em nosso caso, muitas vezes por conta de atalhos de cunho doutrinário, filosófico, ou mesmo de incautos com suas ingenuidades, e ainda, como alertado por Jesus e depois por seus apóstolos, vigiar por conta dos famigerados falsos mestres com suas malícias.

Convido você leitor a juntos sermos conduzidos pelo Espírito Santo de Deus numa rota delineada por Ele mesmo, onde com o máximo de esforço e diligência, possamos pontuar os itens mais determinantes e pedagógicos para se alcançar uma fé autêntica. Oxalá que nas linhas a seguir fique cristalino o entendimento sobre como atingir o verdadeiro patamar de autenticidade deste pilar chamado fé, que é reconhecidamente a “ferramenta” usada por muitos daqueles homens e mulheres, deste e de todos os tempos, em todos os cantos do globo terrestre, que depositam no Eterno tal firmeza, e experimentam os frutos advindos de uma crença sadia, inteligente e sobretudo, coerente com os ensinamentos bíblicos.

Com objetividade, em nossa análise sobre os caminhos para uma fé autêntica, versaremos uma crítica encharcada de ponderabilidade, e perpassaremos sobre um didático tripé no propósito de fornecer uma linha de raciocínio consistente a luz das Escrituras, que é a fonte precípua de revelação e explicação de toda a verdade.

Em vista de uma ausência de material fidedigno, atualmente desproporcional diante de obras robustas e com crédito moral, teológico e filosófico, propomos aqui a trilogia composta das seguintes premissas:

- Como resgatar a essência do cristianismo?
- O papel da igreja em um mundo secularizado.

- Discernindo a cultura sem perder a identidade cristã.

Não será nossa ideia nem pretensão aqui neste capítulo trazer um estudo acurado sobre fé, até porque nos outros capítulos nosso livro aponta pra isso abrangendo essa temática. Porém, nesse sentido, algumas nuances inevitavelmente aparecerão no decorrer deste corpus literário. Aliás, seria impossível tratar de um assunto tão crucial sob o ponto de vista cristão, sem tocar nas sagradas letras tomando-as por esteio do nosso cauteloso pensamento. Inclusive, já dando a partida nesta corrida tematizada, amplamente estudada e validada através dos tempos, definida e nominada como virtude teologal desde sempre como fé, trazemos em forma de introdução a clássica passagem da Epístola aos Hebreus, capítulo 11 versículo 1 que diz:

“Ora, a fé é a certeza de cousas que se esperam, a convicção de fatos que se não vêem”

Certamente no tocante ao aspecto conceitual, o verso supracitado norteia a conjuntura das mais qualificadas e seletas correntes do pensamento teológico nas mais diversas e respeitadas denominações e instituições acadêmicas que primam pelo alto grau de excelência e autenticidade exegetica. Consequentemente, o material constante em nossa redação se conecta a essas fontes. Ademais, só poderíamos tecer um conteúdo significativo neste campo, aplicando as máximas dos melhores e mais reverenciados nomes de especialistas dominantes do assunto em voga.

Então, seguindo a proposta sugerida pelo Conselho Editorial desta presente obra, que visa oferecer contrapontos e antíteses a secularização da fé na igreja evangélica contemporânea, faremos uma exposição não exaustiva de contestações, porém, substancial no propósito de como um legado, deixar para nossos leitores uma tese, embora simplificada, bem encorpada biblicamente falando.

COMO RESGATAR A ESSÊNCIA DO CRISTIANISMO?

Esta é uma pergunta absolutamente necessária. Seria utópico pensar que em pleno século XXI a igreja cristã espalhada pelos confins da Terra, em sua totalidade, esteja vivendo uma fé irrepreensível e livre de ranços. Temos conhecimento do uso indevido e pirotécnico por parte de obreiros despreparados e outros “preparados” intencionalmente para ludibriar os inocentes e leigos com suas invencionices teológicas. Aberrações estão e são expostas diariamente em televisão aberta, rádios e mídias sociais, revelando infelizmente ou “felizmente”, um lado espúrio do cristianismo (que não representa a genuína fé cristã). Daí a carência imprescindível de nos posicionarmos trazendo a verdade e a simplicidade constante nas Escrituras conforme ensinadas por Cristo Jesus e seus discípulos. Isto posto, cabe-nos ressaltar que não obstante nossa exposição seja uma constatação inequívoca do “*modus operandi*” em curso tanto no ocidente quanto no oriente, entende-se que os caminhos do indivíduo até uma pura e autêntica fé, podem começar cambaleante pelo fato de estar numa comunidade desalinhada

neste quesito, entretanto, um *insight*, uma experiência pessoal, um livramento, um milagre, e mormente um estudo mais aprofundado, poderá gerar nesse crente, uma decisão capital de buscar um aprisco comprometido e coadunado fielmente a Bíblia Sagrada.

Sugiro entusiasticamente que você assista com a atenção, o filme de 1992 (aliás, um “filmeão”) intitulado “Fé demais não cheira bem”, protagonizado por ninguém mais ninguém menos que Steve Martin, onde o ator personifica um charlatão... Não darei “spoiler” aqui, pois quero muito mesmo, caríssimo leitor, que você se surpreenda com o espetaculoso e inesperado “*granfinale*”. É de fato imperdível para aqueles que apreciam enredos de alta qualidade, uma produção cinematográfica de vanguarda, delicadamente pensada e que tem tudo a ver com nossa proposta de leitura e reflexão. Na qualidade de professor acadêmico, fiz questão de por vários anos, a cada início de novas turmas, exibir o filme mencionado em minhas aulas no Seminário Bíblico Batista do Rio de Janeiro (onde apaixonadamente lecionei de 1996 a 2022). Era visível o pasmo em cada rosto ao ver os truques, e mais ainda o épico desfecho. Certamente você também se deliciará, ou quem sabe se chocará com essa dica “hollywoodiana”.

A indagação inicial põe em destaque o verbo resgatar, que é recuperar ou reaver algo (ou alguém) perdido. O ato de perder implica em alguma forma de dano ou estrago, seja ele de caráter temporário ou permanente. Isso é um grande perigo nas igrejas evangélicas, porquanto ao longo do tempo, as vezes muitos obreiros e fiéis no afã de ver um crescimento do rebanho, não se dão contados desvios e se perdem com “inovações” nas práticas rituais, que sem uma supervisão ou liderança, não enxergam que fora das quatro linhas da verdadeira teologia cristã, não há nenhuma margem para novidades doutrinárias. Fica fácil se perder nessa caminhada se não houver regularmente uma aplicação de critérios bíblicos para avaliar e filtrar qualquer nova liturgia, rito e cerimônia além daquelas já instituídas pelos critérios da própria palavra de Deus. Ainda que estejamos inseridos num contexto de modernidade e velocidade dos avanços de cunho tecnológicos, científicos e de políticas socioculturais, a eclesiologia (doutrina ou estudo da igreja) permanece inalterada, e é suficiente para prover a Seara do Senhor com recursos espirituais inesgotáveis, por vezes improváveis, mas irrepreensíveis. Afinal, estamos falando de algo idealizado pelo Criador, e Ele mesmo supre seus liderados com sabedoria e criatividade sob o nexo do seu caráter divino. Se não for assim, os excessos de misticismo religioso abrem espaço para os descaminhos, e para os extravios ministeriais que resultam em perdas. Então, desenhado este quadro aparentemente teórico e ao mesmo tempo nada hipotético, não há como deixar de examinar o verbo resgatar.

A outra palavra, essência, é um substantivo feminino que denota e constitui o ser e a natureza das coisas, o caráter distintivo de algo ou alguém, e, isso a fé tem de sobra. Veja, sozinho o versículo supramencionado manifesta pelos menos cinco (5) característicos desta essência: certeza, firmeza, esperança, convicção e fatos, um evidente somatório de particularidades constitutivas da fé evangélica, algo em que se pode firmar, esperar, estruturar. E em se tratando do resgate

da essência, fica embutida a percepção real, e porque não dizer, indiscutível, de que fora da essência, o funcionamento da fé é fake! Trazer de volta a essência é deixar de lado toda a mentira e viver a verdade, é abandonar às máscaras e viver como aquele que se fez homem, Cristo, figura de onde emana toda base histórica, teológica e filosófica do cristianismo, termo adotado naturalmente pela igreja dos cristãos, e que observaremos a partir daqui.

Cristianismo, doutrina da fé em Cristo, em sua ética e em suas promessas. Um movimento revolucionário pra muitos, mas, na verdade é a maior manifestação da graça e do amor de Deus ao homem, uma vez que através da encarnação do filho de Deus, a mensagem da salvação se fez reconhecida.

Chegamos então no âmago desta sinopse inicial. Agora, nosso olhar se lança sobre os desdobramentos advindos da implantação da missão desenvolvida por Cristo Jesus, que trouxe uma nova roupagem da crença praticada pelos judeus. Era o nascedouro de um novo monoteísmo, trazido propositalmente por um judeu que mudou radicalmente o estilo de vida em experienciar a fé. Era o estabelecimento da única forma perfeita e agradável de se conectar com o Criador. É importantíssimo dizer que é única, visto que é precisamente aqui o “X” da questão. Não há outro evangelho, senão aquele anunciado pelo homem de Nazaré, por consequência, não há outros princípios além das páginas da Bíblia Sagrada, especialmente do Novo Testamento (pra onde converge todo o Velho Testamento, e de onde deriva todo o restante), e nele encontramos a essência e os fundamentos que sustentaram, sustentam e sustentarão a igreja dEle. A despeito disso, é notória a existência de grupos desviados da essência e desenfreados no relativismo doutrinário (falamos isso na introdução). Então, como resgatar a essência do cristianismo?

Nos registros de Paulo Apóstolo, instruindo a seu filho na fé, (1ª Timóteo, capítulo 1 v.15) ele escreve: “*Fielé* a palavra e digna de toda aceitação”. Tal instrução paulina ao jovem pastor Timóteo, que tinha de pai grego e mãe judia, declara a veracidade da Santa Palavra de Deus. O “ex-Saulo”, estudioso e profundo conhecedor da Lei, antes perseguidor ferrenho da igreja primitiva, que após seu encontro com Jesus, torna-se cristão abnegado a ponto de ser perseguido, após sua conversão, transforma-se em pregador e missionário desta mesma comunidade cristã, atestando o grande valor das Escrituras, principalmente a luz de uma interpretação clarificada pelo próprio autor. Isto é, nesta recomendação fica revelada como a interpretação debaixo da inspiração e iluminação do Espírito Santo, transmite ao que lê as verdadeiras verdades sagradas, e por consequência, leva tais leitores a práticas concordantes ao perfilado na Bíblia Sagrada, o livro da essência espiritual e mística, onde consta toda regra de fé e prática da igreja. Logo, se há um meio, um caminho para se resgatar a essência do cristianismo, este meio é através da fidelidade pactual ao que “está escrito”. Aliás, esta expressão é usada de forma contundente pelo próprio SENHOR JESUS ao ser tentado pelo diabo no deserto. Foi o modo pelo qual o Deus encarnado venceu o debate. Sob o ponto de vista pedagógico, sem dúvida, o Mestre nos propiciou um exemplo primoroso no que tange a correta interpretação da Palavra. Ali satanás desvirtuou sorrateiramente o sentido da Palavra, fato que desde o Jardim do Éden expõe sua índole.

“Pois, assim como Eva foi enganada pelas mentiras da cobra, eu tenho medo de que a mente de vocês seja corrompida e vocês abandonem a devoção sincera e pura a Cristo” (1ª Coríntios 11 v.3) NTLH

Em outras palavras, se hoje há erros e discrepâncias de ordem eclesiológica, teológica e sociológica no contexto cristão, não são por falta de material instrutivo, lembrando que a Bíblia, há centenas de anos é o livro mais fabricado, comercializado e agora digitalizado do mundo, e por conta disso, também é o mais estudado e debatido. Decerto, por haver ensinamentos ministrados equivocadamente, provoca-se o distanciamento do sentido original do que realmente quer dizer os textos sagrados. A essência do cristianismo passa obrigatoriamente por uma honesta e cuidadosa produção de conteúdos a partir da única fonte legítima de regra de fé e prática conhecida, a Bíblia. Só será possível resgatar a essência do cristianismo (praticado por parte desses obreiros e leigos desviados dentro das igrejas), quando houver um convencimento a respeito desta máxima incontestável, de que a ESCRITURA é a única e suficiente fonte de onde procede toda verdade. Jesus avisou claramente para sua igreja se ater ao que viria, e afirmou:

“Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus”. (Mateus 4 v.4)

“Acautelai-vos dos falsos profetas (mestres) que se vos apresentam disfarçados em ovelhas, mas por dentro são lobos roubadores” (Mateus 7 v.15)

Se por um lado lamentavelmente há fraudadores da MENSAGEM com seus interesses escusos, graças ao bom Deus há também aqueles (homens e igrejas) que em fidelidade e humildade seguem à risca os valores e conceitos aprendidos pelo discipulado cristocêntrico. A esses somemos nossos esforços na pregação do Evangelho!

O PAPEL DA IGREJA EM UM MUNDO SECULARIZADO

Inicialmente vejamos o sentido conotativo a ser explorado aqui, especialmente em relação ao termo “secularizado”, que indica dispensar votos religiosos, que em si compreende atualmente a condição de um mundo insensível e distante das coisas espirituais. Ao olhar para os sinônimos do verbete SECULAR, que significa civil, laico, mundano, profano, entendemos tal afastamento. Se o mundo foi e está diagnosticado como secularizado, comprova-se então que nós temos a grande responsabilidade de aproximá-lo, ou mesmo reaproximá-lo do Evangelho. A secularização não é um fenômeno deste tempo presente, e a história confirma isso. Desde sempre os profetas, sacerdotes e pregadores da mensagem divina, em todas as partes da geografia global, empregam seus ânimos e talentos em prol da expansão e implantação do Reino de Deus, no que consequentemente dificulta o estabelecimento desse viés distorcido que visa desprezar, sufocar e corromper a visão cristocêntrica na sociedade. É evidentemente uma batalha de grandes

proporções! Uma guerra incessante, travada e que não dá margem nenhuma para tréguas.

Diante do panorama traçado, se faz necessário que o praticante da fé tenha noções plenas quanto a importância do seu papel na engrenagem da missão confiada a ele pelo próprio Cristo. O crente deve se enxergar como uma peça considerável a ser usado nas mãos de Deus, entendendo que é ELE, o SENHOR que não perde batalha. Isso gera um sentimento de dependência e pertencimento, funcionando como um aditivo no combustível, injetando forças no discípulo e dando a ele coragem suficiente para enfrentar e superar as barreiras naturais e também daquelas sobrenaturais na caminhada cristã.

Seguindo a linha de raciocínio dos tópicos anteriores, onde nossos argumentos estão amparados por citações bíblicas, podemos também dizer que o papel da igreja em um mundo secularizado, transita obrigatoriamente pelas vias da inerrância e infalibilidade das Escrituras Sagradas, afinal nela constam os pressupostos mais identitários que formam os característicos de uma igreja de verdade. Não podemos abdicar de tal colocação, pois chegamos a um ponto da história da igreja, onde há cultos mentoreados por obreiros e líderes disfarçados de cristãos, exercitando teologias rasas, ilícitas, desonestas, etc. vejamos por exemplo uma declaração preocupante, antiga, registrada num documento de 1643 d.C. conhecido como a “Confissão de Fé de Westminster”, capítulo XXV inciso V, que foi redigida assim:

“As igrejas mais puras debaixo do céu estão sujeitas a mistura e ao erro; algumas têm degenerado ao ponto de não serem mais igrejas de Cristo, mas sinagoga de satanás; não obstante, haverá sempre sobre a terra uma igreja pura para adorar a Deus segundo a vontade dele mesmo”

Somente uma igreja fundamentada em preceitos e verdadeiramente praticante dos princípios da fé cristã fará uma diferença real onde estiver plantada. Igrejas podem ser diferentes, assim como descritas na revelação do apóstolo João na Ilha de Patmos. O livro de Apocalipse mostra a diversidade dos matizes constantes nas 7 igrejas da Ásia Menor, mas por outro lado, também apresenta os categóricos posicionamentos doutrinários e os termos característicos mais basilares delas em seus respectivos contextos. Tais pressupostos as qualificaram como merecedoras tanto de elogios, como também de repreensões e advertências contundentes por costumes incoerentes aqueles ensinados por Jesus.

Levando em consideração o estilo de Cristo, que usava de simplicidade e objetividade para transmitir as verdades sagradas, a igreja cristã se consolidou por uma série de fatores (todos eles bíblicos) que cooperaram e em nossos dias ainda cooperam no processo de “des-secularização” indicando um caminho hábil, garantido por aquele que é o próprio caminho.

“Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim”. (João 14 v.6)

Então, ao assimilarmos “os ensinamentos” contido na palavra do Mestre, encontramos o suficiente para não só edificarmos uma teologia sadia, cheia de

sabedoria perenal no propósito de conectar a terra ao céu, mas também dotada de instrução para refutar qualquer ideologia transitória, secular ou anticristã. O fator preponderante nesta conjuntura passa pela legitimidade de uma interpretação bíblica que seja simples e fidedigna, espiritual e transparente, objetiva e reveladora, e, em sua essência glorifique unicamente o Rei e Seu Reino. Pensemos! É justamente por causa de interpretações obscuras, pregações deturpadas parcialmente ou integralmente, conferências tematizadas por assuntos secundários a Santa Palavra de Deus, que surgem a todo momento novas seitas travestidas de igreja evangélica.

Portanto, nosso papel enquanto igreja do SENHOR, é sermos exímios intérpretes consoantes aos mandamentos preconizados em cada linha do inerrante Livro Sagrado redigido por cerca de 40 escritores, num espaço aproximado entre 1.500 a 1.600 anos de compilação, onde um único autor intelectual, o próprio DEUS, harmoniosamente pilotou ao longo do tempo a esplendida coletânea denominada corretamente de Bíblia, hoje a disposição nas mais diversas formas de apresentação, inclusive aquelas personalizadas, dirigidas a públicos setorizados como: crianças, mulheres, homens, pastores, e até profissionais. É nela que se definem as pragmáticas (coleção de fórmulas ou de leis que regulam os atos cerimoniais oficiais e da Igreja). É por meio dela que se faz de fato, e de direito, uma interpretação que resulte em movimentos indiscutivelmente alinhados ao instituído pelo Criador. Não existem fórmulas mágicas nem ferramentas neurolinguísticas que se comparem a veracidade, literalidade e a singeleza das Escrituras. Sim, nada se assemelha a originalidade da Escritura como pilar dos elementos mais fundamentais ao cristianismo. Afinal, Cristo é o centro das Escrituras. Então, se o propósito de qualquer ato, iniciativa, ação social ou espiritual da igreja não se destinara exclusivamente enaltecê-lo dignificá-lo, ou não contribuir para edificação do rebanho, ou ainda, não impulsionar dignamente um avanço sadio da obra missionária... Sai fora irmão!

DISCERNINDO A CULTURA SEM PERDER A IDENTIDADE CRISTÃ

Nesta última abordagem detectando os caminhos para uma fé autêntica, é quase impraticável não manter nossa propositura de conceituação, para com o máximo de lucidez, apontarmos nortes categóricos e precisos. Então, duas perguntas interpõem nossa escrita. O que é cultura? E, o que é identidade cristã?

Primeiramente, cultura, que é o ato, modo ou efeito de cultivar, é a totalidade dos costumes, das tradições, das crenças, dos padrões morais, das manifestações artísticas e intelectuais, e de outras características que distinguem uma sociedade ou grupo social (exemplos: cultura portuguesa; cultura africana; cultura medieval). Consta-se naturalmente aqui, a complexidade na gama de informações constitutivas para se definir o que é cultura. Por outro lado, fica evidente a vastidão e a amplitude do assunto para se compreender a visão Jesus sobre os “campos branquejando para a ceifa”, conforme cita o Apóstolo João (4 v.35). Abre-se naquela

hora, ainda que mentalmente, dentro do colégio apostólico, um universo inteiro de povos e comunidades a serem alcançados pela melhor cultura, a cultura cristã.’

Já a identidade cristã, se alicerça em milenares conceitos-chave a partir obviamente de valores bíblicos. São princípios e doutrinas que ultrapassaram gerações e se mantiveram a despeito dos modismos, impérios, filosofias, guerras e ideologias. São leis espirituais plenamente estabelecidas nas bases sólidas de ensinamentos judaico-cristãos que se perpetuaram até nossos dias e se conservarão assim, atuais, pois na verdade são conceitos eternos. Isto é, não saem de moda. A aplicação desta forma de se comportar e viver, adere um estilo único, até porque Jesus é único. E como também já dissemos aqui anteriormente, a Bíblia é única. Daí a paridade em classificar o modo de encarar a vida como exemplificado por Cristo em seus costumes entre sua família, seu povo, e em especial, entre seus seguidores.

Agora que está clara a síntese conceitual deste subtema, passemos as considerações no que tange especificamente ao discernimento das culturas em perder a identidade cristã. Discernir significa apreciar, avaliar, julgar, distinguir e compreender. Neste ensejo, com paciência vamos em direção a uma exposição tanto literal quanto literária dos pontos mais relevantes deste tópico, no propósito sincero de tentar então com a sensibilidade e a responsabilidade que merece o proposto, discernir e fornecer paradigmas evidentes à luz da exegese e de uma lupa que aumente nossa visão pessoal, ministerial, vocacional e missional.

Sim, a abrangência da identidade cristã é algo que se constrói mediante um investimento de tempo, entranhando no coração e na mente paradigmas e concepções para aplicar em todos os sentidos e ocasiões da vida humana. Trata-se de uma ótica sobre muitos aspectos éticos que influencia o modo de agir, reagir e pensar dos convertidos. A título de comprovação do que estamos falando, na história bíblica encontramos diversos exemplos onde pessoas inocentes, porém bem estruturadas, convictas, robustecidas por uma fé inquebrantável, foram livres da condenação humana e protagonizaram momentos excepcionais, como Daniel na cova dos leões, a mulher “adúltera”, além de tantas inúmeras figuras que não seria possível listá-las em nossas páginas aqui, se fôssemos citá-las.

A medida em que compactamos mentalmente nossas crenças, através de estudos e experiências pessoais, dificultamos a perda. Nós podemos perder bens (móveis e imóveis), perder saúde (física e emocional), perder até pessoas queridas, entretanto, perder a fé com seus princípios é uma outra coisa bem distinta. A verdadeira fé “remove montanhas”. A força descomunal desse tipo de fé, se opõe e se sobrepõe tudo aquilo que é impossível. Textos como o relatado por Mateus (17 v.20) e citado adiante, só enobrecem o caráter singular daquilo que foi ensinado por Jesus a respeito dessa virtude chave da nossa teologia.

“...porque em verdade vos digo que, se tivésseis fé como um grão de mostarda, diríeis a este monte: Passa daqui para acolá; e haveria de passar; e nada vos seria impossível.” (Jesus, o Cristo)

Caro leitor, acredito que você já percebeu o nível seriedade, bem como o quilate de fé que estamos expondo. Os paradigmas veterotestamentais confirmados, explicados e interpretados na sapiência de Jesus nos Evangelhos e seguidos debaixo de perseguição pela igreja do Novo Testamento, são os pilares de um comportamento imparável diante qualquer cultura. Os autênticos discípulos de Cristo, ontem, hoje e sempre, acreditam piamente numa fé que move seu estilo de vida, seus propósitos, seus ideais, e por isso a razão de viver consiste precipuamente refletir em cada gesto e atitude pessoal a imagem e semelhança do Mestre.

Como perder uma identidade dessas, construída nos alicerces da renúncia do ego? Como perder pra qualquer cultura, se a cultura cristã foi enraizada na medula da alma? O cristianismo é uma filosofia de vida com bases sólidas, que dá sustentação ao indivíduo não só em seus aspectos espirituais, mas também em seus aspectos mentais e emocionais. Colocar a fé em Cristo é exercitar por completo os fundamentos da sabedoria bíblica. Aliás, é mergulhando nas águas profundas da sabedoria bíblica, que o genuíno obreiro dos nossos dias firma sua índole, vivendo uma conduta que garante levar outros discípulos, líderes, vocacionados e crentes em geral ao discernimento, permitindo que a capacidade de discernir heresias, falsidades, tolices e muitas mentiras travestidas de verdades sejam desconstruídas. A literalidade das páginas bíblicas são suficientes, ela é bastante apta e dá ao cristão o poder de contrapor e combater qualquer ideologia.

Culturas vem e vão, mas, as palavras do Senhor Jesus permanecem para sempre, pois ele disse:

“Passará o céu e a terra, mas as minhas palavras jamais passarão” (Mateus 24 v.35)

O Futuro da Igreja Evangélica

Dailton Moura Tofano

Uma reflexão bíblica do futuro da igreja evangélica, tendo como ponto de partida uma análise da situação atual da igreja evangélica em nosso contexto.

Procuraremos fazer uma reflexão sobre como está a igreja hoje e como se apresenta sobre Influência do mundo moderno e contemporâneo e como a secularização tem afetado de forma negativa, e afetando a missão da igreja evangélica. Como igreja do Senhor Jesus está reagindo a essa pressão do mundo moderno e contemporâneo.

Tem a igreja falhado em sua missão? Como temos visto, números de jovens que se afastam da igreja, desigrejados cada dia aumenta os números, porque a igreja está perdendo sua essência?

Então tentaremos expor essa situação da igreja evangélica e esses impactos negativos, e apontar como será a igreja evangélica do futuro? Diante dos fatos isso nos preocupa e nos incomoda a criar ações que estarão revitalizando a igreja de hoje para ser uma igreja do futuro

Vencedora e compromissada com a palavra de DEUS CUMPRINDO VERDADEIRAMENTE SUA MISSÃO NO MUNDO de evangelizar, promover o amor ao próximo e exaltar o nosso DEUS TRINO. TRANSFORMANDO A SOCIEDADE EM UM MUNDO COM MENOS SOFRIMENTO cumprindo sua missão como igreja evangélica

Percebemos que a igreja evangélica tem vivido um momento de fé diluída, uma fé enfraquecida, menos intensa, ou que se tornou menos central na vida dos evangélicos

Possivelmente devido as dúvidas ou prioridades diferentes. E essa fé evangélica tem estado fraca. Uma fé genuína é uma convicção forte e um relacionamento genuíno com Deus.

Então entendemos que fé diluída e uma fé fraca, fé que diminui a cada momento, ou uma fé que passa por períodos de questionamentos, como se fé tivesse perdido sua força ou intensidade a descrença, frieza espiritual, números de pessoas que se afastam das igrejas e o número desigrejados só aumentam. Então o que fazer.

Processo de secularização provocado pelas sociedades e instituições se tornam progressivamente independentes da religião e de sua influência, afastando-se da autoridade religiosa e adotando uma base secular (Laica). Para política, a cultura e a ciência.

Secularização tem influenciado de forma negativa a igreja evangélica. Comportamentos individuais que eram ligados a religião (fé) para um modo de vida baseado em princípios laicos racionais.

Qual será o futuro da igreja evangélica diante dessa pressão do mundo contemporâneo? Como administrar essa questão?

Procurando então uma saída para igreja evangélica. Precisamos como igreja do Senhor Jesus, refletir e lutar para conservar a fé genuína verdadeira que nasce como base em Jesus, que transformar o homem e o mundo, que cumpre integralmente sua missão como igreja.

1. Uma igreja para nossos dias, será sempre a de Atos dos apóstolos, centrada em Cristo e nos fundamentos das doutrinas dos apóstolos na infalível palavra de Deus.

Uma igreja sem mancha, santa e comprometida com sua missão de levar o evangelho que é boas novas.

2. Diagnóstico da nossa situação como igreja evangélica.

O termo “fé diluída” refere-se a uma forma de crença ou prática religiosa que é considerada fraca, superficial ou comprometida. Isso pode ocorrer quando alguém:

- Não tem uma compreensão clara das doutrinas ou ensinamentos da fé: A pessoa pode não entender bem os princípios fundamentais da sua religião.

- Não pratica regularmente: A falta de prática regular pode levar a uma fé superficial.

- É influenciado por outras crenças ou valores: A pessoa pode ser influenciada por ideias ou valores que não são consistentes com sua fé.

- Não tem uma relação pessoal com Deus ou uma divindade: A fé pode se tornar mais uma questão de rotina ou tradição do que uma relação pessoal e significativa.

A fé diluída pode ser resultado de vários fatores, incluindo:

- Falta de discipulado ou orientação espiritual: A ausência de mentores ou líderes espirituais pode contribuir para a falta de profundidade na fé.

- Influências culturais ou sociais: A pressão social ou cultural pode levar as pessoas a adotar crenças ou práticas que não são consistentes com sua fé.

- Dúvidas ou questionamentos: A presença de dúvidas ou questionamentos pode levar a uma fé mais superficial se não forem abordados de forma adequada.

É importante notar que a fé é um processo pessoal e pode variar de pessoa para pessoa. O termo “fé diluída” pode ser usado de forma diferente dependendo do contexto e da perspectiva.

FUTURO DA IGREJA EVANGÉLICA SOBRE ESSE TEMA TERIA ALGUMA INFORMAÇÃO RELEVANTE?

O futuro da igreja evangélica é um tema que tem gerado muita reflexão e discussão. Aqui estão alguns pontos relevantes que podem dar uma ideia melhor sobre o assunto ^{1 2 3}:

- **Desafios atuais:** A igreja evangélica brasileira enfrenta desafios significativos, especialmente no contexto universitário, onde muitos jovens cristãos são expostos a ideologias contrárias à fé, como o marxismo e o feminismo. Além disso, a liberdade sexual, a ideologia de gênero e o relativismo também são apontados como fatores que contribuem para o afastamento da fé.

- **Importância da comunidade:** A pesquisa realizada com membros de diversas denominações evangélicas no Brasil destacou a importância de uma comunidade sólida e de um discipulado eficaz para ajudar os jovens a manterem sua fé em meio às adversidades.

- **Papel das redes sociais:** As redes sociais são vistas como uma oportunidade para propagar a mensagem do Evangelho, mas também como um obstáculo, pois a mensagem pode ser distorcida e a imagem dos evangélicos pode ser prejudicada por posturas e atitudes de alguns cristãos.

- **Participação política:** A participação evangélica na política é um tema controverso, com alguns defendendo uma postura mais equilibrada, com ênfase em valores cristãos e menos foco em ideologias políticas.

- **Futuro da igreja:** Alguns especialistas acreditam que o futuro da igreja evangélica depende de sua capacidade de se adaptar às mudanças sociais, tecnológicas e culturais, sem perder sua essência espiritual e valores fundamentais. Outros acreditam que a igreja deve se concentrar em promover valores cristãos e combater a corrupção e a pornografia.

Tendências para o futuro:

- **Evangelismo:** A pregação do Evangelho continua sendo fundamental para o crescimento da igreja.

- **Renovação da cultura:** A igreja deve buscar influenciar a sociedade de forma positiva, promovendo valores cristãos.

- **Fortalecimento das famílias:** O apoio às famílias é crucial para a formação de cristãos fortes.

- **Maior unidade:** A unidade entre diferentes denominações é essencial para a força da igreja.

No geral, o futuro da igreja evangélica parece depender de sua capacidade de se adaptar às mudanças e desafios do mundo moderno, enquanto mantém sua essência espiritual e valores fundamentais.

Mundo Cristão

Qual o futuro da igreja evangélica no Brasil?

O cristianismo tem experimentado um crescimento fenomenal no chamado Sul Global, do qual o Brasil faz parte.

Fonte: guiame.com.br

Atualizado: quarta-feira, 20 de agosto de 2014 às 15:47

EVANGELHO

Quando olho o atual cenário da igreja evangélica brasileira – estou usando o termo “evangélica” de maneira ampla – confesso que me sinto incapaz de prever o que vem pela frente. Há muitas e diferentes forças em operação em nosso meio hoje, boa parte delas conflitantes e opostas. Olho para frente e não consigo perceber um padrão, uma indicação que seja, do futuro da igreja.

Há, em primeiro lugar, o crescimento das seitas neopentecostais. Embora estatísticas recentes tenham apontado para uma queda na membresia de seitas como a Universal do Reino do Deus - que ressurge das cinzas com o “templo de Salomão”, outras estão surgindo no lugar, como na lenda grega da Hidra de Lerna, monstro de sete cabeças que se regeneravam quando cortadas. A enorme quantidade de adeptos destes movimentos que pregam prosperidade, cura, libertação e solução imediata para os problemas pessoais acaba moldando a imagem pública dos evangélicos e a percepção que o restante do Brasil tem de nós. Na África do Sul conheci uma seita que mistura pontos da fé cristã com pontos das religiões africanas, um sincretismo que acaba por tornar irreconhecível qualquer traço de cristianismo restante. Temo que a continuar o crescimento das seitas neopentecostais e seus desvios cada vez maiores do cristianismo histórico, poderemos ter uma nova religião sincrética no Brasil, uma seita que mistura traços de cristianismo com elementos de religiões afro-brasileiras, teologia da prosperidade e batalha espiritual em pouquíssimo tempo.

Depois há o movimento “gospel”, que mostrou sua popularidade ao ter o festival “Promessas” veiculado pela emissora de maior audiência do país. Não me preocupa tanto o fato de que a Rede Globo exibiu o show, mas a mensagem que foi passada ali. A teologia gospel confunde “adoração” com pregação, exalta o louvor como o principal elemento do culto público, anuncia um evangelho que não chama pecadores e crentes ao arrependimento e mudança de vida, que promete vitórias mediante o louvor e a declaração de frases de efeito e que ignora boa parte do que a Bíblia ensina sobre humildade, modéstia, sobriedade e separação do mundo. Para muitos jovens, os shows gospel viraram a única forma de culto que conhecem, com pouca Bíblia e quase nenhum discipulado. O impacto negativo da superficialidade deste movimento se fará sentir nesta próxima geração, especialmente na incapacidade de impedir a entrada de falsos ensinamentos e doutrinas erradas.

Notemos ainda o crescimento do interesse pela fé reformada, não nas igrejas históricas, mas fora delas, no meio pentecostal. Não são poucos os pentecostais que têm descoberto a teologia reformada – particularmente as doutrinas da graça, os cinco slogans (“solas”) e os chamados cinco pontos do calvinismo. Boa parte destes

tem tentado preservar algumas ideias e práticas características do pentecostalismo, como a contemporaneidade dos dons de línguas, profecia e milagres, além de uma escatologia dispensacionalista. Outros têm entendido – corretamente – que a teologia reformada inevitavelmente cobra pedágio também nestas áreas e já passaram para a reforma completa. Mas o tipo de movimento, igrejas ou denominações resultantes desta surpreendente integração ainda não é previsível.

O impacto das mídias sociais também não pode ser ignorado. E há também o número crescente de desigrejados, que aumenta na mesma proporção da apropriação das mídias sociais pelos evangélicos. Com a possibilidade de se ouvir sermões, fazer estudos e cursos de teologia online, além de bate-papo e discipulado pela internet, aumenta o número de pessoas que se dizem evangélicas, mas que não se congregam em uma igreja local. São cristãos virtuais que “frequentam” igrejas virtuais e têm comunhão virtual com pessoas que nunca realmente chegam a conhecer. Admito o benefício da tecnologia em favor do Reino. Eu mesmo sou professor a quinze anos de um curso de teologia online e sei a benção que pode ser. Mas, não há substituto para a igreja local, para a comunhão real com os santos, para a celebração da Ceia e do batismo, para a oração conjunta, para a leitura em uníssono das Escrituras e para a recitação em conjunto da oração do Pai Nosso, dos Dez Mandamentos. Isto não dá para fazer pela internet. Uma igreja virtual composta de desigrejados não será forte o suficiente em tempos de perseguição.

Eu poderia ainda mencionar a influência do liberalismo teológico, que tem aberto picadas nas igrejas históricas e pentecostais e a falta de maior rapidez e eficiência das igrejas históricas em retomar o crescimento numérico, aproveitando o momento extremamente oportuno no país. Afinal, o cristianismo tem experimentado um crescimento fenomenal no chamado Sul Global, do qual o Brasil faz parte.

Algumas coisas me ocorrem diante deste quadro, quando tento organizar minha cabeça e entender o que se passa.

1 – Historicamente, as igrejas cristãs em todos os lugares aqui neste mundo atravessaram períodos de grande confusão, aridez e decadência espiritual. Depois, ergueram-se e experimentaram períodos de grande efervescência e eficácia espiritual, chegando a mudar países. Pode ser que estejamos a caminho do fundo do poço, mas não perderemos a esperança. A promessa de Jesus quanto à Sua Igreja (Mateus 16:18) e a história dos avivamentos espirituais nos dão confiança.

2 – Apesar de toda a mistura de erro e verdade que testemunhamos na sincretização cada vez maior das igrejas, é inegável que Deus tem agido salvadoramente e não são poucos os que têm sido chamados das trevas para a luz, regenerados e justificados mediante a fé em Cristo Jesus, apesar das ênfases erradas, das distorções doutrinárias e da negligência das grandes doutrinas da graça. Ainda assim, parece que o Espírito Santo se compraz em usar o mínimo de verdade que encontra, mesmo em igrejas com pouca luz, na salvação dos eleitos. Não digo isto para justificar o erro. É apenas uma constatação da misericórdia de Deus e da nossa corrupção. Se a salvação fosse pela precisão doutrinária em todos os pontos da teologia cristã, nenhum de nós seria salvo.

3 – Deus sempre surpreende o Seu povo. É totalmente impossível antecipar as guinadas na história da Igreja. Muito menos, fazer com que aconteçam. Há fatores em operação que estão muito acima dos poderes humanos. Resta-nos ser fiéis à Palavra de Deus, pregar o Evangelho completo – expositivamente, de preferência – viver uma vida reta e santa, usar de todos os recursos lícitos para propagar o Reino e plantar igrejas bíblicas e orar para que nosso Deus seja misericordioso com os seus eleitos, com a Sua igreja, com aqueles que Ele predestinou antes da fundação do mundo e soberanamente chamou pela Sua graça, pela pregação do Evangelho.

A Igreja Primitiva Cristã é caracterizada por sua simplicidade, comunhão, ensino apostólico, oração constante, sinais e maravilhas, e a propagação do evangelho mesmo sob perseguições. Essa comunidade se formou após a ressurreição de Jesus Cristo e se expandiu rapidamente, abrangendo a Judeia, Samaria e os confins da Terra. A Igreja Primitiva é um exemplo de como a fé cristã pode se desenvolver e se expandir, mesmo diante de desafios e perseguições.

Essa é a igreja do futuro que precisamos almejar e lutar por ela...

Igreja evangélica do futuro sua realidade hoje seus desafios em busca de futuro vencedor

Pesquisas revelam dados importantes para nossa reflexão.

Pesquisa revela desafios da igreja brasileira na universidade, nas redes sociais e na política

Uma pesquisa inédita realizada com membros de diversas denominações evangélicas no Brasil revelou um panorama complexo e desafiador para a igreja brasileira. Os entrevistados, representando um espectro diversificado de denominações e experiências, apontaram uma série de obstáculos e preocupações em relação à fé, à vida em comunidade e ao papel da igreja na sociedade.

Utilizando o Google Forms como ferramenta de coleta de dados, a pesquisa explorou a percepção dos entrevistados sobre os desafios e preocupações da igreja brasileira em relação à fé, à vida em comunidade e ao papel da igreja na sociedade.

Um total de 76 membros de 24 diferentes denominações evangélicas responderam ao questionário, em sua maioria de assembleianos (32,9%), batistas (28,9%) e presbiterianos (14,5%), proporcionando uma diversa fonte de dados para análise.

Alicerces da Fé em Teste na escola e na universidade

A igreja evangélica brasileira tem experimentado um crescimento expressivo nas últimas décadas, tornando-se um importante ator social e político. No entanto, esse crescimento não se dá sem desafios. Para compreender o cenário atual e as perspectivas futuras da igreja evangélica no Brasil, é crucial analisar a percepção dos próprios membros sobre os desafios que enfrentam.

Um dos principais desafios apontados pela pesquisa é a manutenção da fé no contexto universitário. Cerca de metade dos entrevistados relatou ter

presenciado algum tipo de ataque à fé cristã no ambiente acadêmico, seja por meio de comentários desrespeitosos, debates acalorados ou mesmo por discriminação.

As principais causas para o afastamento da fé e a incompatibilidade com o cristianismo no período universitário, segundo os entrevistados, incluem a influência de ideologias como o marxismo (apontado por 69,7%) e o feminismo (63,2%), a liberdade sexual (84,2%), a ideologia de gênero (75%), o relativismo (72,4%) e a hostilidade ao cristianismo (64,2%). A falta de um discipulado sólido, de apoio da igreja local e a incapacidade de líderes responderem a questionamentos também foram apontados como fatores determinantes para que os jovens se sintam pressionados no ambiente universitário. Muitos dos jovens declararam estar abandonados pela sua igreja em relação aos temas que enfrentam no ambiente universitário.

Dos entrevistados, apenas 19,7% estudaram parcial ou completamente em escolas cristãs. Enquanto alguns relataram que elas ‘ajudaram a despertar o interesse por conhecer a Cristo’, outros disseram que elas ‘não contribuíram em nada com a fé’ ou apenas transmitiam um ‘cristianismo moralista’.

Dois terços revelaram que seus estudos foram realizados em escolas públicas, onde também houve experiências distintas. Alguns relataram ter sofrido preconceito neste ambiente, sendo motivos de chacota. Já outros disseram que não enfrentaram desafios, e que havia acolhimento e respeito no ambiente escolar.

E por último, entre os que se sentiram atacados no ambiente universitário, os relatos incluem desde piadas de companheiros de sala como ataques vindo dos próprios professores, como nos relatos abaixo:

“No meu primeiro período da faculdade de história um professor de filosofia disse claramente que religiosos não deveriam ser levados em consideração na esfera pública.”

“Um professor ateu me atacou diretamente em uma apresentação de trabalho que não tinha relação nenhuma com religião ou igreja.”

“Ataques pessoais recebi apenas uma vez, em que um professor, sabendo minha posição sobre o aborto, começou a intencionalmente debochar dela em aula, no doutorado.”

“Minha própria crença era motivo das pessoas me inferiorizarem ou inferiorizarem a minha capacidade intelectual.”

Mais de dois terços (68,4%) relatou nunca ter participado de algum grupo cristão no ambiente universitário, como a Aliança Bíblica Universitária do Brasil (ABUB), a Cru Campus ou o Intervalo Bíblico.

Redes Sociais: Oportunidade ou Obstáculo?

A pesquisa também investigou o impacto das redes sociais na vida e na fé dos entrevistados. Embora a maioria acredite que as redes sociais ajudam a propagar a mensagem do Evangelho, também existe a percepção de que a mensagem é frequentemente distorcida e que a imagem dos evangélicos é prejudicada por posturas e atitudes de alguns cristãos.

O Papel da Igreja na Sociedade

A participação política de evangélicos é um tema que gera debates acalorados. A pesquisa revela que, apesar de a maioria dos participantes acreditar que a participação evangélica na política é positiva, existe uma preocupação crescente com a associação da fé a personagens e pautas que podem prejudicar a imagem do Evangelho.

Os entrevistados defendem uma postura mais equilibrada, com ênfase em valores cristãos e menos foco em ideologias políticas, buscando representar o cristianismo de forma mais fiel e autêntica. A maioria apresentou preocupação com a ética dos cristãos que se envolvem na política. Alguns mencionaram a presença de políticos nos púlpitos como negativa, outros mencionaram a falta de formação bíblica e filosófica dos cristãos que buscam cargos representativos. Sobre a ideologia que o cristão deve seguir, 63,2% afirmou que não existe uma ideologia única que representa o cristianismo, 22,4% afirmou que o cristão deve ser conservador, e 6,6% afirmou que o cristão deve se submeter à Doutrina Social da Igreja.

Ao mesmo tempo, 65,8% acredita que a mídia reporta os evangélicos de maneira negativa, com tendências de perseguição. O que significa que, para os entrevistados, a visão do evangélico para quem é de fora é mal representada.

Olhando para o Futuro

Diante da perspectiva que os evangélicos sejam a maioria da população do Brasil, 50% acredita que isso só será positivo se houver cristãos verdadeiros, enquanto 43,4% expressa que a maioria dos evangélicos será composta de cristãos nominais. Portanto, há uma tendência negativa sobre o futuro da igreja.

A pesquisa conclui que a igreja brasileira precisa se reinventar para enfrentar os desafios do século XXI. Os entrevistados destacam a importância de:

Evangelismo: A pregação do Evangelho continua sendo fundamental para o crescimento da igreja.

Renovação da Cultura: A igreja deve buscar influenciar a sociedade de forma positiva, promovendo valores cristãos e combatendo a pornografia e a corrupção.

Fortalecimento das Famílias: O apoio às famílias é crucial para a formação de cristãos fortes.

Maior Unidade: A unidade entre diferentes denominações é essencial para a força da igreja.

A pesquisa deixa claro que a igreja brasileira enfrenta um momento de transição, com novos desafios e oportunidades. É preciso reavaliar os métodos de discipulado, investir na formação de líderes preparados para responder aos questionamentos do mundo moderno e manter o foco na pregação autêntica do Evangelho, buscando um testemunho que represente a fé cristã de forma fiel e inspiradora. (Referência: <https://www.narniano.com/pesquisa-revela-desafios-da-igreja-brasileira-na-universidade-nas-redes-sociais-e-na-politica>)

FUTURO DA IGREJA EVANGÉLICA PRECISA ESTÁ FUNDAMENTADO NAS ESCRITURAS.

No livro a Missão que transforma o autor observa, “pode se afirmar, então, que a bíblia, de forma completa, integral e inteira, E não somente Partes dela, constitui o alicerce em que se fundamenta prática de uma missão que transforma.”p.85. livro Missão que transforma.

Futuro da igreja evangélica como instituição está cada dia caminhando para um colapso no que diz respeito da verdadeira igreja. Como igreja cuja a missão é ser uma agência transformadora da sociedade, um lugar de misericórdia, muitos desigrejados hoje em função do fato da igreja hoje secularizada e cada vez com uma fé cada vez mais diluída. E 2010, 14 milhões de desigrejados estima-se hoje o número de 18 a 20 milhões que se perderam com nova igreja da aparência. Porém falta comprometimento, alta sermos verdadeiramente servos da igreja, no sentido prático da ortopraxia, a igreja do futuro tem que ser está e não essa que estamos vendo hoje.

Precisamos ter uma igreja que se reúne com os amigos, que oram juntos e tem grupos de oração que intercedem uns pelos outros e se ajudam, que se identificam umas com as outras que estejam juntos. Gregalidade é uma necessidade humana essencial, toque humano abraço humano, gente do lado, afago, afeto, estímulo. A igreja do futuro não pode ser, apenas da placa, do gasofilácio, das campanhas, do show gospel, das luzes, e um monte coisas de Jesus. No livro quem mexeu na minha igreja do autor Mike Nappa. Ele enfatiza “O cristão que não se relaciona com todo mundo e não influencia os outros com seus valores. Jamais poderá mudar a cultura.

A nossa fé precisa estar alinhada com o nosso procedimento e conduta. Fazendo referência ao autor do livro missão que transforma.” A salvação contempla o ser humano da sua condição de perdição e das próprias consequências de pecado em sua vida. É preciso, portanto, oferecer ao mundo um evangelho que alcance o ser humano de forma ampla, abrangente, levando-o a viver uma transformação de toda a sua vida e realidade”. Essa deve ser a característica da igreja que desejamos no futuro. A igreja do futuro tem que ser uma igreja focada em uma missão transformadora, no livro missão que transforma o autor enfatiza “a igreja é chamada a participar da missão de Deus por meio de ações que transformam, uma vez que é constituída de pessoas que foram transformadas pelo poder do evangelho. “Se é missão é holística. Se é missão transforma”. (p. 3).

Uma igreja com 6 pilares é uma igreja que queremos no futuro

Sugerimos 6 pilares para uma igreja evangélica saudável: 1- Fidelidade na palavra de Deus, pregações expositivas, estudos bíblicos profundos e promoção da leitura pessoal da bíblia e devoção pessoal à Deus diariamente. 2- Autoridade suprema sobre a fé e prática. 3- Liderança coletiva, formação de liderança com prestações de contas. Formação de novos líderes, para que a missão continue

a ser realizada de maneira eficaz, visando crescimento espiritual, discipulado e preparação para servir com integridade e humildade. 4- Discipulado. Quando uma igreja investe no discipulado ela está fortalecendo os alicerces do reino de Deus. O autor Rick Warren, no livro *uma igreja com propósito* pág. 19 ele afirma “é preciso discernimento e paciência, fé, habilidade e, o mais importante de tudo equilíbrio”. Ter uma igreja evangélica no futuro requer segundo o autor Warren requere destreza e competência. Uma igreja saudável não nasce do acaso mais é resultado de fundamentos firmes que refletem a vontade de Deus.

Devemos analisar os sintomas que uma igreja precisa de revitalização. Muitos sinais podem indicar que uma igreja está adoecendo espiritualmente, e, por tudo isso, a maior tragédia: Falta de Cristo no centro da igreja. Igrejas que precisam de revitalização apresentam essas características: 1 - igrejas que tem donos, 2 - Membros sem compromisso (vai apenas para consumir). 3 - Pregação é fraca. (não prega a palavra, nanismo está padecendo). 4 - Oposição a mudança (não querem mudar, comodismo, área de conforto). Por esses motivos a igreja evangélica do futuro precisa urgentemente de revitalização e retorno às origens.

A igreja é na sua essência, missionária. Johannes Blauw afirmou com propriedade: “não há outra igreja, a não ser a igreja enviada ao mundo, e não há outra missão a não ser a da igreja de Cristo”. Bosch prefere o termo *Missiones Ecclesiae*, para destacar a pluralidade das tarefas missionárias, visto que não se restringe o envio apenas a outras nações, mas em qualquer lugar onde esteja a igreja. A *missio ecclesiae*, portanto, envolve tudo aquilo que a igreja faz, no sentido de alcançar o homem e a mulher que estão separados da comunhão com Deus, por causa do pecado, e restaurá-los no seu todo. Ela é apenas um instrumento da graça de Deus. (pág. 15 livro *O Espírito Santo e a missão da igreja*. Autor Eder José de Melo Silva.)

Tudo isso nos faz refletir sobre a igreja evangélica do futuro e buscar soluções saudáveis que fortalecerão a igreja evangélica de hoje e a igreja evangélica do futuro e fase do mundo em que estamos vivendo.

Campanha após campanha, programa na TV, um monte de coisas em nome de Jesus. Mas se a igreja evangélica do futuro não apresentar esses elementos básicos, como de acolhimento, aconchego, de afago, de afeto, de carinho, de exclusividade, e de socorro. A igreja evangélica do futuro pode se tornar a igreja da loucura, da culpa, se não buscarmos esses elementos básicos que fazem ser uma igreja verdadeira. (Igreja primitiva). Muitos carregam a placa da igreja na cabeça, mas estão precisando carregar Jesus no coração.

Uma igreja viva com foco na sua missão de alcançar o mundo e promover toda a obra de Jesus evidenciada nos evangelhos. Deus sabe aqueles que são seus. Cabe a nós lutar e orar para que a igreja evangélica do futuro seja a igreja que nasceu com o Senhor Jesus nosso salvador.

REFERÊNCIAS

À IGREJA COM CARINHO – Isaltino Gomes Coelho Filho, missão editora.

A igreja em peregrinação – Darci Dusilek , editora horizontal

Eclesialidade e missão –assembleia Geral da CRB

Uma igreja em que vale a pena ser membro – Milton Monte – editora missões nacionais

Que tipo de cristianismo estamos vivendo – Silas Malafaia – editora Central Gospel

Onde nós estamos errando? - Silas Malafaia – editora Central Gospel

Evangelismo – John MacArthur – editora Thomas Nelson Brasil

Quem mexeu na minha igreja? Mike Napa -editora Central Gospel

Missão que transforma- Acyr de Gerone Junior – editora CPIMW

A Perda da Autoridade Pastoral e a Autonomia do Indivíduo

Josivan Guimarães de Sousa

INTRODUÇÃO

Neste capítulo, trataremos das questões que diz respeito a perda da autoridade pastoral e a autonomia do indivíduo. É ciente que, nos tempos hodiernos, a perda da autoridade pastoral tem crescido de forma assustadora. O apóstolo Paulo já nos advertia quanto a guerra espiritual travada e todas as áreas da existência humana.

Deus possui um projeto eterno em curso na história. Plano este que, pretende trazer salvação através dos meios determinados pelo próprio Deus, ou seja, morte vicária do Seu filho Jesus Cristo, o messias prometido, esperado e manifestado.

O homem, como canal de divulgação do plano, seria recipiente da mensagem e também transmissor. Contudo, este canal humano e pecador possui suas limitações, seus pecados que, no decorrer da história produziram descrédito e perda da autoridade pastoral em algum momento. Todavia, Deus os capacitaria, dando-lhe mandamentos e providenciando força necessária para o exercício de tão privilegiada missão.

No decorrer da história, conhecemos as constantes falhas humanas que pareciam destruir a ideia salvífica do criador, pecados e desvios de homens que foram chamados, parecia comprometer o processo. Entretanto, Deus sempre se mostrou com aquele que castigava, perdoava e restaurava, tanto no antigo testamento, novo testamento, como em todos os períodos. Tudo visando o prosseguimento para o objetivo primário.

A autoridade é adquirida, como também é perdida. Tudo se relaciona com o comportamento adequado e inadequado nos diversos quadros da história.

A autonomia do indivíduo precisa ser compreendida dentro de um contexto relacional, onde minha individualidade não pode ferir nem penetrar na individualidade dos outros. a autonomia precisa seguir um percurso que não desembocque na

intromissão do direito alheio, da comunidade e da sociedade em geral. Para compreensão disto, precisamos reportar ao ensino bíblico de advertência contra o egoísmo exacerbado que tem trazido conflitos e rupturas nos relacionamentos, isso, por uma má compreensão da autonomia.

Que as perspectivas sejam atendidas e tenhamos uma boa leitura.

Autoridade adquirida. Como aconteceu na história

Desde o princípio Deus em Sua soberania tem dado ciência do Seu projeto eterno de salvação do homem que se havia perdido. O plano inclui, desde o erguer pessoas, famílias e nações, bem como a manifestação do Messias, sua vida, morte e ressurreição, isto, objetivando a justificação daqueles que, se achegariam a Ele mediante a fé. Entretanto, este projeto eterno do Deus perfeito, teria ferramentas humanas e falíveis, e que, no processo histórico seria sucumbido se não fosse as diversas intervenções divinas em todo processo. Como exemplo, recorremos ao período dos juízes, quando o povo de Deus se mostrava infiel, abandonando a adoração para se prostrar aos deuses estranhos das nações vizinhas que os seduziam. Os juízes erguidos por Deus, traziam o socorro imediato, e, durante um determinado período, o povo se voltava a Deus, mas posteriormente, se rebelava outra vez, provocando o Senhor que, tendo objetivo de levar a cabo Seu plano, o disciplinava severamente para que pudesse voltar as práticas de obediência a Sua lei que servia de aio (conforme mostra o apóstolo Paulo mais tarde em sua epístola aos Gálatas), até a chegada do messias esperado e a concretização da nova aliança.

No período pós juízes, o surgimento de reis maus (judeus e israelitas), que conduziam o povo a desobediência dos mandamentos, incitava a ira de Deus que, na intenção da continuação do projeto eterno, de forma recorrente, trazia sobre o rei e seus súditos os mais terríveis castigos num esforço de poupar a nação eleita do sincretismo que desembocaria na frustração do objeto principal. Contudo também, haviam reis justos que faziam as reformas sempre necessárias visando tornar a nação para o palco principal do exemplo de serviço ao Deus único e verdadeiro que serviria de luzeiro para as outras nações conforme sempre cantado nos salmos.

Apesar do material humano falível que se tinha e se tem em mãos para levar a cabo o plano, a ideia de Deus era e é produzir nestes objetos um trabalho de transformação que os levasse dia após dia a uma congruência com Seu próprio caráter e maneira de ser e agir. Os incessantes apelos do soberano para que esses homens fossem santos porque Ele, Deus era santo não se tratava apenas de uma retórica, pelo contrário, era um chamado vital para capacitá-lo a ser um instrumento que refletisse na sociedade em todos os tempos o caráter e a santidade do próprio criador representado.

Voltando-nos para o antigo testamento, a expressão do salmo 23 “O Senhor é o meu pastor e nada me faltará”, expressa o papel pastoral de Deus em relação ao Seu povo. A declaração do salmista, serve de paradigma para os pastores no que diz respeito aos cuidados de ternura para com suas ovelhas, alimentando-as

e servindo-as como modelos, observando suas tarefas específicas, bem como os sacrifícios inerentes e a devida coragem para protegê-las. Ainda no antigo testamento, observamos a nação de Israel identificada como um rebanho de ovelhas que necessita de um pastor (Sl. 42.22; 119.176; Jr. 23.1; 50.6), um rebanho que necessita ser amado (Jr. 31.3). Desta forma, no antigo testamento temos inúmeras evidências de exemplos do próprio Deus em relação ao Seu povo que serve de parâmetros para os pastores de todas as épocas da história. São exemplos de manifestações de cuidado, amor, misericórdia, disciplina, compaixão e prazer paternal em relação ao Seu povo.

No novo testamento, as bases apresentadas no antigo servem de parâmetro para a revelação do Sumo pastor Jesus Cristo, nEle, são reveladas toda sabedoria, poder, glória e humildade. Sua obra, vida e morte como sacrifício substitutivo nos mostra de forma abrangente a tarefa inequívoca do pastor que dá sua vida pelas ovelhas. Sendo assim, é observado na dispensação da nova aliança, com mais clareza, tudo que foi mostrado no antigo testamento acerca dos procedimentos do pastor segundo o coração de Deus. Deus, em Cristo, convoca os pastores a se tornarem subpastores, no propósito de supervisionar com autoridade o rebanho por Ele adquirido. Esta supervisão, inclui o ensino bíblico, como também o procedimento correto dentro da igreja e da sociedade a qual estão inseridos.

Chegando na igreja cristã dos primeiros séculos, já é observado desde o princípio, uma espécie de metamorfose ministerial pastoral, passando da simplicidade, como mostrada acima, para uma complexidade, e, isso na medida em que a igreja deixa de ser apenas um organismo vivo e adquirir status de uma organização estabelecida. A institucionalização, desta forma, contribui progressivamente e cada vez mais latente para uma separação entre o chamado clero e o laicato. A tentação ao empoderamento humano, com ênfase no egoísmo exacerbado que é mostrado pelo desejo de status social e evidência, anula de forma gradativa, a simplicidade necessária e mostrada no exemplo do Mestre Jesus Cristo. O pastor precisa ser aquele humilde e manso de coração que pastoreia, dirige, ensina e admoesta.

No período medieval, apesar de toda apostasia católica romana e a corrupção do clero que conduziu a igreja a decadência dos valores cristãos mostrados, destaca-se os chamados paulicianos (625) que demonstraram uma forte paixão por uma igreja com pastores de um ministério puro e comprometido com a Palavra. Os paulicianos, observados em seu manual, consentiam em um ministério simples construído sobre as bases de arrependimento e fé. A oração descrita abaixo que fora pronunciada na ocasião de uma consagração de um pastor, manifesta a natureza do compromisso paulicianos:

“Cordeiro de Deus, Jesus, ajuda-nos e, especialmente a este servo recém eleito, a quem acabas de acrescentar ao número de teus discípulos amados. Estabelece-o em Teu evangelho concedido a tua igreja universal e apostólica como rocha segura e inabalável junto ao portão do inferno. E, confere-lhe um pastorado piedoso, para cuidar com grande amor de teu rebanho espiritual... Guarda este teu servo com teus eleitos; que nenhum espírito impuro ouse aproximar-se dele”

Semelhantemente, os valdenses que se separaram da igreja católica romana em 1184, formando sua própria igreja, apresentavam tema semelhante dando ênfase em seu ministério, as santas funções, construindo uma igreja adequada nos ensinamentos simples mostrados pelo Senhor.

Destacamos também homens como John Wycliffe (1324-1384) que ressaltava a importância do ministério pastoral, ensinando que, os pastores precisavam restringir-se pregar a exposição das escrituras e o cuidado pastoral enfatizando dois fatores que diz respeito ao pastor, são eles: “A santidade e a integridade de seu ensino”.

John Huss (1373-1415), destaca seu chamado por um ministério puro. Sua afirmação contundente de que, “não é o ofício que faz o sacerdote, mas o sacerdote que faz o ofício. Nem todo sacerdote é santo, mas todo santo é um sacerdote”. Este posicionamento remete, traz de volta em tempos tão sombrios, os ensinamentos apostólicos embasados no referencial do Cristo, contrastando a igreja militante medieval com a igreja verdadeira e espiritual como corpo de Cristo.

Em suma, observamos na idade média, tão corrompida por uma institucionalidade poderosa politicamente e socialmente, muitos foram erguidos por Deus para se oporem ao momento caótico e buscarem incessantemente a verdade. Este posicionamento deve sim, encorajar, desafiar os verdadeiros servos de Deus da atualidade a buscarem e lutarem por um ministério pastoral que se assemelhe aos moldes mostrados e congruentes com os procedimentos ensinados pela palavra.

Finalmente nesta nossa trajetória histórica tentando mostrar o padrão bíblico de Deus para o ministério pastoral para daí então compreendermos o que causou a perda da autoridade, e por que não dizer a credibilidade pastoral através dos séculos, chegamos ao período moderno até os dias atuais.

Podemos observar na era moderna exaustivamente os exemplos de homens de Deus que buscaram o ministério pastoral bíblico, dentre tantos, destacamos o autor do livro “O pastor aprovado”, Richard Baxter (1656). Tratando dos labores, limitações, humanidade, como também a dedicação do pastor que se mostra com coração humilde.

Ainda, os pastores do século XX, cito: G. Campbell Morgan (1863-1945), (Benjamim B. Warfield (1851-1921), dentre outros, oferecem elementos exemplares para o ministério pastoral sadio embasado nos ensinamentos bíblicos mostrados.

O observado até o momento, em todas as épocas o povo de Deus, seja a nação eleita no antigo testamento, como também a igreja estabelecida na nova aliança conviveu e, esta última, ainda lida com pastores que servem para a vergonha e a virtude cristã. Em nenhum período da história passada e recente, o povo de Deus foi contemplado exclusivamente com pastores comprometidos com o ministério íntegro nem tão pouco com pastores corrompidos, desacreditados e sem autoridade; os dois exemplos conviveram em todas as eras. Todavia, tanto o descrédito e a perda da autoridade começaram a serem potencializados desde o início do século XX. A constituição de uma agenda voltada para o evangelho social, abriu as portas para o início de um rompimento que prioriza o ministério bíblico. Os

passos seguintes para ministros e ministérios pragmáticos se ofereceram como um caminho para o distanciamento da simplicidade de um ministério bíblico. Ressalta-se, porém, como nos diversos casos mostrados que, durante a metade do século XX, surgiram exemplos extraordinários de ministérios bíblicos de homens honrados, tementes a Deus cuja autoridade pastoral, bem como a credibilidade ressaltaram de forma adequada do evangelho bíblico em contradição do evangelicalismo secularizado de então.

D. Martyn Lloyd-Jones (1939-1981), era muito respeitado como pregador e pastor devotado e fiel aos preceitos bíblicos, honrando assim, a igreja estabelecida. Reputado como conselheiro pastoral que ouvia seu povo, ajudava as pessoas como também os amigos de ministério.

Concluímos até aqui, afirmando acerca do sacerdócio pastoral em todos os tempos. Sendo o pastor aquele que possui a responsabilidade, cuida e conduz. Formadores da fé., ter zelo, ter amor e renunciar a regalias em favor das ovelhas.

Em sua conduta, deve haver demonstração de caráter irrepreensível, integridade, bom domínio da família e habilidades de ensino e liderança. Servidor do rebanho, preocupando-se com o bem-estar espiritual e emocional dos fiéis. Ser fiel a palavra de Deus, ensinando-a com clareza e defendendo-a mesmo contra a cultura.

A pergunta pertinente: O que conduziu a perda da autoridade pastoral tão evidenciada em nossos dias. Estamos diante de um ministério pastoral em declínio. O percentual de perda da autoridade e credibilidade entre os pastores tem aumentado de forma assustadora. E muitos fatores podem ser elencados.

PECADO – Ao longo dos anos temos visto pastores caindo no caminho. De forma generalizada afirmamos que o pecado com suas variantes são os fatores principais que levam a perda da autoridade pastoral e conseqüentemente ao descrédito. A busca da sociedade por homens que, transmitam honestidade, confiança, credibilidade, amor e esperança para os desesperançados. Homens que observem os padrões de excelência inequívoca mostrados no verdadeiro evangelho do Senhor Jesus Cristo, se esvai diante dos constantes escândalos hoje em dia tão comuns envolvendo pastores que deveriam ser esses referenciais de vida em meio a uma sociedade corrupta e nutrida por um egoísmo secularizado de uma sociedade líquida onde os verdadeiros valores foram corrompidos pela relatividade e ao mesmo tempo a falta dos absolutos. Neste projeto humano (cósmico), pertencente aos homens maus, descritos de forma apropriada pelo apóstolo Paulo em (2º Tm. 3.1-4), onde afirmar categoricamente que nos últimos dias “os homens serão...” e daí descreve uma longa lista desses valores nefastos que caracteriza tais homens, onde numa interpretação mais acurada se percebe que o problema que assola a humanidade é o amor mal direcionado. Ao invés de amar a Deus, os homens preferiram o egoísmo (amar a si mesmos). E, desta forma, transmitiu e inseriu o caos na sociedade. Os pastores, a semelhança de Timóteo (jovem pastor com grandes responsabilidades), jamais poderiam sucumbir diante desta sociedade e viver, proceder de forma igual. Entretanto, os valores nutridos por tal egoísmo e cobiça, tem frustrado a credibilidade e autoridade necessária para o avanço do

evangelho em muitas comunidades cristãs. Os escândalos são tantos, a dor causada por tais atitudes pecaminosas minam tanto a credibilidade e autoridade pastoral que tem se multiplicado o número dos chamados desigrejados, dos desviados e dos desacreditados.

Estudando de forma mais acurada, podemos identificar alguns dos problemas que permitem o pecado ser instalado na vida de um pastor.

São diversas questões que aos poucos vão minando e desviando o foco principal de servir a Deus, cumprindo o determinado pelo apóstolo Pedro que iremos referenciar nos parágrafos posteriores.

Excesso de carga de trabalho. Uma pesquisa afirma que cerca de 90% dos pastores estão trabalhando entre 55 e 75 horas por semana. Isso eleva o percentual de esgotamento com apenas 50% dos pastores cumprindo seus anos de trabalho como pastor. Uma outra grande quantidade de pastores está deixando o ministério devido a situações relacionadas com a igreja, assuntos familiares e falha moral, elevando assim a desconfiança do trabalho dos pastores.

O divórcio entre os pastores subiu mais de 65% nos últimos 20 anos. Àqueles que deveriam ser exemplos de lares funcionais com relacionamentos solidificados que servem de exemplos para a comunidade, estão causando escândalo, desacreditando assim, a igreja evangélica, bem como a sociedade de forma geral. Quando tratamos de divórcio, lembramos também todas as consequências nefastas imputadas na família no que diz respeito aos filhos, pois muitos também ficam desacreditados com os pais e com o próprio evangelho.

Pressão da igreja sobre o ministério pastoral que lhe imputa a obrigação de ter uma família perfeita.

Problemas financeiros que obrigam os pastores a procurarem outro meio de sobrevivência, deixando pouco tempo para a esposa, muitas das esposas de pastores em pesquisas afirmam que não estão satisfeitas com seu matrimônio e parte disso acontece também, pelo já citado acima tensões causadas pela quantidade de trabalho.

Bagagem mental e emocional do trabalho ministerial que nunca termina. Eu, Josivan Guimarães de Sousa, tive a oportunidade de mentoriar um pastor sênior com mais de cinquenta anos de ministério. Ao perguntar acerca de seus problemas, ele informou que, “não conseguia descansar”. Ministrei acerca da necessidade do descanso para o bom andamento do ministério, entretanto o amado ministro falou de suas férias regulares e o dia semanal para reparar suas energias. Entretanto, acrescentou que, mesmo observando o período sabático, sua mente não se desgarrava da igreja. Seus pensamentos eram voltados todo o tempo para o que poderia estar acontecendo com a igreja durante o seu período de descanso. Realmente, a bagagem mental e emocional, desgastam e pode sim nos conduzir a estafa espiritual que redunde em fragilidade e possível queda que será a força motriz para a perda de autoridade e credibilidade ministerial do pastor e consequentemente elevar o percentual para níveis cada vez mais baixo e comprometedores.

Outro fato agravante na vida do pastor é a falta de amigos mais chegados. O isolamento do ministro, a falta de companheiros de jugo que o ajude a superar as dificuldades inerentes do ministério tem causa enfraquecimento espiritual provocando brechas para a queda e as repercussões que a referida queda traz ao pastor e a igreja local. De fato, o inimigo parece obter enorme vantagem quando consegue seduzir um líder do povo de Deus a fim de desanimar o rebanho comprado pelo sangue de Jesus. Quando se trata de queda de pastores, não nos referimos aos pecados corriqueiros, pois bem sabemos que ninguém, nem mesmo os líderes estão imunes ao pecado. Contudo, que dizer dos pecados escandalosos que roubam a irrepreensibilidade do ministro diante tanto do rebanho como da sociedade. O que dizer do adultério, da desonestidade na administração das dívidas descontroladas, das atitudes violentas e do abuso doméstico, etc. certamente, podemos descrever uma enorme lista que acaba caracterizando o desvio, a queda e a ruína de tantos pastores na igreja.

Um estudo realizado com 246 pastores que haviam sido despojados de seus ministérios, mostrou características comuns entre eles que levaram os referidos ao descrédito e perda de autoridade. Após a pesquisa realizada por Howard Hendricks, ex professor do Dallas Theological Seminary em Dallas, Hendricks compilou quatro características, são elas:

1. Nenhum deles estava envolvido em qualquer prestação de contas a outra pessoa, eles se isolaram acreditando que estavam seguros .Até que foram pegos pela não observância das medidas protetoras indicadas na palavra de Deus.
2. Cada um dos pastores havia cessado seu tempo de devocional diário de oração, meditação na palavra e adoração pessoal. Isso os conduziu a uma vida cada vez menos envolvido com O Senhor da ceia, aumentando em muito a possibilidade de queda que aconteceu posteriormente.
3. Uma grande porcentagem deles se tornaram sexualmente envolvidos em relacionamento extra conjugal, situação que teve origem nas sessões de aconselhamento.
4. Sem exceção, cada um destes pastores estava plenamente convencido e seguro de que aquele tipo de situação jamais aconteceria com eles.

Podemos até considerar a limitação do estudo do Dr. Hendricks, contudo ele nos revela um padrão comumente observado e testificado entre pastores que se desviam do caminho da santidade culminando nos escândalos que enfraquece a igreja e promove a perda de autoridade pastoral .

1. Uma reflexão sobre os dados acima mostrados, podemos tirar algumas lições pertinentes e classificadas como padrão nesta área, que falaremos procurando focar na ajuda e edificação de muitos outros que ainda lutam para permanecer firmes no ministério sagrado.
2. O pecado prospera no isolamento. Deus formou a igreja para ser a comunidade onde as pessoas, inclusive os pastores se ajudem mutuamente a lutar contra as obras das trevas. Os diversos ministérios da

igreja são necessários para que os membros sejam fortalecidos e desta forma tanto pastores, líderes e a comunidade santa seja abastecida com os nutrientes necessários para a manutenção da comunidade dentro dos parâmetros de santidade onde irão refletir em todos os seguimentos e assim a igreja seja edificada, O Cristo seja glorificado e a autoridade da igreja e do ministro seja estabelecida.

Deus nos chama para relacionamentos os quais podemos falar a verdade uns com os outros, confessarmos os nossos pecados uns aos outros e amar de forma suficiente aquele que se desvia no intuito de trazê-lo de volta. Em outras palavras, a igreja é o lugar onde podemos prestar contas e encarar isso como uma bênção na nossa caminhada com Cristo. Em outras palavras, admoesto a fuja do isolamento, pois ele nos torna mais vulnerável aos ataques inimigos, trazendo assim, os escândalos.

A perda da autoridade pastoral se dará pela não observação das instruções ministeriais elencadas na palavra. A ausência do foco ministerial, abre as portas para todas as demais circunstâncias desfavoráveis. Além das mostradas anteriormente e objetivando uma maior reiteração da questão, atentaremos para as instruções específicas do ministério pastoral mostrada em 1 Pedro. Quando o apóstolo escreve sua primeira epístola, no capítulo 5 dos versos 1-4, temos uma noção exata e simplificada da proposta de Deus para o exercício do ministério pastoral. (Ver texto de 1Pe 5.1-4). Mesmo uma simples exegese do texto, teremos luz acerca de toda condução necessária para conhecimento da missão. Transcrevo aqui o texto em foco na íntegra.

“Aos anciãos, que estão entre vós eu exorto, eu que também sou um ancião, e testemunha dos sofrimentos de Cristo, e participante da glória que se há de revelar.” “Alimentai o rebanho de Deus, que está entre vós, assumindo o cuidado dele, não por força, mas voluntariamente; não pela ganância do lucro, mas com um espírito pronto.” “Nem como senhores sobre a herança de Deus, mas como exemplo para o rebanho.” “E quando o sumo Pastor aparecer, recebereis uma coroa de glória incorruptível.”

Depois das exortações de caráter geral dispersas na epístola, exemplo:

1. Santificai a Cristo (3.15),
2. Estai sempre prontos a responder acerca da razão da esperança (3.15),
3. Vivei não segundo as paixões dos homens, mas segundo a vontade de Deus (4.2),
4. Sede hospitaleiros, sem murmuração (4.9)
5. Servi uns aos outros (4.10)

A partir do capítulo 5, o tema continua o mesmo, ou seja, as relações internas entre os cristãos. Para que? Propiciar um ambiente de amor e apoio mútuo, contrapondo os de fora. Deus, por sua parte, garante sua presença, dando forças necessárias. Os líderes que Pedro passa então a exortar são os pastores das igrejas locais, também denominados, presbíteros ou anciãos, isso devido a herança

recebida do esquema de liderança dos judeus, onde por costuma aqueles mais velhos (presbíteros) pastoreavam as igrejas locais. Eram provavelmente eleitos pela comunidade. Pedro também se apresenta como presbítero com eles.

A partir do versículo 2, Pedro mostra a missão pastoral que é caracterizada no pastorear o rebanho de Deus que está entre vós. O modelo mostrado pelo apóstolo, enfatiza a grande responsabilidade ministerial. A negligência da tarefa mostrada, poderá levar a uma desembocadura de desvio no processo culminando com escândalos, perda da autoridade, sequenciado pela falta de credibilidade junto a igreja e a sociedade a qual a igreja está colocada. Estas instruções são as seguintes: negativamente considerada:

1. Pastorear não por constrangimento – os homens em suas limitações estão sujeitos a constrangimentos e desta forma, serem compungidos a aceitarem o serviço dentro destes ditames. Quando isso acontece, há uma tendência ao exercício sem entrega total, sem assumir de coração. Dentro desta perspectiva, há grande possibilidade de desânimo na caminhada, enfado e escândalo.
2. Pastorear por sórdida ganancia. Grande parte dos escândalos que promove a perda da autoridade é originada quando o ministério pastoral é exercido visando o lucro. Na verdade, os pastores eram remunerados conforme texto de 1º Tm. 5.17. O erro é identificado quando o foco é lucrar com o trabalho pastoral. Numa exegese mais apurada do texto entendemos que essa sórdida ganancia é também chamada de lucro vergonhoso. Esse pecado contraria a o objeto principal da missão, também é entendido como alguém que cai da posição a que foi chamado. A glória e o privilégio de ser representante do sumo pastor Jesus não pode de forma alguma ser trocada por dinheiro. Essa questão tem colocado o ministério pastoral em descrédito, principalmente nestes dias com o surgimento das falsas doutrinas cristãs expostas na famigerada teologia da prosperidade que tem causado grandes escândalos em nossa sociedade hodierna, causando assim, o vitupério que tem incluído toda igreja de forma geral.
3. Pastorear não como dominadores. O orgulho e o desejo de poder e conquista tem formado líderes que querem subjugar suas ovelhas à semelhança dos governadores antigos de onde Pedro tirou esta palavra. O sentido do texto significa: “ganhar domínio, ser mestre sobre reinar sobre, conquistar”. A autoridade em pauta não pode ser imposta, mas conquistada dentro dos trâmites bíblicos. A imposição exacerbada do pastor dominador tem frustrado a muitos, levando ao descrédito e a perda da autoridade. E, isto, contribui para os chamados desigrejados, decepcionados com a conduta ditatorial do pastor. Pedro, entretanto, aprendeu diretamente com o Mestre a ser manso e humilde.

Como que para evitar a perda da autoridade, o pastor precisa inculcar os valores positivos mostrados pelo apóstolo.

1. Pastorear de boa vontade, espontaneamente, literalmente como Deus quer, ou como Deus faz, de boa vontade, com disposição e renúncia. Tendo um verdadeiro desejo de servir.
2. Pastorear tornando-se exemplo do rebanho (modelo, tipo). Exemplo de vida moral, padrão a ser seguido. Devem viver de tal forma que seja um tipo. Devem expressar a nova vida do evangelho. Um modelo de serviço abnegado e amoroso como descrito na palavra.
3. Pastorear sem esquecer que possuem um supremo pastor. O maior pastor, primeiro pastor. Lembrando que a igreja tem um só pastor que deu a vida pelas ovelhas. No caráter provisório até chegar ao céu, há necessidade de uma organização eclesiástica para poderem suportar as pressões, testemunhar da fé. Para isso escolhem guias que precisam trilhar o caminho e os ajude também.

A AUTONOMIA DO INDIVÍDUO

Como o ser humano, criado a imagem de Deus é responsável moralmente por suas ações perante Deus e perante aqueles que convivem com ele em sociedade. A importância do indivíduo é demonstrada quando Deus o ama de tal maneira que envia O Seu filho unigênito para morrer numa cruz em sacrifício vicário para promover a salvação desse indivíduo. Desta forma, cada indivíduo torna-se responsável pelas suas decisões tanto morais, sociais e religiosas. Juntamente com esta competência, é capaz de encontrar verdades que o faça trilhar por caminhos, usufruindo assim, da liberdade também concedida para satisfação em todas as áreas da vida.

Contudo, a individualidade se torna nociva quando este direito e benefício ultrapassa os limites. A fronteira do indivíduo é ultrapassada usurpando direitos de outros indivíduos, gerando caos. O conflito recorrente de toda a história se dá pela exaltação do indivíduo acima dos outros. As guerras travadas em busca de domínio sobre a opressão causada por aqueles que no afã de conquistas se utilizam das mais terríveis armas de guerra, inclusive armas psicológicas objetivando dominar, manter controle sobre. E, desta forma alimentarem seu ego cada vez mais exacerbado.

A individualidade corrompida é aquela que desemboca no egoísmo, confunde-se com o egoísmo e conduz ao abismo nos relacionamentos. Os ventos destrutivos sobre nossas famílias e sociedade, uma realidade que atinge a todos, momento espiritual complexo e delicado.

Quando nos deparamos com as palavras do apóstolo Paulo ao jovem pastor Timóteo (2 Tim 3:1-4) admoestando acerca do individualismo nocivo e pragmático dos últimos dias.

Transcrevo na íntegra:

¹ saiba disto: nos últimos dias sobrevirão tempos terríveis.

² os homens serão egoístas, avarentos, presunçosos, arrogantes, blasfemos,

desobedientes aos pais, ingratos, ímpios,

³ sem amor pela família, irreconciliáveis, caluniadores, sem domínio próprio, cruéis, inimigos do bem,

⁴ traidores, precipitados, soberbos, mais amantes dos prazeres do que amigos de Deus,

Observando atentamente o texto acima, podemos identificar as causas pátrias do colapso nos relacionamentos, dos dias difíceis de suportar tanto na história como nos dias atuais. Estes dias difíceis também são considerados: “difícil de suportar, perigoso, ameaçador”. E, qual a razão? Os homens serão amantes de si mesmo. Em outras traduções afirma que os homens serão egoístas. Esse egoísmo tem tudo a ver com a falta de compreensão da linha tênue entre onde começa e termina a autonomia do indivíduo. Ou seja, os homens serão culpados pelos tempos ameaçadores, os quais nossas famílias, igreja e sociedade irão passar. Homens hostis, decaídos, pervertidos, independentes de Deus.

Em relação aos outros, eles os menosprezam, possuem opinião exagerada acerca de si mesmos, pois na sua própria lei (autonomia), se tornaram orgulhosos, pedantes, jactanciosos, arrogantes e altivos a falta de respeito e os conduz a serem caluniadores, pronunciando juízo difamatório. Percebemos que dentro desta expectativa, em suas relações familiares os termos usados por Paulo estão na forma negativa, enfatizando a trágica ausência de qualidades que se era de esperar.

Desobediente aos pais – As escrituras nos ensinam a honrar e respeitar os pais, contudo este ensinamento tem sido desconsiderado pela má compreensão do individualismo. Ingratos – serão mal agradecidos ou destituídos de elementar estima. Irreverentes, sem respeito. Sem afeição, frios, duros de coração, desumano. Temos como exemplo os casos de aborto, onde pai e mãe consentem em matar a criança ainda no ventre. Sem o respeito pela vida e o direito individual. Implacáveis - são os irreconciliáveis, pessoas que nem pensam na possibilidade de diálogo por tamanha revolta.

Em suas relações gerais, eles se tornaram caluniadores– Algumas traduções colocam como sinônimo “diabos”, que significa falar maldades contra os outros. Sem domínio de si – ou seja carente de auto controle. Indomáveis, cruéis inimigos do bem, sem amor para com os bons, traidores, atrevidos, obstinados em palavras e ações, enfatuados, orgulhosos, conotando auto importância, arrogância.

Os egoístas não conseguem observar os limites da sua individualidade, não raciocinam acerca das questões que diz respeito aos próprios membros da família, de seus relacionamentos gerais e pessoais. Desta forma, são gerados relacionamentos disfuncionais, aquelas que não há compreensão adequada acerca do indivíduo com seus direitos e deveres.

CONCLUSÃO

A perda da autoridade aconteceu, é evidente em nossos dias. Os líderes cristãos, pastores agindo contra princípios estabelecidos. A falta de compromisso com a vida em Cristo e o afastamento da vida simples cristã sugerida.

Pecados e condutas imorais, falta de compromisso espiritual que desemboca na superficialidade ministerial levando a falta de sinceridade e transparência, se voltando para as máscaras. Sendo assim, o esvaziamento da autoridade pastoral é estabelecido.

Diante do exposto, concluímos este capítulo fazendo as seguintes colocações:

1. Deus tem o plano de redenção da humanidade. Salvar o que se havia perdido. A salvação viria por intermédio da pregação da mensagem através dos séculos e desembocaria na manifestação do verbo que se fez carne e habitou entre nós.
2. Deus que poderia agir sozinho, preferiu agir em nós, conosco e através de vidas humanas e sujeitas as paixões.
3. A mensagem salvadora possui um padrão ético e precisa que os recipientes e transmissores sejam éticos e santificados para o trabalho.
4. Em todos os tempos, estes servos falharam, colocando em dúvidas a mensagem e o plano e assim, trazendo transtornos perda de autoridade. Contudo, Deus, pela manifestação de Sua graça e constante, perdoa, disciplina e restaura.
5. O plano continua em evidência, apesar da perda de autoridade em diversas situações, apesar das águas encapeladas, apesar dos escândalos inevitáveis, a promessa de que o navio da igreja chegará ao porto seguro pois Deus é o guia que conduz as águas tranquilas como o Bom Pastor.
6. Desta forma, mantenhamos a dedicação aos princípios de buscar a Deus em todas as circunstâncias de forma sincera mantendo vida devocional ativa. Focalizemos no trabalho de edificação daqueles que estão sob a liderança espiritual.

A perda da autoridade pastoral tem produzido um problema espiritual significativo em todos os tempos e principalmente em nossos dias, onde o pastor desviado em sua relação com Deus está desviado da sua vocação, falhando no seu papel como líder estabelecido por Deus dentro da sociedade a qual está inserido.

Que Deus ministre Sua abundante graça em nossas vidas.

Gilberto Cipriano do Nascimento

É historiador (Universidade Estácio de Sá), especialista em Educação de Jovens e Adultos (Universidade Estácio de Sá) e em Tecnologias Educacionais e Educação a Distância pelo (IFRN). Possui também especialização em Filosofia (FAVENI) e em Teologia e Educação Cristã (FASU). É formado em Liderança Cristã pela Faculdade Internacional Cidade Viva. Concluindo a especialização em História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena (FACIBE). Mestre em Teologia pelo Instituto de Formação Acadêmica (FATEB). Mestrando em Educação pela Ecumenical World University Estado da Flórida – EUA. Atua como professor, pastor, escritor, palestrante e líder com experiência na área de Educação, com ênfase em formação cristã.

Livros publicados pelo autor:

- **As Sequelas do Escravismo no Brasil Contemporâneo.** 1ª ed. Ponta Grossa – PR: Aya Editora, 2025. 100p.
- **A Educação Cristã no Brasil e a Escola Pública do Século XXI.** 1ª ed. Ponta Grossa: Aya Editora, 2024. 47p.
- **Sala de Aula Invertida: Uma Metodologia de Interação para o Ensino-Aprendizagem de Sujeitos da EJA.** 1ª ed. Ponta Grossa: Aya Editora, 2023. 73p.
- **Sala de Aula Invertida: Uma Metodologia de Interação para o Ensino-Aprendizagem de Sujeitos da EJA.** 1ª ed. Ponta Grossa: Aya Editora, 2023. 72p. (edição alternativa)
- **Desafios da educação na contemporaneidade 7 - Educação no Brasil e a cultura digital - Gilberto Cipriano do Nascimento.** Capítulo 27; Ponta Grossa: Aya Editora, 2023. 424p.
- **Saberes Tecnológicos para Práticas Pedagógicas.** Capítulo 1 – Organizador. 1ª ed. Rio de Janeiro: AG Publicações, 2021.

Aluísio Moreira da Silva Junior

Escritor. Pastor da Igreja Batista Belém - RJ. Mestrado em Teologia com especialização em Ministério Pastoral pelo Luther Rice Seminary (Atlanta/USA). Pós-Graduando em Psicologia Pastoral pela FATIN (Faculdade de Teologia Integrada). Professor do Seminário Teológico Evangélico Batista Nacional do RJ (CBN). Professor do Seminário Bíblico Batista do RJ (CBB). Ex-Presidente da CBN-RJ (Convenção Batista Nacional RJ).

Livros publicados pelo autor

- VISÃO DIRECIONADA - de olho no X da questão. Rio de Janeiro/RJ. AG Publicações, 2015. 96 páginas.
- AUTORIDADE ESPIRITUAL Você vai entender! Rio de Janeiro/RJ. AG Publicações, 2015. 128 páginas.
- PRINCÍPIOS INCONTESTÁVEIS DA LIDERANÇA. Rio de Janeiro/RJ. AG Publicações, 2016. 128 páginas.
- O PODER TRANSFORMADOR DO COACHING. Rio de Janeiro/RJ. AG Publicações, 2018. 156 páginas
- OS DOZE - Ensinaamentos dos Discípulos. Rio de Janeiro/RJ. AG Publicações, 2020. 192 páginas
- HUMANAMENTE. Rio de Janeiro/RJ. AG Publicações, 2020. 320 p.

Antônio Soares de Oliveira Filho

Formação Acadêmica: Professor da rede pública estadual do Rio Grande do Norte na Educação Básica. Ministra aulas na Disciplina – Matemática do 6º ao 9º Ensino Fundamental e Médio. Licenciatura em Matemática – UFRSA. Bacharel em Teologia e Licenciado em ciência da religião pelo INTA – CE. Bacharel em Teologia pela ESTEADDEB – Mossoró -RN. Cursando também disciplinas isoladas no Seminário Teológico Batista Potiguar.

Pós-Graduação: Psicopedagogia Institucional – Fatin (2007). Tecnologia e Metodologias Educacionais para o Século XXI – UFScar (2019). Tecnologias Educacionais e Ead -IFRN(2021). Mestrado em Educação – UNIVAS (2020). Doutorando em Ciências da Educação pela World University Ecumenical – EUA – Flórida.



AYA EDITORA
2025